Português

Literatura – Brasileira – Modernismo (3 Fase) – [Fácil]

01 - (FEEVALE RS)

I. “Viver é muito perigoso.”

II. “Ao vencedor as batatas.”

III. “E agora, José?”

As frases acima são, respectivamente, de:

a) Machado de Assis, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade.

b) Graciliano Ramos, Machado de Assis, Manuel Bandeira.

c) Guimarães Rosa, Lima Barreto, Mário de Andrade.

d) Guimarães Rosa, Machado de Assis, Vinícius de Morais.

e) Guimarães Rosa, Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade.

02 - (ITA SP)

Leia o poema abaixo:

O ENGENHEIRO

A Antonio B. Baltazar.

A luz, o sol, o ar livre

envolvem o sonho do engenheiro.

O engenheiro sonha coisas claras:

superfícies, tênis, um copo de água.

O lápis, o esquadro, o papel;

o desenho, o projeto, o número;

o engenheiro pensa o mundo justo,

mundo que nenhum véu encobre.

(Em certas tardes nós subíamos

ao edifício. A cidade diária,

como um jornal que todos liam,

ganhava um pulmão de cimento e vidro.)

A água, o vento, a claridade,

de um lado o rio, no alto das nuvens,

situavam na natureza o edifício

crescendo de suas forças simples.

(João Cabral de Melo Neto. *O engenheiro*)

NÃO se pode afirmar que o poema:

a) Produz o sentido de onjetividade e racionalidade.

b) Apresenta um certa precisão geométrica.

c) Apresenta princípios prosaicos típicos da poesia do início do século.

d) Apresenta forma equilibrada com o uso cuidadoso das palavras.

e) Não apresenta descrições intimistas.

03 - (PUC MG)

Todas as equivalências entre as personagens indicadas atestam ser “Morte e vida severina” um auto de Natal pernambucano, **EXCETO**:

a) mestre carpina = São José.

b) mulher residente nos mocambos = anjo da anunciação.

c) cigana = Virgem Maria.

d) vizinhos e amigos = reis magos.

e) filho do mestre carpina = menino Jesus.

04 - (PUC MG)

Todos os trechos, extraídos de “Morte e vida severina” e “O cão sem plumas”, utilizam a personificação como recurso expressivo, **EXCETO**:

a) “Vejo que o Capibaribe,/ como os rios lá de cima,/ é tão pobre que nem sempre/ pode cumprir sua sina/ e no verão também corta,/ com pernas que não caminham.”

b) “Terás de terra/ completo agora o teu fato:/ e pela primeira vez, sapato.”

c) “Aquele rio/ era como um cão sem plumas./ Nada sabia da chuva azul,/ da fonte cor-de-rosa,/ da água do copo de água (...)”

d) “Na água do rio,/ lentamente,/ se vão perdendo/ em lama; numa lama/ que pouco a pouco/ também não pode falar:/ que pouco a pouco/ ganha os gestos defuntos/ da lama (...)”

e) “Aquele rio/ saltou alegre em alguma parte?/ Foi canção ou fonte/ em alguma parte?/ Por que então seus olhos/ vinham pintados de azul/ nos mapas?”

05 - (PUC PR)

A gente nas calçadas

- Por que é que deixou de falar?

Estávamos todos a ouvi-lo.

- Ao passar estava falando,

vinha conversando consigo.

- Por que agora caminha mudo

se estava falando a princípio?

- Decerto o forçaram a calar-se.

Até os gestos lhe são proibidos.

- Fazem-no calar porque, certo,

sua fala traz grande perigo.

- O que lhe ouvi na rua do Crespo

foi "mar azul" e "sol mais limpo".

- Receiam que faça falando

desta procissão um comício.

- Dizem que ele é perigo, mesmo

falando em frutas, passarinhos.

(MELO NETO, João Cabral de. Auto do Frade. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1999. p.476.)

Sobre o trecho extraído do drama poético Auto do Frade pode-se afirmar:

a) O poema exprime a dor do povo (gente nas calçadas) causada pela perda de seu herói.

b) O fragmento citado corresponde a uma aparição passageira dos populares, reprimidos pelos soldados do Rei de Portugal.

c) Ao tratar da censura à fala do condenado, o poema cumpre seu papel de denunciar a tortura e a censura, exercidas pelo governo colonial.

d) O fragmento exalta os dotes oratórios do condenado, capazes de comover seus algozes.

e) Os versos exprimem a força política e revolucionária das palavras de Frei Caneca.

06 - (UFPE)

Relacione aos autores as características de suas obras e os fatos a eles vinculados.

1) Mario de Andrade
2) Lima Barreto
3) João Cabral de Mello Neto
4) Gilberto Freyre
5) José Lins do Rego

( ) Poeta, romancista, contista crítico literário, folclorista, em "Paulicéia Desvairada", alcança a maturidade poética. Em alguns de seus poemas, de ironia feroz e ácida, expressa sua angústia social. Sua obra principal, que classifica como rapsódia, pela variedade de abordagens, identifica-o com o nacionalismo primitivista.

( ) Pertenceu à geração de 45, cujo formalismo ultrapassou, constituindo uma poética centrada nos objetos, que elimina o EU. Com linguagem despojada, escreve "O Cão Sem Pluma", transformando daí em diante sua poesia numa lenta e sofrida pesquisa de expressão

( ) Em seu livro mais importante, analisa o processo de formação da família brasileira. Cientista social, é também escritor sensível que une pesquisa e imaginação, em estilo inconfundível. Além das obras científicas, conhecidas mundialmente, escreveu um romance e um livro de poemas.

( ) Mestiço, teve uma vida difícil, enfrentando preconceitos e injustiças. Romancista, situou-se num período a que chamamos Pré-Modernismo, pois já apresenta traços de modernidade. Em estilo fluente, porém descuidado, narrou em sua obra principal a história de um patriota visionário.

( ) Pertenceu ao chamado Romance Regional de 30. Suas principais narrativas, às quais acrescenta traços autobiográficos, situam-se na zona canavieira, abordando aspectos da decadência econômica e social dos engenhos de açúcar.

A seqüência correta é:

a) 1, 2, 3, 4, 5

b) 5, 3, 4, 2, 1

c) 4, 2, 1, 3, 5

d) 1, 3, 4, 2, 5

e) 3, 2, 1, 4, 5

07 - (PUC SP)

A respeito de "A Hora da Estrela", de Clarice Lispector, indique a alternativa que NÃO confirma as possibilidades narrativas do romance.

a) Livro com muitos títulos que se resumem à história de uma inocência pisada, de uma miséria anônima.

b) História do narrador Rodrigo M. S., que se faz personagem, narrando-se a si mesmo e competindo com a protagonista.

c) História da própria narração, que conta a si mesma, problematizando a difícil tarefa de narrar.

d) História de Macabéa, moça anônima e que não fazia falta a ninguém.

e) História de Olímpico de Jesus, paraibano e metalúrgico, vivendo o mesmo drama de Macabéa e identificando-se com ela.

08 - (UFV MG)

Sobre a obra de Cyro dos Anjos, "O Amanuense" Belmiro, é INCORRETO afirmar que:

a) a obra é um documentário atento e criativo sobre a vida urbana, marcado pela introspecção psicológica, e por uma elegância simples e clássica.

b) o romance se constrói em um estilo alegre e descontraído, que vai percorrendo toda a trajetória do extrovertido amanuense Belmiro.

c) nessa obra de ficção urbana e subjetiva, o autor não privilegia o monólogo interior, mas recorre ao diálogo, ao relato irônico e à análise sentimental.

d) no romance, o escritor narra, em primeira pessoa, a rotina de um homem infeliz, solteirão nostálgico, que se liberta pelo senso lírico da vida.

e) trata-se do "diário" de um burocrata lírico, sentimental e tolhido pelo excesso de vida interior, que busca libertar-se pela escrita de suas memórias.

09 - (UFMG)

Em "Poema sujo", de Ferreira Gullar, lêem-se, sobre a condição do poeta, as seguintes palavras:

sozinho na tarde no planeta na história.

Associadas ao poema, essas palavras permitem todas as seguintes interpretações, EXCETO

a) São indicativas da associação, central no livro, entre o individual e o coletivo, o cósmico e o histórico.

b) São indicativas de um procedimento presente no livro, que consiste em demarcar o tempo pelas partes do dia.

c) São indicativas de um sentimento de solidão que perpassa o livro, já que o poema foi escrito no exílio, em Buenos Aires.

d) São indicativas do individualismo do poeta, ao revelar sua posição de orgulhoso isolamento das coisas do mundo.

10 - (UFMG)

Considerando-se a narrativa de "O amanuense Belmiro", é INCORRETO afirmar que a obra

a) se baseia nas conquistas amorosas do narrador, constituindo-se, assim, num romance de aventuras.

b) consiste nas reflexões do narrador sobre sua própria experiência, sendo, portanto, um romance introspectivo.

c) obedece a uma seqüência cronológica, embora contenha diversas reminiscências do narrador.

d) se refere a acontecimentos históricos da época, que chegam a afetar a vida de alguns personagens.

11 - (UFSM RS)

"Na fuga, no descanso, quando deu à luz ou bicando milho - era uma cabeça de galinha, a mesma que fora desenhada no começo dos séculos. Até que um dia mataram-na, comeram-na e passaram-se anos."

Esse é um fragmento do conto "Uma galinha", de Clarice Lispector. Nesse conto, o segmento "mataram-na, comeram-na" remete para uma relação entre a galinha e

a) os circundantes, isto é, os indivíduos.

b) animais de outras espécies.

c) outras galinhas.

d) o ambiente rural.

e) as pestes que são próprias da sua espécie

12 - (UEL PR)

No livro "Laços de família", de Clarice Lispector, o conto "Feliz aniversário" apresenta uma reunião familiar para uma festa de aniversário. Identifique a única opção que contém a caracterização correspondente à personagem da aniversariante:

a) "... arrumara a mesa cedo, enchera-a de guardanapos de papel colorido e copos de papelão alusivos à data, espalhara balões sugados pelo teto..."

b) ... como tendo sido tão forte pudera dar à luz aqueles seres opacos, com braços moles e rostos ansiosos?"

c) "... na fila oposta das cadeiras fingindo ocupar-se com o bebê para não encarar a concunhada de Olaria..."

d) "... não sabia o que fazer, olhou para todos em pedido cômico de socorro. Mas, como máscaras isentas e inapeláveis, de súbito nenhum rosto se manifestava."

e) "... servia como uma escrava, os pés exaustos e o coração revoltado."

13 - (UFRN)

No último parágrafo de "Famigerado", de Guimarães Rosa, o personagem Damázio faz seguinte reflexão:

"Não há como que as grandezas machas duma pessoa instruída!"

Considerando os indícios presentes nessa fala, assinale a opção correspondente à temática desenvolvida no conto em questão.

a) O senso de justiça e a rudeza dos costumes

b) O conhecimento lingüístico e as relações de poder

c) A religiosidade na sabedoria do homem sertanejo

d) A expressão do humor na cultura popular

14 - (UFES)

"Libertinagem" e "A educação pela pedra" exemplificam poéticas distintas de poetas que representam fases diferentes do Modernismo. Os poemas transcritos indicam bem essa diferença, a despeito de ambos apresentam configurações metalingüísticas. A partir disso, leia os poemas e as afirmativas seguintes e assinale a alternativa CORRETA.

Poética

Estou farto do lirismo comedido

Do lirismo bem comportado

Do lirismo funcionário público com livro de ponto

expediente protocolo e manifestações de

apreço ao sr. Diretor

Estou farto do lirismo que pára e vai averiguar no

dicionário o cunho vernáculo de um vocábulo

Abaixo os puristas

Todas as palavras sobretudo os barbarismos

universais

Todas as construções sobretudo as sintaxes de

exceção

Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis

Estou farto do lirismo namorador

Político

Raquítico

Sifilítico

De todo lirismo que capitula ao que quer seja

fora de si mesmo.

[...]

- Não quero mais saber do lirismo que não é

libertação.

CATAR FEIJÃO

Catar feijão se limita como escrever:

jogam-se os grãos na água do alguidar

e as palavras na da folha de papel;

e depois, joga-se fora o que boiar.

Certo, toda palavra boiará no papel,

água congelada, por chumbo seu verbo:

pois para catar esse feijão, soprar nele,

e jogar fora o leve e oco, palha e eco.

2

Ora, nesse catar feijão entra um risco:

o de que entre os grãos pesados entre

um grão qualquer, pedra ou indigesto,

um grão imastigável, de quebrar o dente.

Certo não, quando ao catar palavras:

a pedra dá à frase seu grão mais vivo:

obstrui a leitura fluviante, flutual,

açula a atenção, isca-a com o risco.

I - Em "Catar feijão", o poema ressalta o fazer poético como fruto de um trabalho, indo de encontro à idéia de inspiração ao compará-lo com uma tarefa cotidiana. Em "Poética", o poeta revela uma vontade de ruptura com um tipo de fazer poético tradicional.

II - João Cabral, já chamado de o "poeta engenheiro", considera separar palavras o único ato importante do fazer poético, enquanto Manuel Bandeira pensa exatamente o contrário, fazendo uma crítica do procedimento de Cabral na 2 estrofe de seu poema acima transcrito.

III - "Poética" prescreve um tipo de lirismo que leve em consideração apenas a linguagem culta e erudita, prática que foi seguida pelo poema "Catar feijão".

IV - Em "Catar feijão", o exemplo dos vocábulos remete para uma ambigüidade que tem em "limita" (verso 1) um exemplo da opinião do poeta de que a poesia é superior ao mundo do trabalho, ao contrário de "Poética" - no 2°, 3°, 5° e último versos -, que clama ao trabalhador uma revolução social.

a) Nenhuma das afirmativas está correta.

b) Apenas a afirmativa I está correta.

c) Apenas a afirmativa II está correta.

d) Apenas a afirmativa III está correta.

e) Apenas a afirmativa IV está correta.

15 - (PUC PR)

Sobre "Morte e vida severina", de João Cabral de Melo Neto, é incorreto afirmar:

a) O nascimento de uma criança, no final do poema, relativiza a idéia de que, no Nordeste, a morte sempre se sobrepõe à vida.

b) Escrito na década de 50, o poema tem sido adaptado freqüentemente para o teatro e a televisão, o que contribuiu grandemente para sua popularização.

c) Trata-se de um poema dramático que tem como subtítulo "Auto de Natal pernambucano".

d) O contraste entre vida e morte ganha contornos paradoxais quando, chegando ao Recife, Severino, em vez de se encantar com o rio que "não seca, vai toda vida", pensa em suicidar-se em suas águas.

e) No poema, o único espaço social em que ricos e pobres se igualam é o cemitério.

16 - (UFSM RS)

O primeiro parágrafo de "O continente I", de Erico Verissimo, começa com as seguintes palavras:

"Era uma noite fria de lua cheia. As estrelas cintilavam sobre a cidade de Santa Fé, que de tão quieta e deserta parecia um cemitério abandonado."

No final de "O arquipélago III", Floriano prepara-se para escrever uma narrativa baseada em seus antepassados e escreve:

"Era uma noite fria de lua cheia. As estrelas cintilavam sobre a cidade de Santa Fé, que de tão quieta e deserta parecia um cemitério abandonado."

A repetição dos parágrafos que determinam um jogo temporal

a) faz o romance pertencer ao gênero lírico, sendo esse recurso característica essencial do paralelismo.

b) não tem justificativa, pois "O tempo e o vento" não é um romance cíclico.

c) não tem importância num romance cuja idéia dominante é a saga de um povo.

d) ocorre porque Erico Verissimo pretendia escrever mais capítulos do romance.

e) ocorre porque a idéia dominante é a do romance cíclico; assim, o começo do romance de Floriano termina o romance de Erico Verissimo.

17 - (PUC PR)

A história da poesia brasileira no século XX pode ser dividida em cinco momentos:

I. A coexistência do Parnasianismo e do Simbolismo.

II. O Modernismo, iniciado oficialmente com a Semana de Arte Moderna.

III. A Geração de 45.

IV. O Concretismo.

V. A poesia contemporânea.

Numere as características abaixo de acordo com essa divisão e assinale a alternativa que contém a seqüência encontrada:

( ) Incorporação do espaço gráfico.

( ) Ruptura com o formalismo da estética anterior.

( ) O culto da forma, seja na técnica de composição, seja na expressividade sonora.

( ) Misticismo e retomada da tradição formal.

( ) Metapoética e experimentalismo.

a) II, III, IV, I e V.

b) IV, V, II, I e III.

c) II, III, V, I e IV.

d) IV, II, I, III e V.

e) V, IV, II, I e III.

18 - (PUC PR)

Considere a maneira como alguns autores brasileiros abordam em suas obras assuntos relacionados à religiosidade, à fé e às crenças populares e assinale a alternativa verdadeira:

a) Machado de Assis, em "Dom Casmurro", relata a súbita mudança de opinião religiosa da mãe de Bentinho, que a fez abrir mão da promessa de encaminhar o menino à vida religiosa.

b) Em "Morte e vida severina", de João Cabral de Melo Neto, as personagens que se apresentam como ciganas do Egito prevêem um futuro tranqüilo para o recém-nascido.

c) Em "Sagarana", de Guimarães Rosa, várias personagens acreditam na força de entidades mágicas; são exemplos as experiências dos protagonistas de "São Marcos" e de "Corpo fechado".

d) A maneira distante com que Adélia Prado observa a tradição católica resulta em uma visão impessoal em relação aos personagens e assuntos religiosos.

e) Em "Quase memória", de Carlos Heitor Cony, o narrador guarda somente más lembranças dos padres com quem conviveu quando estudava no Seminário.

19 - (UFRGS)

Sobre Guimarães Rosa, considere as afirmações abaixo.

I. Situa sua obra na paisagem mineira, manifestando preocupações de ordem metafísica e valendo-se de uma linguagem inventiva, rica em neologismos, formas da oralidade e liberdades lingüísticas.

II. O sertão, na obra do autor, pode ser visto como a metáfora do mundo, pois nele têm lugar reflexões que, poeticamente, transcendem a realidade regional e social.

III. É um regionalista que se atém à descrição da paisagem mineira e ao falar mineiro, tendo a sua obra a mesma dimensão pitoresca daquelas realizadas pelos regionalistas anteriores.

Quais estão corretas?

a) Apenas I.

b) Apenas I e II.

c) Apenas I e III.

d) Apenas III.

e) I, II, III.

20 - (UFRGS)

Em relação aos contos de Clarice Lispector, analise os itens abaixo.

I. Denúncia da violência na cidade moderna, privilegiando a visão externa aos acontecimentos e a sua avaliação.

II. Preocupação em revelar a realidade social, apontando maneiras de sobrepor-se aos obstáculos que impedem a ascensão social.

III. Narrativa intimista, preocupada em revelar o interior das personagens, que se encontram freqüentemente em processo de autoconhecimento.

Quais deles predominam nos contos da autora?

a) Apenas I.

b) Apenas II.

c) Apenas III.

d) Apenas I e III.

e) I, II e III.

21 - (FUVEST SP)

A narração hesitante e digressiva, em constante auto-exame, não se limita apenas a registrar o sentimento de culpa do narrador, mas traduz, também, uma autocrítica radical, em que ele questiona sua própria posição de classe e, com ela, a própria literatura.

Esta afirmação aplica-se a:

a) "Memórias de um sargento de milícias".

b) "Memórias póstumas de Brás Cubas".

c) "Morte e vida severina".

d) "O primo Basílio".

e) "A hora da estrela".

22 - (UFPE)

"Severino retirante,

Deixe agora que lhe diga:

Eu não sei bem a resposta

Da pergunta que fazia

Se não vale mais saltar

Fora da ponte e da vida:

Nem conheço essa resposta,

Se quer mesmo que lhe diga;

Ainda mais quando ela é

Esta que vê, severina;

Mas se responder não pude

à pergunta que fazia,

Ela, a vida, a respondeu

Com sua presença viva."

(João Cabral de Meio: "Morte e vida severina")

Sobre o poema de João Cabral, assinale a alternativa INCORRETA.

a) Escrito em versos, é um auto de Natal nordestino e tem como personagem principal, Severino, um favelado recifense, que quer saltar "fora da ponte e da vida",

b) Os versos transcritos representam a voz de outro personagem (seu José, o mestre Carpina), que dá a Severino alguma esperança.

c) "A vida a respondeu com sua presença viva" é alusão ao filho recém-nascido de seu José.

b) A expressão SEVERINA (formada por derivação imprópria) significa aqui, anônimo, igual aos demais, e realça a linguagem despojada do texto.

e) A poesia de Cabral é engajada com o seu meio, embora contida, chegando a demonstrar desprezo pela confissão sentimental.

23 - (UFC CE)

Clarice Lispector se dizia uma escritora "sentidora". O termo se justifica porque Clarice:

I. registrava impressões, idéias e sentimentos, guiando-se pelo fluxo da consciência.

II. sondava a mente das personagens, privilegiando assim a seqüência das ações e suas causas.

III. separava com rigor os mundos interno e externo das personagens, a imaginação e a realidade.

A análise das afirmativas nos permite afirmar corretamente que:

a) apenas I é verdadeira.

b) apenas II é verdadeira.

c) apenas III é verdadeira.

d) I e II são verdadeiras.

e) I e III são verdadeiras.

24 - (UFC CE)

Sobre Clarice Lispector e sua obra, pode-se afirmar corretamente que:

a) "Laços de Família" foi sua primeira obra publicada.

b) "Perto do Coração Selvagem" é uma obra neo-realista.

c) os temas ligados à existência desaparecem em "Laços de Família".

d) seus escritos reúnem crônicas, romances e narrativas infanto-juvenis.

e) a história literária situa a escritora na segunda fase do Modernismo brasileiro.

25 - (UFMG)

Leia estes trechos:

Dizem-se, estórias. Assim mesmo, no tredo estado em que tacteia, privo, mal-existente, o que é, cabidamente, é o filho tal-pai-tal; o "cão", também, na prática verdade.

GUIMARÃES ROSA, João. A benfazeja. "Primeiras estórias", 45. ed., p.116.

O pecurrucho tinha cabeça chata e Macunaíma inda a achatava mais batendo nela todos os dias e falando pro guri:

- Meu filho, cresce depressa pra você ir pra São Paulo ganhar muito dinheiro.

ANDRADE, Mário de. "Macunaíma", 31.ed., p, 28.

Com base nessa leitura, é INCORRETO afirmar que os dois trechos

a) assinalam a semelhança indiscutível entre pai e filho.

b) reescrevem, à sua maneira, ditados e expressões populares.

c) referem-se a situações que envolvem pai e filho.

d) utilizam a linguagem coloquial do povo brasileiro.

26 - (UFMG)

Com relação aos contos "A terceira margem do rio" e Partida do audaz navegante", de PRIMEIRAS ESTÓRIAS, de João Guimarães Rosa, é INCORRETO afirmar que ambos constituem narrativas que

a) focalizam uma situação de separação vivida pelas personagens.

b) se constroem a partir da focalização de uma situação familiar.

c) se constroem a partir do ponto de vista de um narrador em primeira pessoa.

d) se constroem a partir do ponto de vista infantil de um narrador-menino.

27 - (UNIRIO RJ)

A bola não é inimiga

como o touro, numa corrida

e embora seja um utensílio

caseiro e que se usa sem risco,

não é o utensílio impessoal,

sempre manso, de gesto usual:

é um utensílio semivivo,

de reações próprias como bicho,

e que, como bicho, é mister

(mais que bicho, como mulher)

usar com malícia e atenção

dando aos pés astúcias de mão.

(João Cabral de Melo Neto)

Sobre o poema, e sua inserção no universo poético do autor, é correto afirmar que a(o):

a) singularidade no tratamento da temática une-se à simplicidade vocabular.

b) complexidade temática afasta o poeta das proposições modernistas.

c) vocabulário e a sintaxe rebuscada traduzem preocupação metafísica.

d) predomínio do onírico é constante como traço surrealista da poesia de Cabral.

e) exagero de sentimentos manifesta-se na escolha lexical tipicamente parnasiana.

28 - (UFSM RS)

A ação da narrativa, composta por cenas do cotidiano, passa-se em Porto Alegre, na primeira metade do século.

Essa característica se refere a

a) MORANGOS MOFADOS, de Caio Fernando Abreu.

b) INFÂNCIA, de Graciliano Ramos.

c) O SENHOR EMBAIXADOR, de Érico Verissimo.

d) AS PARCERIAS, de Lya Luft.

e) OS RATOS, de Dyonelio Machado.

29 - (UFSM RS)

"Era uma velha sequinha que, doce e obstinada, não parecia compreender que estava só no mundo. Os olhos lacrimejavam sempre, as mãos repousavam sobre o vestido preto e opaco, velho documento de sua vida. No tecido já endurecido encontravam-se pequenas crostas de pão coladas pela baba que lhe ressurgia agora em lembrança do berço."

Clarice Lispector

Pelo fragmento citado, percebe-se que, na obra de Clarice Lispector,

a) as personagens estão constantemente chorando a perda de um ente querido.

b) o menor abandonado é objeto de paixão e solidariedade.

c) o estilo naturalista é marcado pelas referências à decomposição da matéria.

d) as personagens, envolvidas em seu próprio mundo, estranham ou ignoram o mundo circundante.

e) as mulheres, em geral, aspiram a entrar no mercado de trabalho.

30 - (UEL PR)

Enquanto o Brasil modernizava-se e industrializava-se, nos anos do chamado "desenvolvimentismo", este romance - sem abrir mão de uma linguagem revolucionariamente moderna - mergulhou fundo tanto nas experiências concretas quanto no imaginário dos homens rústicos de uma região até então pouco representada em nossa literatura.

O período acima refere-se a

a) GABRIELA, CRAVO E CANELA.

b) GRANDE SERTÃO: VEREDAS.

c) MACUNAÍMA.

d) OS SERTÕES.

e) USINA.

31 - (UFMG)

Todas as alternativas apresentam características de FELICIDADE CLANDESTINA, de Clarice Lispector, EXCETO

a) Ausência de fronteiras rígidas entre os gêneros, revelada na mistura de prosa e poesia.

b) Linguagem caracterizada por oralidade e coloquialismo, segundo o Modernismo de 22.

c) Narração introspectiva, marcada por uma subjetividade que se projeta sobre o mundo narrado.

d) Relativização do tempo cronológico, com embaralhamento de passado e presente.

32 - (FUVEST SP)

Em "Vidas secas" e em "Morte e vida severina", os retirantes Fabiano e Severino

a) são quase desprovidos de expressão verbal, o que lhes dificulta a comunicação até mesmo com os mais próximos.

b) encontram na relação carinhosa com os filhos sua única fonte permanente de ternura em um meio hostil.

c) surgem como flagelados, que fogem das regiões secas, mas se decepcionam quando chegam ao Recife.

d) são homens rústicos e incultos, que não possuem habilidades técnicas ou ofícios que lhes permitam trabalhar.

e) aparecem como oprimidos tanto pelo meio agreste quanto pelas estruturas sociais.

33 - (FUVEST SP)

Sinha Vitória falou assim, mas Fabiano resmungou, franziu a testa, achando a frase extravagante. Aves matarem bois e cabras, que lembrança! Olhou a mulher, desconfiado, julgou que ela estivesse tresvariando.

(Graciliano Ramos, "Vidas secas")

Uma das características do estilo de "Vidas secas" é o uso do discurso indireto livre, que ocorre no trecho

a) "Sinha Vitória falou assim".

b) "Fabiano resmungou".

c) "franziu a testa".

d) "que lembrança".

e) "olhou a mulher".

34 - (FUVEST SP)

Essa vida por aqui

é coisa familiar;

mas diga-me retirante,

sabe benditos rezar?

sabe cantar excelências,

defuntos encomendar?

sabe tirar ladainhas,

sabe mortos enterrar?

(João Cabral de Melo Neto, "Morte e vida severina")

Neste contexto, o verso "defuntos encomendar" significa

a) ordenar a morte de alguém.

b) lavar e vestir o defunto.

c) matar alguém.

d) preparar a urna funerária.

e) orar pelo defunto.

35 - (UFSM RS)

Assinale a alternativa correta a respeito de PRIMEIRAS ESTÓRIAS, de Guimarães Rosa.

a) Os enredos giram em torno das personagens Riobaldo e Diadorim.

b) Em todos os contos, como marca compositiva do autor, o narrador é de primeira pessoa.

c) Entre os personagens, destacam-se seres rústicos e exóticos, ao gosto de Rosa.

d) Os temas alternam situações passadas no sertão e flagrantes das grandes metrópoles.

e) A linguagem dos contos segue os padrões da norma culta e está adequada à tradição da narrativa ficcional.

36 - (UFES)

É CORRETO afirmar que nos contos de "Laços de família", de Clarice Lispector,

a) tal como em "Gota d'água", de Chico Buarque & Paulo Pontes, aparecem personagens proletários e malandros do submundo carioca.

b) tal como em "O país d'el rey", de Roberto Almada, busca-se no Brasil urbano e pós-moderno o espaço privilegiado para a ação.

c) tal como em "Noite na taverna", de Álvares de Azevedo, ocorrem casos de homicídio, suicídio e antropofagia.

d) tal como em "Quincas Borba", de Machado de Assis, são insistentes as chamadas e referências a um suposto leitor.

e) tal como em "O burrinho pedrês" de Guimarães Rosa, os personagens não se envolvem em questões de caráter político-partidário.

37 - (UEL PR)

Eu estava agora tão maior que não me via mais. Tão grande como uma paisagem ao longe. Eu era ao longe. (...) como poderei dizer senão timidamente assim: a vida se me é. A vida se me é, e eu não entendo o que digo.

O fragmento anterior revela a crise mesma do ato de criação, a dificuldade de colocar em palavras as sensações mais profundas e silenciosas - o que é um dos traços característicos da prosa ficcional de

a) Clarice Lispector.

b) Mário de Andrade.

c) Érico Veríssimo.

d) Euclides da Cunha.

e) Marques Rebelo.

38 - (UEL PR)

Na década de 50 deste século, ocorreram fatos de relevo em nossa literatura:

I. João Guimarães Rosa publicou o romance GRANDE SERTÃO: VEREDAS e as novelas de CORPO DE BAILE.

II. Surgiu o movimento de vanguarda conhecido como Poesia Concreta.

III. Estreou João Cabral de Melo Neto, com seu livro de poemas A LUTA CORPORAL.

Está INCORRETO o que vem afirmado APENAS em

a) I.

b) II.

c) III.

d) I e II.

e) I e III.

39 - (UNIRIO RJ)

A partida dos homens

1 Aproximou-se da janela, sentiu frio nos ombros nus, olhou a terra onde as plantas viviam quietas. O globo movia-se e ela estava sobre ele de pé. Junto a uma janela, o céu por cima, claro, infinito. Era inútil abrigar-se na dor de cada caso, revoltar-se contra os acontecimentos,

porque os fatos eram apenas um rasgão no vestido, de novo a seta muda indicando o fundo das coisas, um rio que seca e deixa ver o leito nu.

2 A frescura da tarde arrepiou sua pele, Joana não conseguiu pensar nitidamente - havia alguma coisa no jardim que a deslocava para fora de seu centro, fazia-a vacilar... Ficou de sobreaviso. Algo tenta mover-se dentro dela, respondendo, e pelas paredes escuras de seu corpo subiam ondas leves, frescas, antigas. Quase assustada, quis trazer a sensação à consciência, porém cada vez mais era arrastada para trás numa doce vertigem, por dedos suaves. Como se fosse de manhã. Perscrutou-se, subitamente atenta como se tivesse avançado demais. De manhã?

3 De manhã. Onde estivera alguma vez, em que terra estranha e milagrosa já pousara para agora sentir-lhe o perfume? Folhas secas sobre a terra úmida. O coração apertou-se-lhe devagar, abriu-se, ela não respirou um momento esperando... Era de manhã, sabia que era de manhã... Recuando como pela mão frágil de uma criança, ouviu, abafado como em sonho, galinhas arranhando a terra. Uma terra quente, seca... o relógio batendo tin-dlen...tin...dlen... o sol chovendo em pequenas rosas amarelas e vermelhas sobre as casas... Deus, o que era aquilo senão ela mesma? mas quando? não sempre...

4 As ondas cor-de-rosa escureciam, o sonho fugia. Que foi que perdi? que foi que perdi? Não era Otávio, já longe, não era o amante, o homem infeliz nunca existira. Ocorreu-lhe que este deveria estar preso, afastou o pensamento impaciente, fugindo, precipitando-se... Como se tudo participasse da mesma loucura, ouviu subitamente um galo próximo lançar seu grito violento e solitário. Mas não é de madrugada, disse trêmula, alisando a testa fria... O galo não sabia que ia morrer! O galo não sabia que ia morrer! Sim, sim: papai que é que eu faço? Ah, perdera o compasso de um minueto... Sim... o relógio batera tin-dlen, ela erguera-se na ponta dos pés e o mundo girava muito mais leve naquele momento. Havia flores em alguma parte? e uma grande vontade de se dissolver até misturar seus fios com o começo das coisas. Formar uma só substância, rósea e branda - respirando mansamente como um ventre que se ergue e se abaixa, que se ergue e se abaixa... (...)

Clarice Lispector - (PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM)

Quanto à técnica narrativa do texto, assinale a afirmativa IMPROCEDENTE.

a) Há aprofundamento no eu, num mergulho atemporal .

b) Há poucos fatos ligados à ação propriamente dita.

c) A não-linearidade aponta uma preocupação em manter o elo autor-leitor.

d) A narrativa está centrada num momento de vivência interior da personagem.

e) Ambiente e descrição não apresentam uma feição puramente descritiva, mas subjetiva, interiorizada.

Que passagem traduz, simultaneamente, integração e reinício?

a) "O galo não sabia que ia morrer!" (par.4)

b) "ela erguera-se na ponta dos pés..." (par.4)

c) "... o mundo girava muito mais leve..." (par.4)

d) "... uma grande vontade de se dissolver..." (par.4)

e) "... uma só substância, rósea e branda-" (par.4)

Que passagem traduz um momento de conflito interior de Joana?

a) "Joana não conseguiu pensar nitidamente -" (par.2)

b) "Onde estivera alguma vez," (par.3)

c) "Recuando como pela mão frágil de uma criança," (par.3)

d) "Que foi que perdi? que foi que perdi?" (par.4)

e) "Havia flores em alguma parte?" (par.4)

A expressão que marca o mergulho de Joana no seu interior e caracteriza o passado é:

a) "... o fundo das coisas," (par.1)

b) "... o leito nu." (par.1)

c) "De manhã." (par.3)

d) "... alguma vez," (par.3)

e) "não sempre..." (par.3)

A dificuldade que a personagem encontra, inicialmente, de penetrar no seu íntimo se dá por:

a) medo de descobrir suas verdades.

b) interferência de um elemento externo.

c) dificuldade de se desligar do passado.

d) desconhecimento de seus verdadeiros sentimentos.

e) falta de um parâmetro em sua vida.

O sentido de "... os fatos eram apenas um rasgão no vestido,"(par.1) é:

a) trariam conseqüências desastrosas.

b) representavam uma preocupação dolorosa.

c) apresentavam uma solução passageira.

d) causariam sofrimento irreversível.

e) não continham a solução para seus problemas.

40 - (Mackenzie SP)

Leia as afirmações a seguir a respeito da obra de João Cabral de Melo Neto.

I. A Espanha e suas paisagens ocupam parte importante de sua poesia.

II. Apresenta preocupação com a estética e a arquitetura da poesia.

III. A própria arte e suas várias manifestações aparecem como tema constante em seus poemas.

Assinale:

a) se todas são corretas.

b) se apenas II e III são corretas.

c) se apenas I e III são corretas.

d) se apenas I e II são corretas.

e) se nenhuma é correta.

41 - (FUVEST SP)

Em MORTE E VIDA SEVERINA, no diálogo entre o retirante e a mulher na janela (a "rezadora titular"), indicam-se vários motivos pelos quais Severino não encontrará emprego no local a que chegara. Um desses motivos, de fato presente na obra citada, encontra-se em:

a) Ao homem rústico falta competência para enfrentar o meio agreste e desenvolver técnicas necessárias para fazê-lo.

b) Os interesses da modernização financeira e industrial tornam ainda mais difícil para o homem rústico a obtenção de emprego.

c) Por ser desprovido de cultura religiosa e de vínculos com o Catolicismo, o sertanejo marginaliza-se ao chegar à Zona da Mata.

d) A grande fragilidade física a que chegou o retirante torna-o inapto para o trabalho pesado exigido na região.

e) Tendo experiência apenas na criação de gado, o sertanejo encontra-se deslocado em meio à cultura da cana-de-açúcar.

42 - (UFRGS)

Considere as seguintes afirmações.

I. Adélia Prado é escritora de tendências feministas, que não demonstra atenção aos temas cotidianos e religiosos.

II. Lygia Fagundes Telles vem construindo uma obra ficcional em que predominam personagens do sexo feminino atribuladas por problemas existenciais.

III. A obra de Clarice Lispector renova a ficção brasileira com uma dimensão reflexiva voltada tanto para o fazer literário quanto para os processos de consciência.

Quais estão corretas?

a) Apenas I

b) Apenas II

c) Apenas III

d) Apenas II e III

e) I, II e III

43 - (UFRGS)

João Cabral de Melo Netto é o autor de ....., longo poema ....., numa composição em que a repetição de palavras e ..... são elementos mercantes.

a) OS BENS E O SANGUE - narrativo/descritivo sobre a cidade de Recife o rio Capibaribe - o lirismo confessional

b) O CÃO SEM PLUMAS - narrativo sobre Minas e os antepassados do poeta - o lirismo confessional

c) OS BENS E O SANGUE - narrativo/descritivo sobre a cidade de Recife e o rio Capibaribe - o ritmo de prosa

d) O CÃO SEM PLUMAS - narrativo/descritivo sobre a cidade de Recife e o rio Capibaribe - o ritmo de prosa

e) OS BENS E O SANGUE - narrativo sobre Minas e os antepassados do poeta - o ritmo de prosa

44 - (UEL PR)

Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas do período apresentado.

O ..... da prosa torturada de ..... pode ser contrastado com a poesia ora lírica, ora épica, da ficção mágica desse mineiro que estreou com

a) coloquialismo - Clarice Lispector - TUTAMÉIA

b) intimismo - Clarice Lispector - SAGARANA

c) intimismo - Graciliano Ramos - CLARISSA

d) coloquialismo - Érico Veríssimo - O TEMPO E O VENTO

e) Romantismo - Graciliano Ramos - A CINZA DAS HORAS

45 - (PUC MG)

O título do conto "Seqüência", de Guimarães Rosa, revela:

a) apenas a ordem de atitudes tomada pela vaca.

b) as atitudes do rapaz conseqüentes aos passos dados pela vaca.

c) as atitudes da vaca e do rapaz, desarmoniosas entre si.

d) somente as atitudes do rapaz ante seu desnorteamento.

e) apenas as atitudes da vaca que a levariam rapidamente a seu dono.

46 - (UFRGS)

Seus romances, como PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM ou A PAIXÃO SEGUNDO G.H., têm em comum com a obra de Guimarães Rosa a inovação formal e o cuidado com a linguagem.

A afirmativa se refere a

a) Raquel de Queirós.

b) Clarice Lispector.

c) Nélida Piñon.

d) Lya Luft.

e) Ana Miranda.

47 - (FUVEST SP)

É correto afirmar que, em "Morte e Vida Severina",

a) a alternância das falas de ricos e de pobres, em contraste, imprime à dinâmica geral do poema o ritmo da luta de classes.

b) a visão do mar aberto, quando Severino finalmente chega ao Recife, representa para o retirante a primeira afirmação da vida contra a morte.

c) o caráter de afirmação da vida, apesar de toda a miséria, comprova-se pela ausência da idéia de suicídio.

d) as falas finais do retirante, após o nascimento de seu filho, configuram o momento afirmativo, por excelência, do poema.

e) a viagem do retirante, que atravessa ambientes menos e mais hostis, mostra-lhe que a miséria é a mesma, apesar dessas variações do meio físico.

48 - (Mackenzie SP)

Ficou conhecido como "Geração de 30", na prosa modernista, um grupo de escritores que refletiu a problemática político-social do Brasil da época.

Não faz parte de tal geração:

a) Graciliano Ramos

b) José Lins do Rego

c) Jorge Amado

d) João Guimarães Rosa

e) Rachel de Queiroz

49 - (UECE)

É traço do Modernismo brasileiro:

a) o conformismo temático e estilístico

b) rigidez formal, principalmente na poesia

c) apego a temas bíblicos e formas parnasianas

d) liberdade de expressão no conteúdo e na forma

50 - (UNITAU SP)

Nesse poeta se reconhece grande apuro formal; é o autor de "A Educação pela Pedra", "Uma Faca só Lâmina", "Morte e Vida Severina". É seu o poema "Tecendo a Manhã":

"Um galo sozinho não tece uma manhã: / ele precisará sempre de outros galos. / De um que apanhe esse grito que ele / e o lance a outro; de um outro galo / que apanhe o grito que um galo antes /e o lance a outro; e de outros galos/ que com muitos outros galos se cruzem /os fios de sol de seus gritos de galo, / para que a manhã, desde uma tênue teia tênue, / se vá tecendo, entre todos os galos (...)"

Trata-se de:

a) Vinícius de Moraes.

b) João Cabral de Melo Neto.

c) Cassiano Ricardo.

d) Augusto dos Anjos.

e) Guilherme de Almeida.

51 - (PUC MG)

Todas as alternativas apresentam características da narrativa de *Vidas secas*, **EXCETO**:

a) uso de metáforas que ligam homens e animais.

b) descrições com grande poder de visualização e plasticidade.

c) ênfase na recorrência a adjetivos para caracterizar as personagens e a natureza.

d) predomínio da coordenação sobre a subordinação na estrutura sintática.

e) presença do monólogo para expressar pensamentos das personagens.

52 - (PUC PR)

Considere a maneira como alguns autores brasileiros abordam em suas obras assuntos relacionados à religiosidade, à fé e às crenças populares e assinale a alternativa verdadeira:

a) Machado de Assis, em Dom Casmurro, relata a súbita mudança de opinião religiosa da mãe de Bentinho, que a fez abrir mão da promessa de encaminhar o menino à vida religiosa.

b) Em Morte e vida severina, de João Cabral de Melo Neto, as personagens que se apresentam como ciganas do Egito prevêem um futuro tranqüilo para o recém-nascido.

c) Em Sagarana, de Guimarães Rosa, várias personagens acreditam na força de entidades mágicas; são exemplos as experiências dos protagonistas de “São Marcos” e de “Corpo fechado”.

d) A maneira distante com que Adélia Prado observa a tradição católica resulta em uma visão impessoal em relação aos personagens e assuntos religiosos.

e) Em Quase memória, de Carlos Heitor Cony, o narrador guarda somente más lembranças dos padres com quem conviveu quando estudava no Seminário.

53 - (PUC PR)

Fragmento de “O Prosseguir” de Guimarães Rosa:

“À tarde do dia, ali o grau de tudo se exagerava. A choça. O pátio, varrido. O dono, cicatriz na testa, sentado num toro, espiando seus onceiros: cachorro de latido fino, cachorra com eventração. Era um velho de rosto já imposto; já branqueava a barba.

Era caçador de onças, para o Coronel Donato, de Tremedal. Tinha para isso grandes partes. Matava-as, com espingardinha, o tiro na boca, para não estragar o couro.”

A partir do texto, identifique as contribuições específicas de Guimarães Rosa para a língua da literatura brasileira:

a) fragmentação das sentenças com uma pontuação diferenciada e expressiva, quebra da sintaxe usual da língua;

b) neologismos e léxico sertanejo;

c) orações curtas, simples e coordenadas;

d) imagens metafóricas do sertanejo;

e) regionalismos e descritivismo.

54 - (PUC PR)

"De cada cama em que se sobe

se descerá ? É que se pode?

E cada cama em que se deita

não será acaso a derradeira,

que tem de tudo de cama, quase:

menos a tampa em que fechar-se.

(de "Conselhos do Conselheiro", de João Cabral de Melo Neto)

Nos versos citados, sobressai uma das marcas do discurso poético de João Cabral, que é:

a) a presença constante da morte no agreste de Pernambuco;

b) a visão permanente da finitude do ser humano;

c) a transitoriedade do tempo;

d) o tema da morte sempre em contraponto à vida cotidiana;

e) o poema curto com perífrases.

55 - (UFPE)

O Modernismo no Brasil teve três fases, e podemos dizer que cada um dos poetas abaixo representa uma dessas fases, conforme se descreve nas proposições abaixo.

1) Manuel Bandeira foi um dos pioneiros do Modernismo. Compôs o poema *Os Sapos,* para a Semana de Arte Moderna de 22.

2) Carlos Drummond de Andrade, da segunda fase do Modernismo, tem como um dos temas freqüentes o desajustamento do indivíduo no mundo.

3) João Cabral de Melo Neto pertenceu à chamada geração de 45. Entre as características de sua poesia estão o racionalismo, a lógica e o rigor formal, o que não o impede de fazer denúncia social.

Está(ão) correta(s):

a) 1 apenas

b) 1 e 2 apenas

c) 1 e 3 apenas

d) 1, 2 e 3

e) 2 e 3 apenas

56 - (UFAM)

"A Educação pela Pedra", "A Escola das Facas" e "Morte e Vida Severina" são livros de poesia publicados por:

a) Jorge de Lima

b) Carlos Drummond de Andrade

c) Ferreira Gullar

d) João Cabral de Melo Neto

e) Murilo Mendes

57 - (UFAM)

Leia:

Estreou com um romance que renovou e, de certo modo, definiu a tendência introspectiva da ficção brasileira dos anos 30:

"Perto do Coração Selvagem". Especializou-se no conhecimento da psicologia feminina e desenvolveu personagens burguesas, mulheres entediadas em busca de um sentido para a existência. Só muito depois é que escreveu sobre outro tipo de mulher: uma nordestina pobre, chamada Macabéa, que migrou para o Rio de Janeiro, cidade que lhe era em tudo adversa.

A afirmativa acima se refere a:

a) Clarice Lispector

b) Lygia Fagundes Teles

c) José J. Veiga

d) Dalton Trevisan

e) João Ubaldo Ribeiro

58 - (UFU MG)

Leia os textos seguintes e marque a afirmativa correta.

"Morte e vida severina

Auto de natal pernambucano

– O meu nome é Severino,

não tenho outro de pia.

Como há muitos Severinos,

Que é santo de romaria,

deram então de me chamar

Severino de Maria;

(...)

Mas, para que me conheçam

melhor Vossas Senhorias

e melhor possam seguir

a história de minha vida,

passo a ser o Severino

que em vossa presença emigra."

(João Cabral de Melo Neto)

"Notícia da morte de Alberto da Silva

(poema dramático para muitas vozes)

Eis aqui o morto

Chegado a bom porto

(...)

Morava no Méier desde menino

Seu grande sonho era tocar violino

Fez o curso primário numa escola pública

Quanto ao secundário resta muita dúvida

Aos treze anos já estava empregado

num escritório da rua do Senado

(...)

Mas no fim do relato é preciso dizer

que esse morto não teve tempo de viver

(...)

Enfim este é o morto:

um anônimo brasileiro

do Rio de Janeiro."

(Ferreira Gullar)

a) A linguagem brasileira poética destes textos é clara, com marcas da oralidade – uma herança do modernismo literário –, e não oferece resistência à interpretação do leitor

b) Os autores, ambos nordestinos, focalizam a vida dos retirantes que migram da seca do nordeste brasileiro em busca de uma vida melhor

c) Os títulos apontam para um desenrolar e um desfecho idênticos das histórias de Alberto da Silva e Severino, que morreram após uma visa frustrada e sem esperanças

d) Gullar subintitula seu poema de "poema dramático" porque os versos trazem as marcas textuais deste gênero, como os diálogos, os travessões, a unidade de tempo, a tensão dos acontecimentos

59 - (UFMA)

Em Incidentes em Antares, Érico Veríssimo lança mão do episódio dos mortos insepultos como uma possibilidade de:

a) aproximação ao humanismo utópico característico de várias obras suas.

b) fuga da realidade concreta que se apresenta na primeira parte do romance, intitulada Antares.

c) ruptura com o discurso realista tradicional para ver além da aparente realidade e captar o insólito, o singular, presente na própria realidade.

d) manutenção da lógica tradicional no cotidiano em que nos movimentamos.

e) reafirmação de uma realidade que se sustenta na dicotomia real / irreal.

60 - (UFPel RS)

A ilustração é um recurso utilizado por algumas editoras e se configura como uma leitura particular do ilustrador, uma vez que busca retratar personagens e situações. Dessa forma, é possível (re)construir o sentido do texto, a partir da leitura de uma imagem.

AMADO, Jorge. **A morte e a morte de Quincas Berro D'água** [ilustrações de Floriano Teixeira]. Rio de Janeiro: Record, 2003.

A ilustração mostra um momento específico da vida do protagonista, relacionado ao episódio que

a) possibilitou o rompimento definitivo de Joaquim com a família, pois a vida de respeitável funcionário público que levava o oprimia. Assim, quando começou a relacionar-se com um grupo de vagabundos das ruas de Salvador, rebelou-se e deu seu grito de independência.

b) o separou da esposa Otacília, a qual comandava a casa de forma autoritária, não deixando nunca que Quincas tomasse qualquer decisão acerca dos assuntos da família. Seu grito de liberdade foi dado quando se apaixonou pela prostituta Quitéria do Olho Arregalado.

c) demarcou o momento a partir do qual a alcunha foi incorporada ao nome, uma vez que há muito Quincas não sabia o que era beber água e, por um engano, "virou" um copo inteiro, pensando ser cachaça. Ao perceber que o líquido não era aguardente, deu um berro semelhante ao de um animal ferido.

d) propiciou sua última morte, pois, ao comemorar seu aniversário junto com os amigos em uma peixada no barco de Mestre Manuel, Quincas jogou-se no mar revolto e berrou a frase derradeira.

e) colaborou para a transformação de sua vida, pois, por influência dos amigos cabo Martim, Pé-de-Vento, Curió, Negro Pastinha e Quitéria, Joaquim, ao tomar o primeiro porre de aguardente, berrou que nunca mais tomaria água em sua vida, abandonando o emprego e a família.

61 - (UNIMONTES MG)

Só Não pode ser apontada como característica da Obra A Hora da Estrela, de Clarice Lispector, a alternativa:

a) usos de intertextualidades

b) fluxos de consciência

c) manutenção do mesmo foco narrativo

d) traço de tempo psicológico

62 - (UFMT)

Assinale a alternativa que contém apenas representantes do moderno romance regionalista brasileiro:

a) Menino de Engenho, de José Lins do Rego;

A Bagaceira, de José Américo de Almeida

Vidas Secas, de Graciliano Ramos

b) Clarissa, de Érico Veríssimo;

O Quinze, de Raquel de Queirós

Inocência, de Visconde de Taunay

c) Menino de Engenho, de José Lins do Rego;

O Gaúcho, de José de Alencar

Dom Casmurro, de Machado de Assis

d) Caetés, de Graciliano Ramos;

Lucíola, de José de Alencar

Fogo Morto, de José Lins do Rego

e) Gabriela, Cravo e Canela, de Jorge Amado.

Olhai os Lírios do Campo, de Érico Veríssimo

Isaú e Jacó, de Machado de Assis

63 - (UCS RS)

Leia o fragmento abaixo do conto O amor, de Clarice Lispector.

O bonde se sacudia nos trilhos e o cego mascando goma ficara atrás para sempre. Mas o mal estava feito.

A rede de tricô era áspera entre os dedos, não íntima como quando a tricotara. A rede perdera o sentido e estar num bonde era um fio partido; não sabia o que fazer com as compras no colo. E como uma estranha música, o mundo recomeçava ao redor. O mal estava feito. Por quê? Teria esquecido de que havia cegos? A piedade a sufocava [...] O mundo se tornara de novo um mal-estar.

(Disponível em: www.releituras.com/clispector_amor.asp – Acesso em: 25 out. 2005.)

Em relação ao fragmento transcrito, analise a veracidade (V) ou a falsidade (F) das proposições abaixo.

( ) A narradora associa a alteração do modo como sente o fio da rede à forma como está concebendo sua vida.

( ) O fragmento explora uma tendência literária voltada ao telúrico, ao discutir as raízes econômicas dos problemas que angustiam o homem.

( ) O fragmento aponta para uma narrativa surrealista, tensa e de denúncia social explícita.

Assinale a alternativa que preenche corretamente os parênteses, de cima para baixo.

a) VFF

b) FVF

c) VVF

d) FFV

e) FVV

64 - (UFU MG)

Em 30 de julho deste ano, comemora-se o centenário de nascimento do poeta gaúcho Mario Quintana. Seu estilo plural incorpora, ao longo da produção poética, o parnasianismo, o simbolismo, o modernismo.

Leia o poema seguinte e marque a afirmativa INCORRETA.

"Poeminho do contra

Todos esses que aí estão

Atravancando o meu caminho,

Eles passarão...

Eu passarinho!"

Mario Quintana. Poesia Completa.

a) A regularidade métrica, as rimas ricas, a postura descritiva, o tema elevado e a linguagem clássica fazem desse poema um exemplar do parnasianismo.

b) Não se pode dizer que o poema é simbolista somente porque apresenta musicalidade na linguagem e evoca o símbolo do pássaro para definir a subjetividade do poeta.

c) O poema é modernista: usa linguagem coloquial, vale-se da brevidade, da surpresa, do humor e da ironia para versar sobre o tema das difíceis relações humanas.

d) Há ambigüidade nos dois últimos versos: ao mesmo tempo em que seus detratores são maiores e terão vida efêmera (passarão), o poeta, menor (passarinho), permanecerá.

65 - (UFF RJ)

Bem, é verdade que também eu não tenho piedade do meu personagem principal, a nordestina: é um relato que desejo frio. Mas tenho o direito de ser dolorosamente frio, e não vós. Por tudo isto é que não vos dou a vez.

.....
.....

Sei que há moças que vendem o corpo, única posse real, em troca de um bom jantar em vez de um sanduíche de mortadela. Mas a pessoa de quem falarei mal tem corpo para vender, ninguém a quer, ela é virgem e inócua, não faz falta a ninguém. Aliás – descubro eu agora – também eu não faço a menor falta, e até o que escrevo um outro escreveria. Um outro escritor, sim, mas teria que ser homem porque escritora mulher pode lacrimejar piegas.

Como a nordestina, há milhares de pessoas espalhadas por cortiços, vagas de cama num quarto, atrás de balcões trabalhando até a estafa. Não notam sequer que são facilmente substituíveis e que tanto existiriam como não existiriam. Limito-me a humildemente – mas sem fazer estardalhaço de minha humildade que já não seria humilde – limito-me a contar as fracas aventuras de uma moça numa cidade toda feita contra ela.

Clarice Lispector, A hora da estrela

Assinale o fragmento em que o narrador, através de um recurso lingüístico, busca dialogar com um possível leitor.

a) Sei que há moças que vendem o corpo, única posse real, em troca de um bom jantar em vez de um sanduíche de mortadela.

b) Mas tenho o direito de ser dolorosamente frio, e não vós.

c) Aliás – descubro eu agora – também eu não faço a menor falta, e até o que escrevo um outro escreveria.

d) Como a nordestina, há milhares de pessoas espalhadas por cortiços, vagas de cama num quarto, atrás de balcões trabalhando até a estafa..

e) (...) limito-me a contar as fracas aventuras de uma moça numa cidade toda feita contra ela.

66 - (PUC RS)

Clarice Lispector ocupa um lugar destacado na Literatura Brasileira. Em sua obra estão presentes as seguintes características:

a) intimismo, introspecção, temática urbana.

b) temática urbana, folclore, moralidade.

c) subjetividade, temática agrária, religiosidade.

d) psicologismo, regionalismo, ruralismo.

e) tradicionalismo, romantismo, intimismo.

67 - (UFPel RS)

Morte e Vida Severina tem como característica principal, no que diz respeito ao conteúdo

a) o fato de refletir as inovações e experimentações lingüísticas do autor, dirimindo a fronteira entre prosa e poesia.

b) a lembrança da visita dos reis magos e dos pastores à manjedoura em que Jesus nasceu.

c) a exploração da temática do nascimento como o ressurgir da esperança na vida do homem.

d) o resumo das propostas vanguardistas de João Cabral de Melo Neto, que caracterizam sua obra.

e) a preocupação do autor com o problema da seca no nordeste, que começava na época a influenciar negativamente a economia da região.

68 - (UFJF MG)

O romance Incidente em Antares, do escritor gaúcho Érico Veríssimo, foi lançado em 1971. O desfecho da narrativa faz referência ao momento político, vivido no Brasil, na época. A comparação entre o trecho do último capítulo do livro, “Antares é hoje uma comunidade próspera e feliz”, e a fotografia ao lado, que documenta o período histórico vivido, PERMITE afirmar que o narrador dá à História um tratamento:

a) realista.

b) irônico.

c) fantasioso.

d) idealizado.

e) investigativo.

69 - (UERGS RS)

Em relação ao Modernismo, relacione os autores da primeira coluna às obras da segunda coluna.

PRIMEIRA COLUNA

(1) José Lins do Rego

(2) Graciliano Ramos

(3) Jorge Amado

(4) Dyonélio Machado

(5) Erico Verissimo

SEGUNDA COLUNA

( ) Os Ratos

( ) Terras do Sem Fim

( ) São Bernardo

( ) Menino de Engenho

( ) Incidente em Antares

A ordem correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

a) 1 – 2 – 3 – 4 – 5

b) 2 – 3 – 1 – 5 – 4

c) 4 – 3 – 2 – 1 – 5

d) 3 – 5 – 4 – 1 – 2

e) 5 – 4 – 2 – 1 – 3.

70 - (UESPI)

Entre os autores da terceira geração modernista, a chamada Geração de 45, o principal nome é o de João Cabral de Melo Neto. Deste poeta pernambucano, podemos afirmar o seguinte.

a) Sua poesia se caracteriza pelo lirismo exaltado.

b) Apesar de buscar uma poesia cerebral, sua poesia, a partir de 1960, aproxima-se cada vez mais das vanguardas surrealistas e dadaístas.

c) Os temas mais explorados pelo poeta são o retirante nordestino, a destruição da floresta amazônica, o genocídio indígena e o Rio Capibaribe.

d) O Rio Capibaribe, a cidade de Sevilha e o retirante nordestino são temas que encontramos em sua poesia.

e) Seu primeiro livro — *A Pedra do Sono* — é composto ora de poemas neoparnasianos, ora de versos românticos que evocam os sonhos da humanidade.

71 - (UNIMONTES MG)

São questões sociais abordadas na obra *Menino de Engenho*, **EXCETO**

a) O mundo de bandidos e jagunços, visto como forma de reação social do povo oprimido.

b) A escolarização deficiente dos meninos da fazenda, que contribui para a atmosfera de pobreza e dependência da zona rural nordestina.

c) A questão escravista ainda forte no nordeste, que intensifica as desigualdades entre negros e brancos.

d) O contraste estabelecido entre a vida dos donos de engenho e seus empregados, retratados como espécies de senhores e vassalos.

72 - (UFRR)

Pode-se dizer que as obras *Olhai os lírios do campo*, de Érico Veríssimo e *Terras do sem fim*, de Jorge Amado, têm em comum:

a) Suas narrativas estão centradas em três mulheres fortes.

b) A ambientação muito bem demarcada, apresentando traços de um certo regionalismo.

c) Seus contextos sócio-políticos.

d) Sua ambientação marcadamente rural.

e) Uso exclusivo da norma culta da Língua Portuguesa na composição da narrativa.

73 - (ITA SP)

Na obra *Quaderna* (1960), João Cabral de Melo Neto incluiu um conjunto de textos, intitulado "Poemas da cabra", cujo tema é o papel desse animal no universo social e cultural nordestino. Um desses poemas é reproduzido abaixo:

Um núcleo de cabra é visível

por debaixo de muitas coisas.

Com a natureza da cabra

Outras aprendem sua crosta.

Um núcleo de cabra é visível

em certos atributos roucos

que têm as coisas obrigadas

a fazer de seu corpo couro.

A fazer de seu couro sola.

a armar-se em couraças, escamas:

como se dá com certas coisas

e muitas condições humanas.

Os jumentos são animais

que muito aprenderam da cabra.

O nordestino, convivendo-a,

fez-se de sua *mesma casta*.

Acerca desse poema, **NÃO** se pode afirmar que:

a) o poeta vê a cabra como um animal forte e que influencia outros seres que vivem em condições adversas.

b) aquilo que a cabra parece ensinar aos demais seres é a resignação e a paciência diante da adversidade.

c) a cabra oferece uma espécie de modelo comportamental para aqueles que precisam ser fortes para enfrentar uma vida dura.

d) a cabra é um animal resistente ao meio hostil em que vive, assim como outros animais também o são, como o jumento.

e) há no poema uma aproximação entre a cabra e o homem nordestino, pois ambos são fortes e resistentes.

74 - (UEG GO)

Levando-se em conta a leitura de *Morte e vida severina*, de João Cabral de Melo Neto, e de "Os irmãos Dagobé", de Guimarães Rosa, nota-se que,

a) no primeiro texto, a morte surge relacionada à pobreza no Nordeste brasileiro, ao passo que, no segundo, surge relacionada à crueldade dos irmãos Dagobé.

b) na primeira obra, narram-se crenças e costumes nordestinos, e, na segunda, narra-se a fuga dos três irmãos Dagobé, que fogem da tirania do irmão mais velho.

c) tanto em um texto quanto no outro, o tema da seca é uma constante, já que é em razão da falta de chuva que as personagens saem do sertão rumo à cidade.

d) em ambos os textos, o sertão é descrito como um espaço de atraso e de pobreza mas, também, como o único lugar em que o sertanejo pode alcançar felicidade.

75 - (UEPB)

As razões do divórcio entre o poeta e seu leitor na poesia moderna reside mais na preferência dos poetas pelos temas intimistas e individualistas. Pesquisas no sentido de se encontrarem formas ajustadas às condições de vida do homem moderno, principalmente através da utilização dos meios técnicos de difusão que surgiram em nossos dias, poderão contribuir para resolver, ao menos até certo ponto, o que parece o problema principal da poesia hoje – que é de sua própria sobrevivência. Quando nada, a consciência desse problema poderá ajudar aqueles poetas contemporâneos menos individualistas, capazes de interesse por temas da vida em sociedade e que também não encontraram ainda o veículo capaz de levar a poesia à porta do homem moderno. A falta de tal veículo está, também, condenando a poesia destes últimos autores à espera, desesperançada, de leitores que venham espontaneamente à sua procura, leitores, de resto, cada dia mais problemáticos.

MELO NETO. J.C. **Da função moderna da poesia**.
Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998 (adaptado).

O fragmento acima permite concluir, corretamente, que

a) em seu projeto poético, João Cabral de Melo Neto questiona a tradição literária brasileira baseada no intimismo e no individualismo e postula uma poesia que trate, objetivamente, dos "temas da vida em sociedade" aliada ao interesse pelos meios técnicos de difusão contemporâneos do poeta.

b) para João Cabral de Melo Neto, não se deve atribuir o divórcio entre o poeta e seu leitor ao tratamento pessoal dos temas em virtude de não haver, por parte do leitor, interesse por temas de cunho social e coletivos em poesia.

c) a recusa ao individualismo e ao intimismo é para o poeta a defesa dos valores postulados pela geração de 45 e a recusa do projeto estético das duas primeiras gerações modernistas.

d) para o poeta, só uma poesia voltada para o etéreo, o imaterial e o espiritual é capaz de trazer de volta o diálogo entre o poeta e o seu leitor.

e) para João Cabral de Melo Neto, só o interesse dos poetas pelas novas tecnologias, sobretudo pela internet, é capaz de resolver o impasse entre poeta e leitor, pois o livro de poemas é hoje objeto obsoleto e sem uso.

76 - (UNEB BA)

— Pois, meu bom — disse o professor arremedando Archanjo e lhe interrompendo os pensamentos —, há uma coisa que me escapa e me deixa curioso. Sobre ela, há muito desejava lhe falar.

— Que coisa é? Diga e, se puder, responderei.

— Pergunto como é possível que você, um homem de ciência, sim, um homem de ciência, por que não? Por que não é formado? Vamos deixar de conversa fiada e dizer as coisas como elas são. Pergunto como é possível que você acredite em candomblé. [...]

— Se acredito ou não? Vou dizer ao senhor o que até agora só disse a mim mesmo e, se o senhor contar a alguém, serei obrigado a lhe desmentir.

— Fique descansado.

— Durante anos e anos acreditei nos meus orixás como frei Timóteo acredita nos seus santos, no Cristo e na Virgem. Nesse tempo tudo que eu sabia aprendera na rua. Depois busquei outras fontes

de saber, ganhei novos bens, perdi a crença. O senhor é materialista, professor, não li os autores que o senhor cita, mas sou tão materialista quanto o senhor.

AMADO, Jorge. Tenda dos milagres. 45. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006. p. 268-270.

Acompanhando a trajetória das duas personagens na narrativa, percebe-se que elas têm em comum

01. o preconceito contra a miscigenação e a luta pela preservação da pureza de cada cultura formadora da identidade baiana.
02. o saber científico, embora uma seja formada em uma instituição oficial do saber científico, e outra, na universidade do povo.
03. o fato de serem mestiças e, por consequência, sofrerem os mesmos preconceitos nos seus respectivos espaços sociais.
04. o gosto pela pesquisa, os dois dando visibilidade à ciência médica praticada na Faculdade de Medicina da Bahia.
05. a prática da religiosidade de origem africana como uma forma de dissimular as suas convicções materialistas.

77 - (FMABC SP)

Aurora, com movimento

A linha móvel do horizonte

Atira para cima o sol em diabolô

Os ventos de longe

Agitam docemente os cabelos da rocha

Passam em fachos o primeiro automóvel, a última estrela

A mulher que avança

Parece criar esferas exaltadas pelo espaço

Os pescadores puxando o arrastão parecem mover o mundo

O cardume de botos na distância parece mover o mar.

O poema acima é de Vinícius de Moraes e integra sua obra denominada **Antologia Poética**. Dele, é **INCORRETO** afirmar que

a) constitui-se, quanto ao esquema de rimas, de versos brancos e, quanto à métrica, de versos livres.

b) indicia a sensualidade do corpo feminino expressa na ambiguidade das formas e da linguagem.

c) é desprovido de recursos estilísticos, o que tira dele a força de elaboração poética e estética.

d) apresenta duas personificações, cujos agentes são a linha do horizonte e os ventos.

e) sugere idéia de movimento, justificada pela dominância de verbos de ação.

78 - (UPE)

Na casa a que o retirante chega, estão cantando excelências para um defunto, enquanto um homem, do lado de fora, vai parodiando as palavras dos cantadores

— Finado Severino,

quando passares em Jordão

e os demônios te atalharem

perguntando o que é que levas...

— Dize que levas cera,

capuz e cordão

mais a Virgem da Conceição.

— Finado Severino,

etc. ...

— Dize que levas somente

coisas de não:

fome, sede, privação.

— Finado Severino,

etc. ..

— Dize que coisas de não,

ocas, leves:

como o caixão, que ainda deves.

— Uma excelência

dizendo que a hora é hora.

— Ajunta os carregadores

que o corpo quer ir embora.

— Duas excelências...

— ... dizendo é a hora da plantação.

— Ajunta os carregadores...

— ... que a terra vai colher a mão.

MELO NETO, João Cabral de. *Morte e Vida Severina*. Alfaguara Brasil, 2007.

Considerando a natureza do texto poético e suas funções estéticas, analise as afirmativas a seguir:

I. O eu lírico, consciente de que Severino não tem noção do que o espera ao longo de sua jornada, em vários momentos do fragmento analisado, demonstra um certo desdém em relação ao problema de Severino.

II. O que se pede a Severino, por meio das excelências cantadas, é uma tentativa de adverti-lo do quanto a sua peregrinação é simples e fácil, do quanto a sua peregrinação é pouco relevante.

III. O defunto, velado pelos cantadores de excelência, não é uma figura incomum da região por onde Severino caminha; logo a "morte" de outros não é uma ocorrência exótica para Severino.

IV. Em razão de sua estrutura textual – ver, por exemplo, o uso do sinal de travessão – o fragmento analisado tem relação de semelhança com a estrutura de um texto dito dramático.

V. Severino, no momento em que chega à casa onde estão sendo cantadas excelências, encontra um ambiente que será frequente durante boa parte de sua caminhada: a ambiência da morte.

Está **CORRETO** o que se afirma em

a) I, II e III.

b) I, III e IV.

c) II, III e V.

d) II, IV e V.

e) III, IV e V.

79 - (UPE)

As margens da alegria

ESTA É A ESTÓRIA. Ia um menino, com os tios, passar dias no lugar onde se construía a grande cidade. Era uma viagem inventada no feliz; para ele, produzia-se em caso de sonho. Saíam ainda com o escuro, o ar fino de cheiros desconhecidos. A mãe e o pai vinham trazê-lo ao aeroporto. A tia e o tio tomavam conta dele, justínhamente. Sorria-se, saudava-se, todos se ouviam e falavam. O avião era da Companhia, especial, de quatro lugares. Respondiam-lhe a todas as perguntas, até o piloto conversou com ele. O vôo ia ser pouco mais de duas horas. O menino fremia no acorçôo, alegre de se rir para si, confortavelzinho, com um jeito de folha a cair. A vida podia às vezes raiar numa verdade extraordinária. Mesmo o afivelarem-lhe o cinto de segurança virava forte afago, de proteção, e logo novo senso de esperança: ao não-sabido, ao mais. Assim um crescer e desconter-se – certo como o ato de respirar – o de fugir para o espaço em branco. O menino.

ROSA, João Guimarães. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

Considerando a estrutura do texto narrativo em prosa (narrador, personagens, foco narrativo, tempo, espaço, conflito, clímax, desfecho), assinale a alternativa CORRETA.

a) No fragmento de “As margens da alegria”, as personagens apresentadas ao leitor traduzem, de modo muito claro e explícito, uma linearidade de pensamento, de comportamento que as torna quase a mesma pessoa.

b) “Saíam ainda com o escuro, o ar fino de cheiros desconhecidos” é uma frase do texto indicando o horário em que alguma ação ocorre na narrativa, logo pode levar o leitor a compreender que a viagem do “Menino” ocorrerá entre 13h e 18h.

c) Numa narrativa, o espaço é um elemento muito importante para a ocorrência das ações realizadas pelas personagens. No texto em análise, são citados alguns espaços concretos e abstratos.

d) No fragmento em análise, o “clímax” e o “desfecho” da história escrita por Guimarães Rosa são elementos da narrativa que se tornam facilmente identificados, como também são facilmente pontuados.

e) O conto “As margens da alegria”, assim como outros contos de Guimarães Rosa, possui um vocabulário bastante ordinário, comum, sem a quase presença de palavras inventadas pela licença poética.

80 - (EsPCEX)

Sobre a narrativa de Clarice Lispector, pode-se afirmar que

a) se utiliza do fluxo de consciência, quebrando os limites espaço-temporais que tornam a obra verossímil.

b) mostra a dor e o sofrimento da mulher sertaneja, castigada pela seca e pelo preconceito social e cultural.

c) apresenta em sua obra recursos como o ritmo, aliterações, metáforas e imagens, retomando o movimento concretista.

d) recria a própria língua portuguesa, utilizando-se de termos em desuso, bem como neologismos.

e) foi fortemente marcada pelo Simbolismo do séc. XIX, de cunho documental.

81 - (UNIFRA RS)

"Somos muitos Severinos

iguais em tudo na vida:

na mesma cabeça grande

que a custo é que se equilibra,

no mesmo ventre crescido

sobre as mesmas pernas finas

e iguais também porque o sangue

que usamos tem pouca tinta."

O fragmento acima pertence ao poema _____ de autoria de _____. Assinale a alternativa que apresenta corretamente o nome do poema e do autor.

a) **Poema Sujo**, Ferreira Gullar

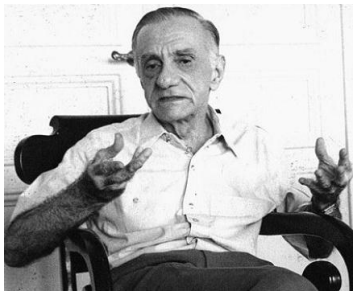
b) **Morte e Vida Severina**, João Cabral de Melo Neto

c) **Soneto de Fidelidade**, Vinicius de Moraes

d) **No Meio do Caminho**, Carlos Drummond de Andrade

e) **Poética**, Manuel Bandeira

82 - (ESPM SP)



O RETIRANTE EXPLICA AO LEITOR QUEM É E A QUE VAI

— O meu nome é Severino,

como não tenho outro de pia.

Como há muitos Severinos,

que é santo de romaria,

deram então de me chamar

Severino de Maria;

como há muitos Severinos

com mães chamadas Maria,

fiquei sendo o da Maria

do finado Zacarias.

Mas isso ainda diz pouco:

há muitos na freguesia,

por causa de um coronel

que se chamou Zacarias

e que foi o mais antigo

senhor desta sesmaria.

Como então dizer quem fala

ora a Vossas Senhorias?

Vejamos: é o Severino

da Maria do Zacarias,

lá da serra da Costela,

limites da Paraíba.

Mas isso ainda diz pouco:

se ao menos mais cinco havia

com nome de Severino

filhos de tantas Marias

mulheres de outros tantos,

já finados, Zacarias,

vivendo na mesma serra

magra e ossuda em que eu vivia.

Somos muitos Severinos

iguais em tudo na vida:

na mesma cabeça grande

que a custo é que se equilibra,

no mesmo ventre crescido

sobre as mesmas pernas finas,

e iguais também porque o sangue

que usamos tem pouca tinta.

E se somos Severinos

iguais em tudo na vida,

morremos de morte igual,

mesma morte severina:

que é a morte de que se morre

de velhice antes dos trinta,

de emboscada antes dos vinte,

de fome um pouco por dia

(de fraqueza e de doença

é que a morte severina

ataca em qualquer idade,

e até gente não nascida).

(João Cabral de Mello Neto, *Morte e Vida Severina)*

Sobre o trecho, seria DESCABIDO afirmar que:

a) Severino retirante se apresenta ao leitor e tenta, logo de início, individualizar-se, usando referências geográficas e pessoais (nomes e sobrenomes).

b) Constata que é apenas um igual a tantos outros Severinos e, desse modo, que é difícil diferenciar-se dos demais, caindo numa busca inútil de identidade.

c) Os outros Severinos são seus iguais no sofrimento e na dor: morte por velhice prematura, por emboscada, por fome.

d) Tendo como sequelas a fraqueza e a doença, uma das facetas da "morte severina" é a fome, elemento paulatino e letal na vida do retirante.

e) Nesse poema narrativo, Severino alterna seu interlocutor e passa a se dirigir a Zacarias e a Maria do Zacarias, chamando-os de "Vossas Senhorias".

83 - (PUC RS)

Leia o trecho da crônica "Pouco amor não é amor", de Nelson Rodrigues.

Nem Balbino, nem Arlete confessariam o seguinte: – o amor de ambos nascera no cemitério. A menina acompanhava o enterro da avó. E o rapaz, que não conhecia a morta, nem a neta, estaria interessado em outro defunto. Parou um momento para espiar a sepultura aberta e o caixão que chegava. E viu Arlete, à beira do túmulo, assoando-se no lencinho amarrotado. Ela adorava a avó e estava fora de si. (...) Balbino postou-se logo atrás da pequena e, sem querer, adotou uma tristeza de falso parente, de falso conhecido. Pouco depois, estava ao lado da moça. Tudo o interessou em Arlete, inclusive a coriza. E foi aí que começou o flerte. Na saída do cemitério, Balbino juntou-se ao grupo de familiares, de amigos. Pararam todos, na porta, para as despedidas. (...) Ao apertar a mão da menina, deixou-lhe um papelzinho. Ela, ainda chorosa, teve um movimento de espanto, quase de susto.(...) Parecia-lhe uma falta de respeito a atitude de Balbino. Pensava: – "Num enterro, ora veja!". Podia ter jogado fora ou rasgado o papelzinho. Mas guardou, sei lá por quê. Decidiu, porém:

– Não telefono. Até o fim do dia, ora chorava pela avó, ora pensava em Balbino. Deitou-se cedo, mas só conseguiu pegar no sono alta madrugada. De manhã, bem cedinho, estava de pé. Escovou os dentes, lavou o rosto, imaginando: – "O telefone não deve ser do trabalho, deve ser de casa". Durante uns dez minutos ficou matutando. Valeria a pena ou não? (...)

I. A crônica revela que o amor pode surgir em lugar inusitado, mesmo que os amantes relutem em admiti-lo.

II. Tematizando os costumes e os vícios da sociedade carioca, as obras de Nelson Rodrigues, em sua grande maioria, criticam os padrões de moralidade vigentes.

III. Fortemente influenciado pelo Romantismo, Nelson Rodrigues busca reconstruir os padrões de linguagem característicos desse período literário.

A(s) afirmativa(s) correta(s) é/são

a) I, apenas.

b) III, apenas.

c) I e II, apenas.

d) II e III, apenas.

e) I, II e III.

84 - (UNIRG TO)

Leia o trecho a seguir.

Lembro-me que, na minha peça *O beijo no asfalto*, um velhinho trepou na cadeira e pôs-se a berrar: — "Indecentes! Imorais! Tarados!" Houve porém uma resistência solitária. Alguém, não identificado, estourou: — "Cala a boca, burro!" E o carequinha: — "Burro é a mão na cara!"

RODRIGUES, Nelson. *A cabra vadia*: novas confissões.
Rio de Janeiro: Agir, 2007. p. 180.

Transcrito de uma crônica de Nelson Rodrigues, o trecho apresentado é ilustrativo da indignação do público por ocasião da estreia de *O beijo no asfalto*. Essa reação confirma o caráter provocativo dessa peça, o qual se exemplifica na

a) crítica ao modelo conservador da política vigente.

b) utilização de palavras de baixo calão.

c) sátira aos costumes da família brasileira.

d) ação dramática centrada no deboche.

85 - (UNIMONTES MG)

A obra *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector, condensa a história de uma moça nordestina, perdida na cidade grande, e os desafios do narrador para falar sobre a pobreza. Sobre essa obra, assinale a alternativa **INCORRETA**.

a) Ao se referir a Macabéa como a que “nem pobreza enfeitada tem”, o narrador evidencia seu propósito de desmitificar a pobreza.

b) O enlace entre autora, narrador e personagem evidencia o esforço de Clarice Lispector de refletir sobre as instâncias da ficção.

c) A série de títulos apresentados para a história expressa a rejeição do narrador por sua personagem feia e pobre.

d) O final da narrativa deixa evidente uma ironia melancólica, que não traz alento ou respostas a seu leitor.

86 - (UNIMONTES MG)

Leia atentamente o fragmento extraído do livro *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector.

Mas não vou enfeitar a palavra, pois se eu tocar no pão dessa moça esse pão se tornará ouro – e a jovem (ela não tem dezenove anos) e a jovem não poderia mordê-lo, morrendo de fome. Tenho então que falar simples para captar a sua delicada e vaga existência – Limito-me a humildemente . limito-me a contar as fracas aventuras de uma moça numa cidade toda feita contra ela. (LISPECTOR, 1984, p. 21)

Assinale a alternativa **INCORRETA**.

a) A palavra, em *A Hora da Estrela*, expressa a simplicidade e a pobreza da existência de Macabéa.

b) Para o narrador, não enfeitar a palavra representa sua falta de compaixão pela personagem.

c) A metalinguagem da narrativa reflete o grau de comprometimento do narrador com a personagem.

d) O romance deixa explícitos os conflitos do narrador ao representar a carência extrema da jovem.

87 - (UNIRG TO)

Leia as estrofes a seguir.

E se somos Severinos

iguais em tudo na vida,

morremos de morte igual,

mesma morte severina:

que é a morte de que se morre

de velhice antes dos trinta,

de emboscada antes dos vinte,

de fome um pouco por dia

(de fraqueza e de doença

é que a morte severina

ataca em qualquer idade,

e até gente não nascida).

[...]

[...] não há melhor resposta

que o espetáculo da vida:

vê-la desfiar seu fio,

que também se chama vida,

ver a fábrica que ela mesma,

teimosamente, se fabrica,

vê-la brotar como há pouco

em nova vida explodida;

mesmo quando é assim pequena

a explosão, como a ocorrida;

como a de há pouco, franzina;

mesmo quando é a explosão

de uma vida severina.

MELO NETO, João Cabral de. *Morte e vida severina e outros poemas*. Rio de Janeiro: Alfaguara/Objetiva, 2007. p. 92; 132-133.

As estrofes transcritas do auto *Morte e vida severina* expressam visões diferenciadas a respeito da vida, as quais estão sintetizadas na seguinte contraposição:

a) derrota *versus* esperança.

b) nulidade *versus* persistência.

c) miséria *versus* riqueza.

d) fracasso *versus* luta.

88 - (FPS PE)

Retrato

Eu não tinha este rosto de hoje,

Assim calmo, assim triste, assim magro,

Nem estes olhos tão vazios, nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem força,

Tão paradas e frias e mortas.

Eu não tinha este coração que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança,

Tão simples, tão certa, tão fácil,

Em que espelho ficou perdida a minha face?

(Cecília Meireles)

Nesse poema de Cecília Meireles é possível perceber:

1) a reincidência de estruturas paralelas: vários versos adotam a mesma composição sintática.

2) a reiteração de palavras e até de segmentos maiores: (“Eu não tinha...”, por exemplo).

3) quanto à temática do poema: certo desapontamento frente a mudanças sofridas.

4) a originalidade da expressão poética: versos sem a evasão para a linguagem metafórica.

5) o sentido totalizador da última indagação: retoma, inclusive e lexicalmente, o primeiro verso.

Estão corretas:

a) 1, 2, 3, 4 e 5.

b) 1, 2, 3 e 5, apenas.

c) 1, 2 e 4 apenas.

d) 4 e 5, apenas.

e) 1, 3 e 4, apenas.

89 - (UFG GO)

No romance *Eu vos abraço, milhões*, de Moacyr Scliar, o conformismo do protagonista, ao final da narrativa, é decorrente da

a) precária condição de saúde em que se encontra na velhice.

b) ingênua crença na política como agente transformador da sociedade.

c) consciência de seu engano acerca das escolhas feitas ao longo da vida.

d) decepção com seus envolvimentos amorosos da juventude.

e) aceitação de sua impotência ante o desfecho dos acontecimentos rememorados.

90 - (UERN)

A narrativa introspectiva presente na obra de Clarice Lispector pode ser comprovada em um dos trechos abaixo do conto “Feliz aniversário”, incluído na obra “Laços de Família”. Assinale-o.

a) “E mal eles se beijavam, a sala começou a ficar cheia de gente que ruidosa se cumprimentava...”

b) “Como?! Como tendo sido tão forte pudera dar à luz aqueles seres opacos, com braços moles e rostos ansiosos?”

c) “Os músculos do rosto da aniversariante não a interpretavam mais, de modo que ninguém podia saber se ela estava alegre.”

d) “Os que vieram de Olaria estavam muito bem vestidos porque a visita significava ao mesmo tempo um passeio a Copacabana.”

91 - (FATEC SP)

O escritor, dramaturgo e poeta Ariano Suassuna morreu em 2014, aos 87 anos. Membro da Academia Brasileira de Letras (ABL), esse autor traduziu em suas obras a tradição popular do Nordeste.

Assinale a alternativa que apresenta um trecho da obra *Auto da Compadecida,* de Ariano Suassuna.

a) “ SEVERINO

Não pode ser, João. Eu matei o bispo, o padre, o sacristão, o padeiro e a mulher e eles morreram esperando por você. Se eu não o matar, vêm-me perseguir de noite, porque será uma injustiça com eles. (...)”

(http://tinyurl.com/lelivros Acesso em: 20.08.14. Adaptado)

b) “Chamava-se João Teodoro, só. O mais pacato e modesto dos homens. Honestíssimo e lealíssimo, com um defeito apenas: não dar o mínimo valor a si próprio. Para João Teodoro, a coisa de menos importância no mundo era João Teodoro. (...)”

(http://tinyurl.com/leitura-encantada Acesso em: 20.08.14. Adaptado)

c) “Havia muito que João Romão vivia exclusivamente para essa ideia; sonhava com ela todas as noites; comparecia a todos os leilões de materiais de construção; arrematava madeiramentos já servidos; comprava telha em segunda mão; fazia pechinchas de cal e tijolos; acumulados (...)”

(http://tinyurl.com/dominiopub-1 Acesso em: 20.08.14. Adaptado)

d) “Aplica esta prova a todos os órgãos e compreendes o meu princípio. Enquanto a inteligência e a felicidade que dela se tira pela incansável acumulação de noções, só te peço que compares Renan e o Grillo...”

(http://tinyurl.com/dominiopub-2 Acesso em: 20.08.14. Adaptado)

e) “Nhá Tolentina estava ficando rica de vender no arraial pastéis de carne mexida com ossos de mão de anjinho; dos vinténs enterrados juntamente com mechas de cabelo, em frente das casas; e do João Mangolô velho de guerra, voluntário do mato nos tempos do Paraguai (...)”

(http://tinyurl.com/literaturapoeta-1 Acesso em: 20.08.14. Adaptado)

92 - (UEL PR)

Sobre o motivo da jornada da personagem Zé-do-Burro até Salvador, no livro O Pagador de Promessas, de Dias Gomes, assinale a alternativa correta.

a) Pagamento de promessa pela conquista de suas terras.

b) Pagamento de promessa pela recuperação de Rosa.

c) Pagamento de promessa pelo restabelecimento do burro.

d) Pretexto para fazer campanha a favor da reforma agrária.

e) Pretexto para protestar contra a ditadura.

93 - (UEL PR)

Sobre as personagens de O Pagador de Promessas, assinale a alternativa correta.

a) Galego e Bonitão são artistas populares nordestinos.

b) Minha Tia e os capoeiristas são católicos praticantes do candomblé.

c) O repórter e o fotógrafo são policiais disfarçados que manipulam Zé-do-Burro.

d) O padre e a beata ilustram a intolerância religiosa.

e) Rosa e Marli representam o movimento de liberação feminina dos anos 1990.

94 - (UEL PR)

Sobre o intertexto bíblico presente em O Pagador de Promessas, considere as frases a seguir.

I. “Mas eu conheço seus adeptos! Mesmo quando se disfarçam sob a pele do cordeiro!”

II. “Por que então repete a Divina Paixão? Para salvar a humanidade?”

III. “Uma epopeia. Uma nova Ilíada, onde Troia é a Lua e o cavalo de Troia é o cavalo de São Jorge!”

IV. “É até bom demais. Nunca fez mal a ninguém, nem mesmo a um passarinho.”

Assinale a alternativa que apresenta, corretamente, frases com intertexto bíblico.

a) Somente as frases I e II.

b) Somente as frases I e IV.

c) Somente as frases III e IV.

d) Somente as frases I, II e III.

e) Somente as frases II, III e IV.

95 - (UFGD MS)

Aponte a alternativa que apresenta características ou elementos temáticos presentes na obra “Laços de Família” de Clarice Lispector.

a) Fluxo de consciência, desencanto, questionamento das convenções sociais, cotidiano da classe média.

b) Narrador oniciente, ceticismo, erotismo, luta de classes.

c) Exame de consciência, conformismo, relações de poder, cotidiano da classe operária.

d) Narrativa em primeira pessoa, lirismo, papel da mulher na sociedade, consciência de classe.

e) Fragmentos de narrativa, proselitismo, comédia de costumes, fatos das colunas sociais.

96 - (UFRR)

Leia o fragmento do livro de A hora da estrela de Clarice Lispector

Escrevo neste instante com algum prévio pudor por vos estar invadindo com tal narrativa tão exterior e explícita.

[...]

Como é que sei tudo o que vai seguir e que ainda o desconheço, já que nunca o vivi? É que numa rua do Rio de Janeiro peguei no ar de relance o sentimento de perdição no rosto de uma moça nordestina. Sem falar que eu em menino me criei no Nordeste. Também sei das coisas por estar vivendo. Quem vive sabe, mesmo sem saber que sabe. Assim é que os senhores sabem mais do que imaginam e estão fingindo de sonsos. [...]

A história – determino com falso livre-arbítrio – vai ter uns sete personagens e eu sou um dos mais importantes deles, é claro. Eu, Rodrigo S. M. Relato antigo, este, pois não quero ser modernoso e inventar modismos à guisa da originalidade. Assim é que experimentarei contra meus hábitos uma história com começo, meio e "gran finale", seguido de silêncio e chuva caindo.[...] O que escrevo é mais do que invenção, é minha obrigação contar sobre essa moça entre milhares delas. E dever meu, nem que seja de pouca arte, o de revelar-lhe a vida.

Porque há o direito ao grito.

Grito puro e sem pedir esmola. Sei que há moças que vendem o corpo, única posse real, em troca de um bom jantar em vez de um sanduíche de mortadela. Mas a pessoa de quem falarei mal tem corpo para vender, ninguém a quer, ela é virgem e inócua, não faz falta a ninguém. Aliás – descubro eu agora – também eu não faço a menor falta, e até o que eu escrevo, um outro escreveria. Um outro escritor, sim, mas teria que ser homem porque escritora mulher pode lacrimejar piegas.

Sobre o texto é incorreto afirmar que:

a) A hora da estrela é uma narrativa que foge ao estilo intimista da autora, como pode ser comprovado na seguinte passagem: “Assim é que experimentarei contra meus hábitos uma história com começo, meio e “gran finale”, seguido de silêncio e chuva caindo”.

b) Rodrigo S.M é o narrador-observador e apresenta-se ao leitor sem definir seu objetivo literário, apenas questiona a própria maneira de narrar os fatos, os motivos que o levam a contar a história de uma jovem que pela condição social e econômica também não consegue estabelecer relações amorosas.

c) A autora vestida na pessoa de Rodrigo S.M., um narrador-personagem, não permite qualquer sentimentalismo ou apelos ao sublime. Isso se verifica na passagem: “Aliás – descubro eu agora – também eu não faço a menor falta, e até o que eu escrevo, um outro escreveria. Um outro escritor, sim, mas teria que ser homem porque escritora mulher pode lacrimejar piegas.”

d) A personagem – a moça – pertence a uma camada social muito diferente da do narrador;

e) A autora denuncia a existência de uma vida anônima e massacrada e, por meio dela, a desigualdade social e as condições sub-humanas de sobrevivência.

97 - (UNIFICADO RJ)

O Relógio

Ao redor da vida do homem

há certas caixas de vidro,

dentro das quais, como em jaula,

se ouve palpitar um bicho.

Se são jaulas não é certo;

mais perto estão das gaiolas

ao menos, pelo tamanho

e quadradiço de forma.

Umas vezes, tais gaiolas

vão penduradas nos muros;

outras vezes, mais privadas,

vão num bolso, num dos pulsos.

Mas onde esteja: a gaiola

será de pássaro ou pássara:

é alada a palpitação,

a saltação que ela guarda;

e de pássaro cantor,

não pássaro de plumagem:

pois delas se emite um canto

de uma tal continuidade.

MELO NETO, J. C. **Obra completa**. Rio de Janeiro:

Nova Aguilar, 1994. p.324.

Entre as considerações sobre o fazer poético de João Cabral de Melo Neto, a que se aplica ao texto é a

a) abordagem da integração de todas as pessoas no trabalho coletivo, em detrimento da função de cada indivíduo.

b) criação de poemas de denúncia social, partindo da análise da situação do homem nordestino.

c) escolha de um elemento do mundo físico, geralmente abordado de forma técnica, dando a ele um tratamento metafórico.

d) preocupação sempre crescente com a realidade do país, sobretudo com referência às regiões mais carentes.

e) utilização de versos livres ou irregulares, criados a partir da intuição do poeta, apresentando grande afinidade com a prosa.

98 - (UNIMONTES MG)

Sobre o conto “A menina de lá”, de João Guimarães Rosa, pode-se afirmar, EXCETO

a) De identidade leve e singela, a protagonista falava “despropositado”.

b) A lógica da personagem revela a existência e natureza inteligíveis do seu ser.

c) A personagem Nhinhinha exprime uma visão transcendental da vida.

d) A incomunicabilidade da menina reflete a sua inadaptação ao contexto.

99 - (UNIMONTES MG)

No conto “Felicidade Clandestina”, de Clarice Lispector, a visão da menina pobre que sonhava ler um livro que não possuía resvala ora entre as percepções de uma criança ora entre as de uma mulher. Assinale a alternativa que NÃO expressa nenhuma dessas características.

a) “E você fica com o livro por quanto tempo quiser.”

b) “Não saí pulando como sempre”.

c) “Eu era uma rainha delicada”.

d) “Meu peito estava quente, meu coração pensativo”.

100 - (UNIMONTES MG)

A respeito da personagem Nhinhinha, do conto “A menina de lá”, NÃO é verdadeira a seguinte alternativa.

a) Suas palavras, de sentidos inapreensíveis, evocavam o mistério e o sonho.

b) Sua vida representava a primazia das sensações e do sentimento sobre a realidade.

c) A menina usava a palavra para manipular, a seu favor, o mundo dos adultos.

d) A delicadeza de sua existência era incompreensível no universo árido do sertão.

101 - (UNIMONTES MG)

Assinale a alternativa CORRETA sobre o conto “Felicidade clandestina”, de Clarice Lispector, e o filme A menina que roubava livros.

a) Nas duas histórias, os livros representam matéria de salvação para as protagonistas.

b) As personagens vivem clandestinamente a experiência libertadora da leitura.

c) Os livros roubados são, para as personagens, signos de enfrentamento à pressão vigente.

d) Pode-se dizer que o ambiente de guerra se reflete de forma similar nas duas personagens.

102 - (UNIMONTES MG)

As obras “A menina de lá”, “Felicidade Clandestina” e A menina que roubava livros podem ser lidas como expressão da/do

a) experiência das meninas com o diferente, o inatingível e o libertador.

b) ótica invulgar da criança sobre o ambiente da opressão e guerra.

c) sentimento catártico das meninas sobre a literatura e a leitura.

d) desejo sobre o proibitivo e inatingível.

103 - (UNISC RS)

Leia atentamente os dois trechos do poema *Morte e vida severina*, de João Cabral de Melo Neto, e, depois, analise as afirmativas a seguir.

Trecho 1

O RETIRANTE EXPLICA AO LEITOR QUEM É E A QUE VAI

O meu nome é Severino, como não tenho outro de pia. Como há muitos Severinos, que é santo de romaria, deram então de me chamar Severino de Maria; como há muitos Severinos com mães chamadas Maria, fiquei sendo o da Maria do finado Zacarias. Mas isso ainda diz pouco: há muitos na freguesia, por causa de um coronel que se chamou Zacarias e que foi o mais antigo senhor desta sesmaria. Como então dizer quem fala ora a Vossas Senhorias? Vejamos: é o Severino da Maria do Zacarias, lá da serra da Costela, limites da Paraíba.

MELO NETO, João Cabral de. *Morte e vida severina e outros poemas para vozes.* 34. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994, p. 29.

Trecho 2

CANSADO DA VIAGEM O RETIRANTE PENSA INTERROMPÊ-LA POR UNS INSTANTES E PROCURAR TRABALHO ALI ONDE SE ENCONTRA.

– Desde que estou retirando só a morte vejo ativa, só a morte deparei e às vezes até festiva; só a morte tem encontrado quem pensava encontrar [vida, e o pouco que não foi morte foi de vida Severina (aquela vida que é menos vivida que defendida, e é ainda mais Severina para o homem que retira). Penso agora: mas porque parar aqui eu não podia e como o Capibaribe interromper minha linha? ao menos até que as águas de uma próxima invernia me levem direto ao mar ao refazer sua rotina? Na verdade, por uns tempos, parar aqui eu bem podia e retomar a viagem quando vencesse a fadiga. Ou será que aqui cortando agora minha descida já não poderei seguir nunca mais em minha vida?

MELO NETO, João Cabral de. *Morte e vida severina e outros poemas para vozes.* 34. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994, p. 35-36.

I. No **trecho 1**, o retirante tenta construir uma identidade própria, mas acaba transmitindo a ideia de que, igual a ele, existem muitos outros “severinos” no Nordeste brasileiro.

II. Os versos do **trecho 2** criam uma imagem positiva e idealizada do nordestino, como um herói incansável e valente, que não se assusta diante da morte.

III. A partir da leitura do **trecho 2**, pode-se afirmar que a vida do nordestino, especialmente a do retirante, é tão difícil e sofrida que quase se parece com a morte.

Assinale a alternativa correta.

a) Somente as afirmativas I e II estão corretas.

b) Somente as afirmativas II e III estão corretas.

c) Somente as afirmativas I e III estão corretas.

d) Nenhuma afirmativa está correta.

e) Todas as afirmativas estão corretas.

104 - (UNISC RS)

Leia atentamente os trechos a seguir e, depois, assinale a alternativa **incorreta**.

Trecho 1

Quando emerge da banheira é uma desconhecida que não sabe o que sentir. [...] Enxuga-se sem amor, humilhada e pobre, envolve-se no roupão como em braços mornos. Fechada dentro de si, não querendo olhar, ah, não querendo olhar, desliza pelo corredor – a longa garganta vermelha e escura e discreta por onde afundará no bojo, no tudo. [...] Na cama silenciosa, flutuante na escuridão, aconchega-se como no ventre perdido e esquece. Tudo é vago, leve e mudo.

LISPECTOR, Clarice. *Perto do coração selvagem:* romance.
16. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1994, p. 77-78.

Trecho 2

Nonada. Tiros que o senhor ouviu foram de briga de homem não, Deus esteja. Alvejei mira em árvore, no quintal, no baixo do córrego. Por meu acerto. Todo dia isso faço, gosto; desde mal em minha mocidade. [...] O senhor ri certas risadas... Olhe: quando é tiro de verdade, primeiro a cachorrada pega a latir, instantaneamente depois, então, se vai ver se deu mortos. O senhor tolere,

isto é o sertão. Uns querem que não seja: que situado sertão é por os campos-gerais a fora a dentro, eles dizem, fim de rumo, terras altas, demais do Urucaia. Toleima.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão:* veredas.
15. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1982, p. 9.

a) Como se pode ver no **trecho 1**, Clarice Lispector apresenta, já em seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem*, uma narrativa intimista, voltada para as perplexidades e incertezas do ser humano.

b) O **trecho 2** demonstra uma das principais características da obra de Guimarães Rosa: a inovação radical no uso da linguagem.

c) O trecho de *Perto do coração selvagem* selecionado é um exemplo da forma como, na obra de Clarice Lispector, os sentimentos e pensamentos dos personagens são influenciados pelo espaço em que se desenvolvem as ações.

d) Diferentemente do que ocorre no romance *Grande sertão*: veredas (**trecho 2**), nos contos de Guimarães Rosa há predomínio de narrativas que se passam nos grandes centros urbanos.

e) Clarice Lispector e Guimarães Rosa são dois dos principais autores do terceiro momento do Modernismo brasileiro.

105 - (ITA SP)

O título do livro *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, diz respeito ao seguinte momento do romance:

a) O despertar amoroso de Macabéa no namoro com Olímpico.

b) A descoberta de Macabéa de que Olímpico a traía com Glória.

c) A obtenção por Macabéa de um bom emprego como datilógrafa.

d) A previsão do grande futuro de Macabéa, feita pela cartomante.

e) A morte de Macabéa, atropelada por um carro de luxo.

106 - (ITA SP)

O poema abaixo, de João Cabral de Melo Neto, integra o livro *A escola das facas*.

Sobre o poema, é **INCORRETO** afirmar que a descrição

a) compara o som das folhas do canavial com o da cigarra.

b) põe em relevo a rusticidade da plantação de cana de açúcar.

c) destaca o som do vento que passa pela plantação.

d) associa o som do canavial com o amassar das folhas de papel.

e) faz do vento a navalha que corta o canavial.

107 - (UFRGS) Leia o poema abaixo, de João Cabral de Melo Neto.

O sertanejo falando

A fala a nível do sertanejo engana:
as palavras dele vêm, como rebuçadas
(palavras confeito, pílula), na glace
de uma entonação lisa, de adocicada.
Enquanto que sob ela, dura e endurece
o caroço de pedra, a amêndoa pétrea,
dessa árvore pedrenta (o sertanejo)
incapaz de não se expressar em pedra.

2

Daí por que o sertanejo fala pouco:
as palavras de pedra ulceram a boca

e no idioma pedra se fala doloroso;

o natural desse idioma fala à força.

Daí também por que ele fala devagar:

tem de pegar as palavras com cuidado,

confeitá-las na língua, rebuçá-las;

pois toma tempo todo esse trabalho.

Assinale com **V** (verdadeiro) ou **F** (falso) as seguintes afirmações sobre o poema.

( ) O eu-lírico do poema é o próprio sertanejo que reflete sobre sua forma de falar.

( ) A ideia dos quatro primeiros versos da primeira estrofe é retomada nos quatro últimos da segunda; neles é descrita a melodia aparentemente doce da fala do sertanejo.

( ) Os quatro últimos versos da primeira estrofe estão relacionados aos quatro primeiros da segunda; neles é descrita a essência rude do falar sertanejo.

( ) O sertanejo falando opõe-se aos demais poemas de A educação pela pedra; nele João Cabral de Melo Neto apresenta um rigor formal, uma preocupação com a estrutura do poema, ausente no restante do livro.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é

a) V – V – V – F.

b) F – V – F – V.

c) V – F – V – V.

d) F – F – F – V.

e) F – V – V – F.

108 - (UFRGS)

Considere a peça Boca de Ouro, de Nelson Rodrigues.

De acordo com o texto da peça, Dona Guigui

a) revela fatos inéditos para Caveirinha, que tenta descobrir qual o nome das damas da alta sociedade a se relacionarem com Boca de Ouro.

b) revela fatos inéditos para Caveirinha, repórter encarregado de pesquisar a vida do bicheiro e suas relações com políticos e delegados de polícia.

c) apresenta três versões contraditórias que revelam o despeito nutrido por quem foi obrigada a sofrer um aborto depois de abandonar a casa dos pais.

d) é a fonte de Caveirinha para o jornal o Sol e revela que seu marido a obrigou a seduzir Boca de Ouro e que este a manteve em um bordel.

e) é a fonte de Caveirinha para o jornal O Sol, foi amante de Boca de Ouro e mantém relacionamento tenso com seu marido Agenor.

109 - (ENEM)

Morte e vida Severina

Somos muitos Severinos

iguais em tudo na vida:

na mesma cabeça grande

que a custo é que se equilibra,

no mesmo ventre crescido

sobre as mesmas pernas finas,

e iguais também porque o sangue

que usamos tem pouca tinta.

E se somos Severinos

iguais em tudo na vida,

morremos de morte igual,

mesma morte Severina:

que é a morte de que se morre

de velhice antes dos trinta

de emboscada antes dos vinte,

de fome um pouco por dia.

MELO NETO, J. C. **Obra completa**. Rio Janeiro: Nova Aguilar, 1994 (fragmento).

Nesse fragmento, parte de um auto de Natal, o poeta retrata uma situação marcada pela

a) presença da morte, que universaliza os sofrimentos dos nordestinos.

b) figura do homem agreste, que encara ternamente sua condição de pobreza.

c) descrição sentimentalista de Severino, que divaga sobre questões existenciais.

d) miséria, à qual muitos nordestinos estão expostos, simbolizada na figura de Severino.

e) opressão socioeconômica a que todo ser humano se encontra submetido.

110 - (UCS RS)

Leia as afirmações em relação à obra *Morte e vida severina*, escrita por João Cabral de Melo Neto.

I A peça teatral pode ser classificada como um auto de natal pernambucano.

II A peça, ao contar a saga do nordestino, elege a forma popular com versos curtos, comuns nos autos medievais.

III As únicas profissões possíveis de trabalhar, conforme o enredo, são aquelas ligadas à morte.

Das proposições acima,

a) apenas I está correta.

b) apenas II está correta.

c) apenas I e III estão corretas.

d) apenas II e III estão corretas.

e) I, II e III estão corretas.

111 - (ENEM)

Famigerado

Com arranco, [o sertanejo] calou-se. Como arrependido de ter começado assim, de evidente. Contra que aí estava com o fígado em más margens; pensava, pensava. Cabismeditado. Do que, se resolveu. Levantou as feições. Se é que se riu: aquela crueldade de dentes. Encarar, não me encarava, só se fito `meia esguelha. Latejava-lhe um orgulho indeciso. Redigiu seu monologar.

O que frouxo falava: de outras, diversas pessoas e coisas, da Serra, do São Ão, travados assuntos, insequentes, como dificultação. A conversa era para teias de aranha. Eu tinha de entender-lhe as mínimas entonações, seguir seus propósitos e silêncios. Assim no fechar-se com o jogo, sonso, no me iludir, ele enigmava. E, pá:

– Vosmecê agora me faça a boa obra de querer me ensinar o que é mesmo que é: fasmisgerado... faz-me-gerado... falmisgeraldo... familhas-gerado...?

ROSA, J. G. Primeiras estórias.
Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

A linguagem peculiar é um dos aspectos que conferem a Guimarães Rosa um lugar de destaque na literatura brasileira. No fragmento lido, a tensão entre a personagem e o narrador se estabelece porque

a) o narrador se cala, pensa e monologa, tentando assim evitar a perigosa pergunta de seu interlocutor.

b) o sertanejo emprega um discurso cifrado, com enigmas, como se vê em “a conversa era para teias de aranha”.

c) entre os dois homens cria-se uma comunicação impossível, decorrente de suas diferenças socioculturais.

d) a fala do sertanejo é interrompida pelo gesto de impaciência do narrador, decidido a mudar o assunto da conversa.

e) a palavra desconhecida adquire o poder de gerar conflito e separar as personagens em planos incomunicáveis.

112 - (ENEM)

Pecados, vagância de pecados. Mas, a gente estava com Deus? Jagunço podia? Jagunço – criatura paga para crimes, impondo o sofrer no quieto arruado dos outros, matando e roupilhando. Que podia? Esmo disso, disso, queri, por pura toleima; que sensata resposta podia me assentar o Jõe, broreiro peludo do Riachão do Jequitinhonha? Que podia? A gente, nós, assim jagunços, se estava em permissão de fé para esperar de Deus perdão de proteção? Perguntei, quente.

— “Uai? Nós vive... — foi o respondido que ele me deu.

ROSA, G. **Grande sertão: veredas**.
Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001 (fragmento).

Guimarães Rosa destaca-se pela inovação da linguagem com marcas dos falares populares e regionais. Constrói seu vocabulário a partir de arcaísmos e da intervenção nos campos sintático-semânticos. Em *Grande sertão: veredas*, seu livro mais marcante, faz o enredo girar em torno de Riobaldo, que tece a história de sua vida e sua interlocução com o mundo-sertão.

No fragmento em referência, o narrador faz uso da linguagem para revelar

a) inquietação por desconhecer se os jagunços podem ou não ser protegidos por Deus.

b) uma insatisfação profunda com relação à sua condição de jagunço e homem pecador.

c) confiança na resposta de seu amigo Jõe, que parecia ser homem estudado e entendido.

d) muitas dúvidas sobre a vida após a morte, a vida espiritual e sobre a fé que pode ter o jagunço.

e) arrependimento pelos pecados cometidos na vida errante de jagunço e medo da perdição eterna.

113 - (PUC RS)

Leia o trecho abaixo, de Lygia Fagundes Telles, retirado da obra *Passaporte para a China.*

"Rio de Janeiro, 24 de setembro de 1960.

Diz o horóscopo que os do signo de Áries não devem de modo algum se arriscar no dia de hoje.

Sou do signo de Áries e daqui a pouco, em plena noite, devo embarcar num avião a jato para a China. Escalas?

Dacar, Paris, Praga, Omsk, Irkutsck e finalmente Pequim. Quer dizer, atravessarei quatro continentes: América, África, Europa e Ásia. É continente demais, hein! Melhor tomar antes um chope duplo ali no bar do Lucas, defronte ao mar de Copacabana, ficar ouvindo a voz espumejante das ondas e esquecer que passarei horas e horas "naquela coisa" que às vezes a gente ouve cortar o céu tão rapidamente e com um silvo tão desesperado que quando se olha para as nuvens não se vê mais nada. Nada."

Com base no texto selecionado e na obra de Lygia Fagundes Teles, analise as seguintes afirmativas:

I. A narradora enfrenta a ideia de voar com expectativa, pois, além do país asiático, conhecerá outras cinco cidades.

II. O texto expressa os sentimentos de uma viajante momentos antes da partida, enfrentando o pânico de cruzar o planeta para conhecer um país distante.

III. O emprego reiterado de aliterações no último parágrafo sugere a ideia da velocidade que provoca temor na viajante supersticiosa.

A(s) afirmativa(s) correta(s) é/são:

a) I, apenas.

b) II, apenas.

c) I e III, apenas.

d) II e III, apenas.

e) I, II e III.

114 - (UCS RS)

O trecho a seguir pertence ao conto “A terceira margem do rio”, de Guimarães Rosa.

“Sou homem de tristes palavras. De que era que eu tinha tanta, tanta culpa? Se o meu pai, sempre fazendo ausência: e o rio-rio-rio, o rio – pondo perpétuo”.

(ROSA, 1994, p. 412).

A partir do excerto lido, assinale a alternativa que apresenta a melhor aproximação do conto com a obra *Um terno de pássaros ao Sul*, de Carpinejar.

a) O tom confessional com que o sujeito busca ressignificar a própria vida, a partir da compreensão da figura paterna ausente, mediada pela memória.

b) A revolta do filho em relação à figura paterna, tendo em vista a sua ausência intencional na infância do sujeito poético.

c) A figura da mãe, assumindo papéis tradicionalmente atribuídos ao pai.

d) A desagregação familiar como resultado do egoísmo paterno, que culmina na perda dos referenciais identitários da prole.

e) A identificação do sujeito poético ao seu pai, o que se evidencia na escolha da mesma profissão.

115 - (UNEMAT MT)

"Eu queria usar palavras de ave para escrever.

Onde a gente morava era um lugar imensamente e

sem nomeação.

Ali a gente brincava de brincar com palavras

tipo assim: Hoje eu vi uma formiga ajoelhada na

pedra!

A Mãe que ouvira a brincadeira falou:

Já vem você com suas visões!

Porque formigas nem têm joelhos ajoelháveis

e nem há pedras de sacristias por aqui.

Isso é traquinagem da sua imaginação.

O menino tinha no olhar um silêncio de chão

e na sua voz uma candura de Fontes.

O Pai achava que a gente queria desver o mundo

para encontrar nas palavras novas coisas de ver

[...]

O que a gente aprendia naquele lugar era só

ignorâncias

para a gente bem entender a voz das águas e

dos caracóis.

A gente gostava das palavras quando elas

perturbavam

o sentido normal das ideias.

Porque a gente também sabia que só os absurdos

enriquecem a poesia".

(BARROS, Manoel de. *Menino do Mato*).

Nos trechos "O Pai achava que a gente queria desver o mundo/para encontrar nas palavras novas coisas de ver / Porque a gente também sabia que só os absurdos enriquecem a poesia", Manoel de Barros indica uma característica literária peculiar, identificada em *Menino do Mato*. Assinale a alternativa que vem ao encontro dessa característica:

a) A visão do adulto prevalece à infantil, tendo em vista que a criança desconstrói o mundo imaginário criado.

b) A ausência de visão infantil pelo contexto voltado ao culto da natureza.

c) O ato de construção do mundo, a partir da visão do adulto; por isso, o predomínio do realismo mágico, típico da obra de Manoel de Barros.

d) O ato de desaprender pela desconstrução do sentido normal das coisas, guiados pela visão da criança.

e) A desconstrução da linguagem pelo desprezo ao neologismo e adoção do regionalismo.

116 - (ITA SP)

O poema abaixo é de José Paulo Paes:

Bucólica

O camponês sem terra

Detém a charrua

E pensa em colheitas

Que nunca serão suas.

(Em: *Um por todos – poesia reunida.* São Paulo: Brasiliense, 1986.)

O texto apresenta

a) uma oposição campo/cidade, de filiação árcade-romântica.

b) um bucolismo típico da tradição árcade, indicado pelo título.

c) uma representação tipicamente romântica do homem do campo.

d) um contraste entre o arcadismo do título e o realismo social dos versos.

e) uma total ruptura com a representação realista do homem do campo.

117 - (UNICAMP SP)

No conto “Amor”, de Clarice Lispector, a percepção da personagem Ana, em relação ao seu mundo, é alterada de forma significativa pelo seguinte acontecimento:

a) os ovos quebrados no embrulho do jornal, que simbolizam a mudança psicológica da protagonista no relato ficcional.

b) o cego parado no ponto do bonde, que modifica a visão da protagonista em relação aos vínculos familiares.

c) o estouro do fogão da cozinha, que significa, no percurso narrativo, a ruptura psíquica da protagonista com a opressão da vida matrimonial.

d) a aparição súbita do gato no Jardim Botânico, que deflagra uma reviravolta afetiva de Ana com o seu amante.

TEXTO: 1 - Comum à questão: 118

O Líder

O sono do líder é agitado. A mulher sacode-o até acordá-lo do pesadelo. Estremunhado, ele se levanta, bebe um gole de água. Diante do espelho refaz uma expressão de homem de meia-idade, alisa os cabelos das têmporas, volta a se deitar. Adormece e a agitação recomeça. “Não, não!” debate-se ele com a garganta seca.

O líder se assusta enquanto dorme. O povo ameaça o líder? Não, pois se líder é aquele que guia o povo exatamente porque aderiu ao povo. O povo ameaça o líder? Não, pois se o povo escolheu o líder. O povo ameaça o líder? Não, pois o líder cuida do povo. O povo ameaça o líder?

Sim, o povo ameaça o líder do povo. O líder revolve-se na cama. De noite ele tem medo. Mas o pesadelo é um pesadelo sem história. De noite, de olhos fechados, vê caras quietas, uma cara atrás da outra. E nenhuma expressão nas caras. É só este o pesadelo, apenas isso. Mas cada noite, mal adormece, mais caras quietas vão se reunindo às outras, como na fotografia de uma multidão em silêncio. Por quem é este silêncio? Pelo líder. É uma sucessão de caras iguais como na repetição monótona de um rosto só. Nas caras não há senão a inexpressão. A inexpressão ampliada como em fotografia ampliada. Um painel e cada vez com maior número de caras iguais. É só isso. Mas o líder se cobre de suor diante da visão inócua de milhares de olhos vazios que não pestanejam. Durante o dia o discurso do líder é cada vez mais longo, ele adia cada vez mais o instante da chave de ouro. Ultimamente ataca, denuncia, denuncia, denuncia, esbraveja e quando, em apoteose, termina, vai para o banheiro, fecha a porta e, uma vez sozinho, encosta-se à porta fechada, enxuga a testa molhada com o lenço. Mas tem sido inútil. De noite é sempre maior o número silencioso. Cada noite as caras aproximam-se um pouco mais. Cada noite ainda um pouco mais. Até que ele já lhes sente o calor do hálito. As caras inexpressivas respiram – o líder acorda num grito. Tenta explicar à mulher: sonhei que... sonhei que... Mas não tem o que contar. Sonhou que era um líder de pessoas vivas.

(LISPECTOR, Clarice. Para não esquecer. São Paulo: Siciliano, 1992.)

118 - (UERJ)

O texto clariceano nos conta uma história de caráter universal.

Uma das estratégias para alcançar esse efeito de universalidade está relacionada com a seguinte característica do texto:

a) ausência de foco narrativo

b) exploração das seqüências descritivas

c) indeterminação do contexto espacial

d) especificação das circunstâncias temporais

TEXTO: 2 - Comum à questão: 119

Por não estarem distraídos

Havia a levíssima embriaguez de andarem juntos, a alegria como quando se sente a garganta um pouco seca e se vê que por admiração se estava de boca entreaberta: eles respiravam de antemão [5]o ar que estava à frente, e ter esta sede era a própria água deles. Andavam por ruas e ruas falando e rindo, falavam e riam para dar matéria e peso à levíssima embriaguez que era a alegria da sede deles. Por causa de carros e pessoas, às [10]vezes eles se tocavam, e ao toque – a sede é a graça, mas as águas são uma beleza de escuras – e ao toque brilhava o brilho da água deles, a boca ficando um pouco mais seca de admiração. Como eles admiravam estarem juntos!

[15]Até que tudo se transformou em não. Tudo se transformou em não quando eles quiseram essa mesma alegria deles. Então a grande dança dos erros. O cerimonial das palavras desacertadas. Ele procurava e não via, ela não via que ele não [20]vira, ela que estava ali, no entanto. No entanto ele que estava ali. Tudo errou, e havia a grande poeira das ruas, e quanto mais erravam, mais com aspereza queriam, sem um sorriso. Tudo só porque tinham prestado atenção, só porque [25]não estavam bastante distraídos. Só porque, de súbito exigentes e duros, quiseram ter o que já tinham. Tudo porque quiseram dar um nome; porque quiseram ser, eles que eram. Foram então aprender que, não se estando distraído, o telefone [30]não toca, e é preciso sair de casa para que a carta chegue, e quando o telefone finalmente toca, o deserto da espera já cortou os fios. Tudo, tudo por não estarem mais distraídos.

(LISPECTOR, Clarice. Para não esquecer. São Paulo: Siciliano, 1992.)

119 - (UERJ)

O título do texto – Por não estarem distraídos – refere-se à causa do distanciamento dos amantes ao longo da relação estabelecida entre eles.

A expressão não estarem distraídos apresenta o sentido de:

a) falta de dedicação

b) excesso de cobrança

c) necessidade de confiança

d) ausência de comprometimento

TEXTO: 3 - Comum às questões: 120, 121, 122, 123

Foi num dia de sol intenso, no duro trabalho do fim da colheita nas roças, que a idéia se meteu na cabeça do Varapau. Os últimos cocos de cacau estavam sendo derrubados, amarelos de ouro, já ameaçados pelo sol violento que anunciava o paradeiro. O Varapau era magríssimo e alto, daí o apelido que substituíra definitivamente seu nome num passado remoto. Não se sabia de onde ele tinha vindo. Fora homem de muitas profissões anteriores: engraxate, vendedor de bilhete de loteria, doqueiro em Ilhéus, quem sabe o que mais? É possível que tivesse sido ladrão algum dia, como se murmurava à boca pequena nas fazendas vizinhas. A verdade é que atualmente Varapau devia um dinheirão ao armazém. Andara mais sifilítico que mulher dama, quase três meses arriado em cima do girau, sem trabalhar, e sua conta subira tanto que Capi, seu companheiro de casa, experiente nas fazendas, dissera:

- Tu morre trabalhando e não paga nunca, desgraçado...

Mas Varapau não queria morrer trabalhando. Muito menos morrer nesse trabalho das roças de cacau, pesado, sem futuro. Por que viera dar com magros costados ali nem mesmo ele sabia. Subira um dia de trem para Itabuna. Deu–lhe na cabeça espiar as fazendas. Contrataram-no numa crise de trabalhadores (chovera no Ceará) e ele foi ficando, amarrado à dívida no armazém. O coronel Frederico Pinto dizia que nunca tivera trabalhador tão ruim quanto Varapau. Preguiçoso e sem-vergonha, matava o trabalho o quanto podia. Mas quem podia matar o trabalho quando Tibúrcio, o capataz, estava em cima, gritando:

- Mais depressa... Mas depressa...

(...)

Quantas vezes não planejara fugir, largar aquelas terras, arribar pelo mundo afora, para longe desse trabalho dos cacaueiros? Mas recordava sempre, como todos os trabalhadores da fazenda, a surra que Ranulfo levara quando tentara fugir. Fora alcançado em Ferradas e apanhou na vista de

todos os trabalhadores, especialmente reunidos para assistir. O coronel Frederico também estava, o rebenque de Tibúrcio trabalhou nas costas do homem. Depois o coronel [40]disse:

- Isso é para vocês aprenderem a não querer roubar os outros... Trabalhador que deve tem que pagar a dívida antes de ir embora.

(AMADO, Jorge. São Jorge dos Ilhéus. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1944, p.106 - 107.)

120 - (UFRRJ)

A visão crítica da realidade brasileira foi um dos mais importantes postulados do Modernismo, sendo expressa, em alguns textos, na forma de denúncia de desigualdades sociais. O fragmento do texto que contém crítica às injustiças nas relações de trabalho das roças cacaueiras é

a) "O Varapau era magríssimo e alto..."

b) "É possível que tivesse sido ladrão algum dia..."

c) "Andara mais sifilítico que mulher dama..."

d) "Muito menos morrer nesse trabalho das roças de cacau, pesado, sem futuro."

e) "Contrataram-no numa crise de trabalhadores..."

121 - (UFRRJ)

"Foi num dia de sol intenso, no duro trabalho do fim da colheita nas roças, que a idéia se meteu na cabeça do Varapau."

(l. 1 a 3)

Pela leitura do texto, entende-se que a idéia imediata que se meteu na cabeça do Varapau, naquele fim de dia, foi

a) mudar de profissão.

b) pagar a conta do armazém.

c) roubar o Coronel Frederico.

d) fugir para longe do trabalho dos cacaueiros.

e) ir para o Ceará, onde tinha chovido.

122 - (UFRRJ)

"Preguiçoso e sem-vergonha, matava o trabalho o quanto podia".(l. 27)

A caracterização de Varapau como trabalhador, expressa nessa frase, reflete um ponto de vista do

a) Capi.

b) Coronel Frederico Pinto.

c) Tibúrcio.

d) próprio Varapau.

e) narrador onisciente.

123 - (UFRRJ)

O texto apresenta predominantemente uma característica marcante da prosa modernista de 2ª fase, que é o (a)

a) romance regional.

b) narrativa intimista.

c) aproximação entre prosa e poesia.

d) rompimento com os padrões da língua culta.

e) despreocupação com a moral.

TEXTO: 4 - Comum às questões: 125, 124, 126

Na cabeceira da mesa, a toalha manchada de coca-cola, o bolo desabado, ela era a mãe. A aniversariante piscou. Eles se mexiam agitados, rindo, a sua família. E ela era a mãe de todos. E se de repente não se ergueu, como um morto se levanta devagar e obriga mudez e terror aos vivos, a aniversariante ficou mais dura na cadeira, e mais alta. Ela era a mãe de todos. E como a presilha a sufocasse, ela era a mãe de todos e, impotente à cadeira, desprezava-os. E olhava-os piscando.

Todos aqueles seus filhos e netos e bisnetos que não passavam de carne de seu joelho, pensou de repente como se cuspisse. Rodrigo, o neto de sete anos, era o único a ser a carne de seu coração. Rodrigo, com aquela carinha dura, viril e despenteada, cadê Rodrigo? Rodrigo com olhar sonolento e intumescido naquela cabecinha ardente, confusa. Aquele seria um homem. Mas, piscando, ela olhava os outros, a aniversariante. Oh o desprezo pela vida que falhava. Como?! como tendo sido tão forte pudera dar à luz aqueles seres opacos, com braços moles e rostos ansiosos? Ela, a forte, que casara em hora e tempo devidos com um bom homem a quem, obediente e independente, respeitara; a quem respeitara e que lhe fizera filhos e lhe pagara os partos, lhe honrara os resguardos. O tronco fora bom. Mas dera aqueles azedos e infelizes frutos, sem capacidade sequer para uma boa alegria. Como pudera ela dar à luz aqueles seres risonhos fracos, sem austeridade? O rancor roncava no seu peito vazio. Uns comunistas, era o que eram; uns comunistas. Olhou-os com sua cólera de velha. Pareciam ratos se acotovelando, a sua família. Incoercível, virou a cabeça e com força insuspeita cuspiu no chão.

(LISPECTOR, Clarice. Feliz Aniversário. In: Laços de Família. 28. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995. p. 78-79.)

124 - (UEL PR)

Com base no texto e nos conhecimentos sobre a obra, considere as afirmativas a seguir.

I. A ação dos membros da família de D. Anita caracteriza-se por constante movimento, como revela a seguinte passagem: “eles se mexiam agitados”.

II. As lembranças do tempo vivido com o marido são marcadas através de um passado mais remoto registrado nos seguintes verbos: “casara”; “respeitara”; “fizera”; “pagara”; “honrara”; “fora”; “dera”; “pudera”.

III. O verbo “cuspir” aparece duas vezes, sendo que na primeira delas atua como desejo reprimido; na segunda, como manifestação conclusiva de seu sentimento de desprezo em relação à família.

IV. A reiteração da expressão “ela era a mãe” marca o sentimento de culpa que acompanha o dia-a-dia da personagem frente à desintegração de sua família.

Estão corretas apenas as afirmativas:

a) I e IV.

b) II e III.

c) III e IV.

d) I, II e III.

e) I, II e IV.

125 - (UEL PR)

"Ela, a forte, que casara em hora e tempo devidos com um bom homem a quem, obediente e independente, ela respeitara; a quem respeitara e que lhe fizera filhos e lhe pagara os partos e lhe honrara os resguardos."

Com base no trecho, é correto afirmar:

a) "casara em hora e tempo devidos" significa que seu casamento foi planejado com muita antecedência.

b) A caracterização entre vírgulas "obediente e independente" refere-se à pessoa representada por "quem" que a antecede.

c) O uso do adjetivo "forte" corresponde a uma ironia, visto que assim se justificam a fraqueza dos familiares e sua identificação com a aniversariante.

d) As orações "lhe fizera filhos" e "lhe pagara os partos" são reveladoras dos valores patriarcais da protagonista.

e) O emprego dos adjetivos "obediente e independente" aplicados a D. Anita é revelador da improbidade da matriarca.

126 - (UEL PR)

Ainda que Clarice Lispector tenha morrido um dia antes de completar cinqüenta e sete anos, a problemática das mulheres de terceira idade faz–se presente em muitos de seus contos. "Feliz Aniversário" registra tal tema. Neste conto, sentada à cabeceira da mesa preparada para a comemoração de seu octagésimo-nono aniversário, D. Anita:

a) Vê, horrorizada, sua descendência constituída por seres mesquinhos.

b) Lembra-se, saudosa, da época em que seu marido era vivo e com ela dividia as dificuldades cotidianas.

c) Contempla seu neto, Rodrigo, a trazer-lhe ao presente a imagem do falecido marido quando jovem.

d) Rememora, com rancor, sua vida de mulher, seja enquanto esposa, seja enquanto mãe, mostrando-se indignada com a atual falta de afeto de filhos, netos e bisnetos.

e) Mistura presente e passado, deixando emergir a saudade que há tempo domina seu cotidiano.

TEXTO: 5 - Comum à questão: 127

As questões referem-se à passagem transcrita do conto “Famigerado” (Primeiras Estórias, 1962), de João Guimarães Rosa (1908-1967).

[...]

– “Vosmecê agora me faça a boa obra de querer me ensinar o que é mesmo que é: fasmisgerado... faz-megerado... falmisgeraldo... familhas-gerado...?

Disse, de golpe, trazia entre dentes aquela frase. Soara com riso seco. Mas, o gesto, que se seguiu, imperava-se de toda a rudez primitiva, de sua presença dilatada. Detinha minha resposta, não queria que eu a desse de imediato. E já aí outro susto vertiginoso suspendia-me: alguém podia ter feito intriga, invencionice de atribuir-me a palavra de ofensa àquele homem; que muito, pois, que aqui ele se famanasse, vindo para exigir-me, rosto a rosto, o fatal, a vexatória satisfação?

– “Saiba vosmecê que saí ind’hoje da Serra, que vim, sem parar, essas seis léguas, expresso direto pra mor de lhe preguntar a pregunta, pelo claro...”

Se sério, se era. Transiu-se-me.

“Lá, e por estes meios de caminho, tem nenhum ninguém ciente, nem tem o legítimo – o livro que aprende as palavras... É gente pra informação torta, por se fingirem de menos ignorâncias... Só se o padre, no São Ão, capaz, mas com padres não me dou: eles logo engambelam... A bem.

Agora, se me faz mercê, vosmecê me fale, no pau da peroba, no aperfeiçoado: o que é que é, o que já lhe perguntei?

Se simples. Se digo. Transfoi-se-me. Esses trizes:

Famigerado?

“Sim senhor...” – e, alto, repetiu, vezes, o termo, enfim nos vermelhões da raiva, sua voz fora de foco. E já me olhava, interpelador, intimativo – apertava-me. Tinha eu que descobrir a cara. –

Famigerado? Habitei preâmbulos. Bem que eu me carecia noutro ínterim, em indúcias. Como por socorro, espiei os três outros, em seus cavalos, intugidos até então, mumumudos. Mas, Damázio:

"Vosmecê declare. Estes aí são de nada não. São da Serra. Só vieram comigo, pra testemunho..."

Só tinha de desentalar-me. O homem queria estrito o caroço: o verivérbio.

Famigerado é inóxio, é "célebre", "notório", "notável"...

"Vosmecê mal não veja em minha grossaria no não entender. Mais me diga: é desaforado? É caçoável? É de arrenegar? Farsância? Nome de ofensa?"

Vilta nenhuma, nenhum doesto. São expressões neutras, de outros usos...

"Pois... e o que é que é, em fala de pobre, linguagem de em dia-de-semana?"

Famigerado? Bem. É: "importante", que merece louvor, respeito...

Vosmecê agarante, pra a paz das mães, mão na Escritura?"

Se certo! Era para se empenhar a barba. Do que o diabo, então eu sincero disse:

Olhe: eu, como o sr. me vê, com vantagens, hum, o que eu queria uma hora destas era ser famigerado – bem famigerado, o mais que pudesse!... "Ah, bem!..." – soltou, exultante.

(ROSA, João Guimarães. Primeiras Estórias. 14. ed. Rio

de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 15-16.)

127 - (UEL PR)

As palavras de Damázio são registradas de maneira condizente com sua origem sertaneja. Assim, lê-se, no texto, entre muitas outras expressões similares, "pra mor de lhe preguntar a pregunta". Tal fato revela:

a) Preconceito do autor com relação ao sertanejo iletrado, marginalizando-o através da fiel transcrição de sua fala em desacordo com a norma lingüística vigente e incompreensível para o homem culto da cidade.

b) Descaso do autor com o registro da fala do homem do sertão, somando-se, desta forma, com a política brasileira dominante em 1962, quando seu livro foi escrito, que pouco se ateve à problemática destes seres marginalizados.

c) Consciência política do autor que, através do registro da fala arcaica de seus sertanejos, objetiva trazer à tona problemas concernentes à marginalidade e à subserviência experimentadas por esses homens incapazes de ostentar alguma forma de poder.

d) Vínculo da obra rosiana com obras regionalistas brasileiras que a antecederam nas quais há o registro concomitante de duas falas muito diferentes entre si, a do sertanejo e a do homem da cidade, como é o caso, por exemplo, de São Bernardo, de Graciliano Ramos.

e) Conhecimento, por parte do autor, da existência de um ser outro, ainda que também brasileiro, distinto daquele que se faz presente na cidade, sendo que sua especificidade registra-se de diferentes maneiras, inclusive na maneira como fala.

TEXTO: 6 - Comum às questões: 128, 129

Leia os trechos da obra Grande sertão: veredas, publicada há 50 anos, do escritor mineiro Guimarães Rosa – geração de 45.

Eu ouvi aquilo demais. O pacto! Se diz – o senhor sabe. Bobéia. Ao que a pessoa vai, em meia-noite, a uma encruzilhada, e chama fortemente o Cujo – e espera. Se sendo, há-de que vem um pé-de-vento, sem razão, e arre se comparece uma porca com ninhada de pintos, se não for uma galinha puxando barrigada de leitões. Tudo errado, remedante, sem completação... O senhor imaginalmente percebe? O crespo – a gente se retém – então dá um cheiro de breu queimado. E o dito – o Coxo – toma espécie, se forma! Carece de se conservar coragem. Se assina o pacto. Se assina com o sangue de pessoa. O pagar é alma. Muito mais depois. O senhor vê, superstição parva? Estornadas!... Provei. Introduzi. (p.45)

O demo, tive raiva dele? Pensei nele? Em vezes. O que era em mim valentia, não pensava; e o que pensava produzia era dúvidas de me-enleios. Repensava, no esfriar do dia. A quando é o do sol entrar, que então até é o dia mesmo, por seu remorso. Ou então, ainda melhor, no madrugal, logo no instante em que eu acordava e ainda não abria os olhos: eram só os minutos, e, ali durante, em minha rede, eu preluzia tudo claro e explicado. Assim: – Tu vigia, Riobaldo, não deixa o diabo te pôr

sela... – isto eu divulgava. Aí eu queria fazer um projeto: como havia de escapulir dele, do Temba, que eu tinha mal chamado. Ele rondava por me governar? (p.458)

(ROSA, João Guimarães. Grande sertão: veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.)

128 - (UFMT)

A leitura dos dois excertos revela um dos temas que permeia a ação do romance. Qual é ele?

a) A coragem do herói em momentos de luta e perigo.

b) A existência ou não do demônio, com o qual teria sido feito um pacto.

c) O embate entre o bem e o mal que atormenta Riobaldo.

d) A necessidade de confissão para alívio do espírito.

e) A indicação do espiritual como refúgio para problemas pessoais.

129 - (UFMT)

A respeito do processo de narração de Grande sertão: veredas, pode-se afirmar que Riobaldo, o narrador,

a) caracteriza-se pela onisciência, que garante sua certeza sobre os eventos narrados: Se diz – o senhor sabe.

b) faz um relato de fatos passados, interrompendo-se para refletir sobre sua interpretação: Ele rondava por me governar?

c) conta suas aventuras a um leitor virtual, ausente da narrativa: O senhor imaginalmente percebe?

d) utiliza o discurso indireto ao retomar a fala alheia: Tu vigia, Riobaldo, não deixa o diabo te pôr sela...

e) relata, como testemunha, as ações de outras personagens: Repensava, no esfriar do dia.

TEXTO: 7 - Comum à questão: 130

TEXTO IV

Num monumento à aspirina

(João Cabral de Melo Neto)

Claramente: o mais prático dos sóis,
o sol de um comprimido de aspirina:
de emprego fácil, portátil e barato,
compacto de sol na lápide sucinta.
Principalmente porque, sol artificial,
que nada limita a funcionar de dia,
que a noite não expulsa, cada noite,
sol imune às leis de meteorologia,
a toda hora em que se necessita dele
levanta e vem (sempre um claro dia):
acende, para secar a aniagem da alma,
quará-la, em linhos de um meio-dia.

Convergem: a aparência e os efeitos
da lente do comprimido de aspirina:
o acabamento esmerado desse cristal,
polido a esmeril e repolido a lima,
prefigura o clima onde ele faz viver
e o cartesiano de tudo nesse clima.

De outro lado, porque lente interna,

de uso interno, por detrás da retina,

não serve exclusivamente para o olho

a lente, ou o comprimido de aspirina:

ela reenfoca o corpo inteiro,

o borroso de ao redor, e o reafina.

130 - (ESCS DF)

Quanto ao título do poema de João Cabral, pode-se afirmar que:

a) nega o ideal modernista, que buscava valorizar as coisas simples e cotidianas;

b) constitui uma homenagem à poesia romântica, voltada para a valorização da natureza;

c) nega os valores da poesia voltada para a natureza, ao propor a imagem de um “sol artificial”;

d) faz uma crítica à poesia que homenageia seres e coisas sem importância, como a “aspirina”;

e) desmonta as expectativas de homenagem a seres, coisas e fatos de grande valor histórico e/ou social.

TEXTO: 8 - Comum às questões: 131, 132

Texto III

Apelo de Dona Flor em aula e em devaneio

Me deixem em paz com meu luto e minha solidão. Não me falem dessas coisas, respeitem meu estado de viúva. Vamos ao fogão: prato de capricho e esmero é o vatapá de peixe (ou de galinha), o

mais famoso de toda a culinária da Bahia. Não me digam que sou jovem, sou viúva: morta estou para essas coisas. Vatapá para servir a dez pessoas (e para sobrar como é devido).

Tragam duas cabeças de garoupa fresca. Pode ser de outro peixe, mas não é tão bom. Tomem do sal, do coentro, do alho e da cebola, alguns tomates e o suco de um limão.

Quatro colheres das de sopa, cheias com o melhor azeite doce, tanto serve português como espanhol; ouvi dizer que o grego inda é melhor, não sei.

Jamais usei por não encontrá-lo à venda. Se encontrar um noivo, que farei? Alguém que retome meu desejo morto, enterrado no carrego do defunto? Que sabem vocês, meninas, da intimidade das viúvas? Desejo de viúva é desejo de deboche e de pecado, viúva séria não fala nessas coisas, não pensa nessas coisas, não conversa sobre isso. Me deixem em paz, no meu fogão.

Refoguem o peixe nesses temperos todos e o ponha a cozinhar num bocadinho d'água, um bocadinho só, um quase nada.

Depois é só coar o molho, deixá-lo à parte, e vamos adiante.

.....

A seguir agreguem leite de coco, o grosso e puro, e finalmente o azeite-de-dendê, duas xícaras bem medidas: flor de dendê, da cor de ouro velho, a cor do vatapá. Deixem cozinhar por longo tempo em fogo baixo; com a colher de pau não parem de mexer, sempre para o mesmo lado: não parem de mexer senão embola o vatapá. Mexam, remexam, vamos, sem parar; até chegar ao ponto justo e exatamente.

Em fogo lento meus sonhos me consomem, não me cabe culpa, sou apenas uma viúva dividida ao meio, de um lado viúva honesta e recatada, de outro viúva debochada, quase histérica, desfeita em chilique e calundu. Esse mando de recato me asfixia, de noite corro as ruas em busca de marido. De marido a quem servir o vatapá doirado e meu cobreado corpo de gengibre e mel.

Chegou o vatapá ao ponto, vejam que beleza! Para servi-lo falta apenas derramar um pouco de azeite-de-dendê por cima, azeite cru. Acompanhado de acaçá o sirvam, e noivos e maridos lamberão os beiços.

AMADO, Jorge. *Dona Flor e seus dois maridos*.

Rio de Janeiro: Record, 1997. p. 231-233.

131 - (IME RJ)

As obras de Jorge Amado representam o regionalismo baiano das zonas rurais do cacau e da zona urbana de Salvador. Sua grande preocupação foi analisar a sociedade como um todo. No livro “Dona flor e seus dois maridos”, o autor baiano traz características que abrangem:

a) uma personalidade cética e autoritária.

b) uma sintaxe tradicional e disciplinada.

c) uma forte coloração racial, envolvendo a questão da desigualdade social e do preconceito.

d) um tema relacionado pela exploração do trabalho na fazenda.

e) um teor lírico, envolvido por um certo humorismo extraído do cotidiano.

132 - (IME RJ)

O livro “Dona Flor e seus dois maridos”, do escritor baiano Jorge Amado conta a história de Flor, uma cozinheira de mão cheia casada com Vadinho, um boêmio incorrigível que morre pouco tempo após o casamento.

Viúva, sozinha, mas de carnes ainda rijas, Dona Flor acaba por casar com Teodoro, um correto e formal comerciante português. No entanto, Vadinho surge em sonhos a Dona Flor, acendendo a brasa do desejo que o cinzento Teodoro não sabe provocar. Nesta parte do livro, aberta por uma lição de culinária de Flor, professora desta arte, podemos afirmar que:

a) no início do trecho, a viúva tenta disfarçar seus verdadeiros desejos da carne, ensinando às amigas uma receita de vatapá com azeite dendê. Contudo, após o prato estar quase pronto, admite que é uma viúva dividida entre a honestidade e a quase histeria.

b) relata uma receita baiana para as amigas que estão ardendo em desejos e que comparam o vatapá dourado aos seus corpos cobreados de gengibre e mel.

c) menciona os ingredientes e o modo de fazer de uma receita baiana, com o propósito de esconder características de uma exímia viúva honesta e recatada.

d) compara o fogo de seus sonhos com o fogo lento que cozinha o vatapá, ao mesmo tempo que ensina a suas amigas a fazer o prato baiano e as incentiva a correr atrás de um marido.

e) o azeite-de-dendê é o tempero que dá o ponto no vatapá e ainda tempera qualquer relação a dois.

TEXTO: 9 - Comum às questões: 133, 134

[01]Não é que fôssemos amigos de longa [02]data. Conhecemo-nos apenas no último [03]ano da escola. Desde esse momento estávamos [04]juntos a qualquer hora. Há tanto [05]tempo precisávamos de um amigo que [06]nada havia que não confiássemos um ao [07]outro. Chegamos a um ponto de amizade [08]que não podíamos mais guardar um pensamento: [09]um telefonava logo ao outro, [10]marcando encontro imediato. Depois da [11]conversa, sentíamo-nos tão contentes [12]como se nos tivéssemos presenteado a nós [13]mesmos. Esse estado de comunicação contínua [14]chegou a tal exaltação que, no dia [15]em que nada tínhamos a nos confiar, procurávamos [16]com alguma aflição um assunto. [17]Só que o assunto havia de ser grave, [18]pois em qualquer um não caberia a [19]veemência de uma sinceridade pela primeira [20]vez experimentada.

Clarice Lispector, "Uma amizade sincera"

133 - (Mackenzie SP)

Sempre considerando o contexto, assinale a alternativa correta.

a) A frase inicial desfaz uma expectativa que poderia ser criada pelo leitor quando vai ler um caso de "amizade sincera": ele poderia supor que se trata de amizade cultivada por anos e anos.

b) *Conhecemo-nos* (linha 2) traduz simultaneamente idéia de reflexividade (como em "Eu me cortei") e de reciprocidade (como em "Nós nos consideramos irmãos").

c) *Em procurávamos com alguma aflição um assunto* (linhas 15 a 17), alguma foi empregado para sugerir que a atitude dos amigos era dissimulada.

d) A conjunção *pois* (linha 18) introduz oração com sentido conclusivo.

e) Em *Há tanto tempo precisávamos de um amigo / que nada havia que não confiássemos um ao outro* (linhas 4 a 7), os segmentos manifestam, respectivamente, um fato e sua causa.

134 - (Mackenzie SP)

No fragmento, o narrador,

a) em 3ª pessoa, manifesta sua compreensão de que uma forte relação entre amigos não sobrevive à passagem do tempo, como o comprova a primeira frase do texto.

b) que pode ser protagonista, assinala o início de uma amizade que gerou convivência íntima – *estávamos juntos a qualquer hora* – e passa a detalhar os conflitos em que os amigos se envolviam quando eram questionados sobre a sinceridade do seu pacto.

c) testemunha dos fatos, cita um acontecimento singular – *Conhecemo-nos apenas no último ano da escola* – e descortina, a seguir, amplo painel de fatos anteriores a esse momento, no desejo de caracterizar a sinceridade da relação estabelecida.

d) onisciente, atribui à carência afetiva de ambos o fato de ele e o amigo buscarem, por todos os meios, solidificar a amizade, pois ela, muito recente, ainda era frágil.

e) personagem, refere um específico ponto do passado e passa a relatar o que ocorre *Desde esse momento*, privilegiando a exposição dos acontecimentos que tinham lugar em seu íntimo e no de seu amigo.

TEXTO: 10 - Comum à questão: 135

TEXTO :

Dias depois da morte de D. Mariquinha, Seu Lula, todo de luto, reuniu os negros no pátio da casa-grande e falou para eles. A voz não era mais aquela voz mansa de outros tempos. Agora Seu Lula era o dono de tudo. O [5]feitor, o negro Deodato, recebera as suas instruções aos gritos. Seu Lula não queria vadiação naquele engenho. Agora, todas as tardes, os negros teriam que rezar as ave-marias. Negro não podia mais andar de reza para S. Cosme e S. Damião. Aquilo era feitiçaria.

[10]Seu Lula, deitado na rede, brincava com a filha, no ponto de engatinhar. Os cabelos louros da menina, o riso doce, os olhinhos azuis amansavam as fúrias do novo senhor. À tarde, o feitor chegava para dar conta dos serviços. Era como se falasse com um estranho. [15]Seu Lula não saía para olhar os trabalhos. Dentro de casa, na rede do alpendre, ficava os dias inteiros lendo jornais.

REGO, José Lins do. **Fogo morto**. 33. ed. Rio de Janeiro: José Olympio,

1989. p. 148-149.

135 - (UESC BA)

O texto, no todo da obra, permite afirmar:

01. O Capitão Lula simboliza um mundo em decadência, uma vez que seus valores se mostram defasados no tempo.

02. A relação de Lula com os negros denuncia a sua preocupação humanitária com a escravatura.

03. Seu Lula articula-se com o poder político local, a fim de angariar recursos financeiros do Estado para investimentos particulares.

04. Lula de Holanda representa o senhor de engenho de mentalidade progressista, que luta por mudanças na estrutura econômica regional.

05. Lula é um homem urbano que se integra ao ritmo da vida rural, mostrando-se eficiente na condução dos negócios relativos ao Santa Fé.

TEXTO: 11 - Comum à questão: 136

Leia o trecho a seguir, retirado do final do livro “A hora da estrela”, de Clarice Lispector, e responda, em seguida, às questões.

Até tu, Brutus?!

Sim, foi este o modo como eu quis anunciar que — que Macabéa morreu. Vencera o Príncipe das Trevas. Enfim a coroação.

Qual foi a verdade de minha Maca? Basta descobrir a verdade que ela logo já não é mais: passou o momento. Pergunto: o que é? Resposta: não é.

Mas que não se lamentem os mortos: eles sabem o que fazem. Eu estive na terra dos mortos e depois do terror tão negro ressurgi em perdão. Sou inocente! Não me consumam! Não sou vendável!

Ai de mim, todo na perdição e é como se a grande culpa fosse minha. Quero que me lavem as mãos e os pés e depois — depois que os untem com óleos santos de tanto perfume. Ah que vontade de alegria. Estou agora me esforçando para rir em grande gargalhada. Mas não sei por que não rio. A morte é um encontro consigo. Deitada, morta, era tão grande como um cavalo morto. O melhor

negócio é ainda o seguinte: não morrer, pois morrer é insuficiente, não me completa, eu que tanto preciso.

Macabéa me matou.

Ela estava enfim livre de si e de nós. Não vos assusteis, morrer é um instante, passa logo, eu sei porque acabo de morrer com a moça. Desculpai-me esta morte. É que não pude evitá-la, a gente aceita tudo porque já beijou a parede. Mas eis que de repente sinto o meu último esgar de revolta e uivo: o morticínio dos pombos!!! Viver é luxo.

Pronto, passou.

Morta, os sinos badalavam mas sem que seus bronzes lhes dessem som. Agora entendo esta história. Ela é a iminência que há nos sinos que quase-quase badalam.

A grandeza de cada um.

Silêncio.

Se um dia Deus vier à terra haverá silêncio grande.

O silêncio é tal que nem o pensamento pensa.

O final foi bastante grandiloqüente para a vossa necessidade? Morrendo ela virou ar. Ar enérgico? Não sei. Morreu em um instante. O instante é aquele átimo de tempo em que o pneu do carro correndo em alta velocidade toca no chão e depois não toca mais e depois toca de novo. Etc. etc. etc. No fundo ela não passara de uma caixinha de música meio desafinada.

Eu vos pergunto:

— Qual é o peso da luz?

E agora — agora só me resta acender um cigarro e ir para casa. Meu Deus, só agora me lembrei que a gente morre. Mas — mas eu também?!

Não esquecer que por enquanto é tempo de morango.

Sim.

136 - (PUC MG)

Leia os trechos a seguir:

I. Até tu, Brutus?

II. Quero que me lavem as mãos e os pés e depois – depois que os untem com óleos santos de tanto perfume.

III. Desculpai-me esta morte.

Há exemplo de referência intertextual em:

a) apenas I.

b) apenas II.

c) I e II.

d) II e III.

TEXTO: 12 - Comum à questão: 137

Meu avô me levava sempre em suas visitas de corregedor às terras de seu engenho. Ia ver de perto os seus moradores, dar uma visita de senhor nos seus campos. O velho José Paulino gostava de percorrer a sua propriedade, de andá-la canto por canto, entrar pelas suas matas, olhar as suas nascentes, saber das precisões de seu povo, dar os seus gritos de chefe, ouvir queixas e implantar a ordem. Andávamos muito nessas suas visitas de patriarca.

(José Lins do Rego: Menino de engenho. Rio de Janeiro, José Olympio, 19, p..)

137 - (UDESC SC)

Em relação a Menino de engenho, de que esse fragmento faz parte, somente é incorreto afirmar:

a) O romance relata a história de uma criança que aos oito anos vai, com a mãe, morar em um engenho em que escravos e agregados são tratados respeitosamente pelo proprietário.

b) O velho José Paulino, a que se refere o excerto, é senhor de engenho, o maior proprietário de terras da região.

c) A obra retrata o poder dos brancos, em oposição à exploração dos negros (escravos), fato comum no tempo do Brasil colônia.

d) Há, nesse romance, um drama envolvendo a vida do narrador, cujo pai assassinou a esposa e, depois de preso, acabou em um hospício.

e) A história revela a vida de Carlos, sem orientação e repressão familiar, mimado pelas escravas e tratado respeitosamente pelos serviçais da casa como *coronelzinho*.

TEXTO: 13 - Comum à questão: 138

Visito com Xisto a redação e as oficinas de A Verdade. O diretor do jornal é um tipo curioso. Dá uma impressão de fluidez, é um homem que, como os líquidos, toma a forma dos vasos que os contém, isto é, da pessoa com quem fala ou a quem serve. Meia-idade, alto (em termos brasileiros), moreno calvo, pele oleosa, vaselina na voz, nos gestos e nas idéias. Sua alcunha na cidade é de Lucas Lesma porque explicam a lesma é um animal capaz de arrastar-se sobre o fio duma navalha sem se cortar e sem cair para um lado nem para o outro. Conta-se que Lucas Faia tem passado a vida a rastejar incólume sobre o gume da espada afiadíssima da política e de mil outras contendas municipais. Um molusco dizem os seus inimigos. Um conciliador , corrigem os seus amigos.

[VERÍSSIMO, Érico. *Incidente em Antares*.

São Paulo: Cia das Letras. p.169.]

138 - (UDESC SC)

Analise as afirmativas em relação ao excerto, assinale (V) para as sentenças verdadeiras e (F) para as falsas.

( ) Em relação à tipologia textual, no fragmento acima, há predominância de descrição, pois apresenta a caracterização do diretor do jornal A Verdade.

( ) Na cidade de Antares, o codinome “Lesma” que deram a Lucas foi o resultado de ele não ter pressa alguma, caminhar lentamente com os passos arrastados.

( ) Os adversários de Lucas Faia taxam-no de “um molusco”, pois vive para si, interiorizado, rastejando; enquanto os seus amigos, “Um conciliador”, pois está sempre procurando ajudar de um lado ou de outro, sem pensar em retribuição.

( ) A expressão como os líquidos estabelece uma forma de comparação entre homem (Lucas) e líquido, sugerindo que o ser humano é um ser flexível.

( ) Da oração *é “*um tipo curioso” infere-se que o diretor é um grande questionador, está sempre perguntado o porquê de tudo, pois faz parte do seu ofício – jornalismo.

Assinale a alternativa correta, de cima para baixo.

a) VFFVV

b) VFFFF

c) FFFVF

d) FVVFV

e) FFVVF

TEXTO: 14 - Comum à questão: 139

Pardalzinho

[158]O pardalzinho nasceu

[159]Livre. Quebraram-lhe a asa

[160]Sacha lhe deu uma casa,

[161]Água, comida e carinhos.

[162]Foram cuidados em vão:

[163]A casa era uma prisão.

[164]O pardalzinho morreu.

[165]O corpo Sacha enterrou

[166]No jardim; a alma, essa voou

[167]Para o céu dos passarinhos!

(Manuel Bandeira)

139 - (UECE)

Marque a opção que traz uma característica da obra de Manuel Bandeira que NÃO está no poema em estudo.

a) Simplicidade da linguagem.

b) Tema retirado do cotidiano.

c) Expressão de leve ironia.

d) Presença da morte.

TEXTO: 15 - Comum à questão: 140

Observe o fragmento abaixo de um conto de Clarice Lispector:

"Nas árvores as frutas eram pretas, doces como mel. Havia no chão caroços secos cheios de circunvoluções, como pequenos cérebros apodrecidos. O banco estava manchado de sucos roxos. Com suavidade intensa rumorejavam as águas. No tronco da árvore pregavam-se as luxuosas patas de uma aranha. A crueza do mundo era tranqüila. O assassinato era profundo. E a morte não era o que pensávamos. Ao mesmo tempo que imaginário – era um mundo de se comer com os dentes, um mundo de volumosas dálias e tulipas. Os troncos eram percorridos por parasitas folhudos, o

abraço era macio, colado. Como a repulsa que precedesse uma entrega – era fascinante, a mulher tinha nojo, e era fascinante. As árvores estavam carregadas, o mundo era tão rico que apodrecia.

Quando Ana pensou que havia crianças e homens grandes com fome, a náusea subiu-lhe à garganta, como se ela estivesse grávida e abandonada. A moral do jardim era outra. Agora que o cego a guiara até ele, estremecia nos primeiros passos de um mundo faiscante, sombrio, onde vitórias-régias boiavam monstruosas. As pequenas flores espalhadas na relva não lhe pareciam amarelas ou rosadas, mas cor de mau ouro e escarlates. A decomposição era profunda, perfumada... Mas todas as pesadas coisas, ela via com a cabeça rodeada por um enxame de insetos, enviados pela vida mais fina do mundo. A brisa se insinuava entre as flores. Ana mais adivinhava que sentia o seu cheiro adocicado...

O jardim era tão bonito que ela teve medo do Inferno."

(LISPECTOR, C. Amor. *Laços de família*.

Rio de Janeiro: Rocco, 1998. P. 25)

140 - (UFAC)

Quando a personagem pensa nas crianças e nos homens grandes com fome, há uma reversão de perspectiva de sentimentos em relação àquele universo que acaba lhe subindo uma náusea na garganta e a moral do Jardim Botânico se torna outra. Depois de uma série de novas percepções espantosas, ela termina com uma sentença terrível:

"O jardim era tão bonito que ela teve medo do Inferno." Desta maneira, fica estabelecido no fragmento que a personagem terá de:

a) aprender a conviver com os sobressaltos da sua sensibilidade estética e emocional.

b) suprimir qualquer coisa que saia fora do seu cotidiano.

c) se afastar de naturezas selvagens para não dar espaço ao contraditório.

d) fugir de si mesma para poder se encontrar apenas no seu plácido ambiente doméstico.

e) aprender a fingir uma vida que lhe afaste o mais possível de tudo que lhe possa ser espantoso.

TEXTO: 16 - Comum à questão: 141

[1]Chicó – Por que essa raiva dela?

[2]João Grilo – Ó homem sem vergonha! Você inda pergunta? Está [3]esquecido de que ela o deixou? Está esquecido da [4]exploração que eles fazem conosco naquela padaria do [5]inferno? Pensam que são o cão só porque enriqueceram, [6]mas um dia hão de pagar. E a raiva que eu tenho é porque [7]quando estava doente, me acabando em cima de uma [8]cama, via passar o prato de comida que ela mandava [9]para o cachorro. Até carne passada na manteiga tinha. [10]Para mim nada, João Grilo que se danasse. Um dia eu [11]me vingo.

[12]Chicó – João, deixe de ser vingativo que você se desgraça. Qualquer [13]dia você inda se mete numa embrulhada séria.

Ariano Suassuna, **Auto da Compadecida**

141 - (Mackenzie SP)

Considere as seguintes afirmações.

I. O texto de Ariano Suassuna recupera aspectos da tradição dramática medieval, afastando-se, portanto, da estética clássica de origem greco- -romana.

II. A palavra **Auto**, no título do texto, por si só sugere que se trata de peça teatral de tradição popular, aspecto confirmado pela caracterização das personagens.

III. O teor crítico da fala da personagem, entre outros aspectos, remete ao teatro humanista de Gil Vicente, autor de vários autos, como, por exemplo, o **Auto da barca do inferno**.

Assinale:

a) se todas estiverem corretas.

b) se apenas I e II estiverem corretas.

c) se apenas II estiver correta.

d) se apenas II e III estiverem corretas.

e) se todas estiverem incorretas.

TEXTO: 17 - Comum à questão: 142

A revolução chama Pedro Bala como Deus chamava Pirulito nas noites de trapiche. É uma voz poderosa dentro dele, poderosa como a voz do mar, como a voz do vento, tão poderosa como uma voz sem comparação. Como a voz de um negro que canta num saveiro o samba que Boa-Vida fez:

"Companheiros, chegou a hora..."

(...) Uma voz que vem do cais, do peito dos estivadores, de João de Adão, de seu pai morrendo num comício, dos marinheiros dos navios, dos saveiristas e dos canoeiros. Uma voz que vem do grupo que joga a luta da capoeira, que vem dos golpes que o Querido-de-Deus aplica.Uma voz que vem mesmo do padre José Pedro, padre pobre de olhos espantados diante do destino terrível dos Capitães de Areia. Uma voz que vem das filhas-de-santo do candomblé de Don'Aninha, na noite que a polícia levou Ogum. Voz que vem do trapiche dos Capitães de Areia. Que vem do reformatório e do orfanato. Que vem do ódio do Sem-Perna se atirando do elevador para não se entregar. Que vem no trem da Leste Brasileira, através do sertão, do grupo de Lampião pedindo justiça para os sertanejos. Que vem de Alberto, o estudante pedindo escolas e liberdade para a cultura.

(*Capitães de Areia*, Jorge Amado, 50a ed., Record)

trapiche: armazém onde se guardam mercadorias importadas ou para se exportar.

142 - (ESPM SP)

Nos segmentos abaixo, é possível detectar certo cunho socialista do autor, **exceto em um**. Assinale-o:

a) "A revolução chama Pedro Bala"

b) “padre pobre de olhos espantados diante do destino terrível dos Capitães de Areia.”

c) “ódio do Sem-Perna se atirando do elevador para não se entregar”

d) “grupo de Lampião pedindo justiça para os sertanejos”

e) “estudante pedindo escolas e liberdade para a cultura”

TEXTO: 18 - Comum à questão: 143

ASSISTE AO ENTERRO DE UM TRABALHADOR DE EITO E OUVE O QUE DIZEM DO MORTO OS AMIGOS QUE O LEVARAM AO CEMITÉRIO.

– Essa cova em que estás,

com palmos medida,

é a conta menor

que tiraste em vida.

– É de bom tamanho,

nem largo nem fundo,

é a parte que te cabe

deste latifúndio.

– Não é cova grande,

é cova medida,

é a terra que querias

ver dividida.

– É uma cova grande

para teu pouco defunto,

mas estarás mais ancho

que estavas no mundo.

– É uma cova grande

para teu defunto parco,

porém mais que no mundo

te sentirás largo.

– É uma cova grande

para tua carne pouca,

mas a terra dada

não se abre a boca.

– Viverás, e para sempre,

na terra que aqui aforas:

e terás enfim tua roça.

– Aí ficarás para sempre,

livre do sol e da chuva,

criando tuas saúvas.

– Agora trabalharás

só para ti, não a meias,

como antes em terra alheia.

– Trabalharás uma terra

da qual, além de senhor,

serás homem de eito e trator.

– Trabalhando nessa terra,

tu sozinho tudo empreitas:

serás semente, adubo, colheita.

– Trabalharás numa terra

que também te abriga e te veste:

embora com o brim do Nordeste.

(João Cabral de Melo Neto. **Morte e Vida Severina e outros poemas em voz alta**. 23. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987. p. 87-88)

143 - (PUCCamp SP)

Nesses versos de João Cabral, o enterro de um trabalhador do eito

I. é narrado, alternadamente, por Severino e seus amigos, que celebram o rito fúnebre dirigindo-se uns aos outros.

II. serve ao relato das desventuras da vida de um sertanejo que nunca teve sua terra.

III. proporciona a projeção de um futuro melhor para os que sobreviverem à trágica condição da vida sertaneja.

Está correto o que se afirma SOMENTE em

a) I.

b) II.

c) III.

d) I e II.

e) II e III.

TEXTO: 19 - Comum à questão: 144

– Desde que estou retirando
só a morte vejo ativa,
só a morte deparei
e às vezes até festiva;
só morte tem encontrado
quem pensava encontrar vida,
e o pouco que não foi morte
foi de vida severina
(aquela vida que é menos
vivida que defendida,
e é ainda mais severina
para o homem que retira).

NETO, João Cabral de Melo. *Morte e vida severina*.
Rio de Janeiro: MEDIAfashion, 2008. p. 82.

144 - (UEG GO)

O excerto constitui, por parte do eu poético, uma

a) expressão de esperança em relação à vida.

b) avaliação sobre a condição miserável do sertanejo.

c) lamentação em virtude da peregrinação do retirante.

d) reflexão acerca da sua relação cotidiana com a morte.

TEXTO: 20 - Comum à questão: 145

O RETIRANTE RESOLVE APRESSAR OS PASSOS PARA CHEGAR LOGO AO RECIFE

– Nunca esperei muita coisa,
digo a Vossas Senhorias.
O que me fez retirar
não foi a grande cobiça;
o que apenas busquei
foi defender minha vida
da tal velhice que chega
antes de se inteirar trinta;
se na serra vivi vinte,

se alcancei lá tal medida,

o que pensei, retirando,

foi estendê-la um pouco ainda.

Mas não senti diferença

entre o Agreste e a Caatinga,

e entre a Caatinga e aqui a Mata

a diferença é a mais mínima.

Está apenas em que a terra

é por aqui mais macia;

está apenas no pavio,

ou melhor, na lamparina:

pois é igual o querosene

que em toda parte ilumina,

e quer nesta terra gorda

quer na serra, de caliça,

a vida arde sempre com

a mesma chama mortiça.

MELO NETO, João Cabral de. *Morte e vida severina*. Rio de Janeiro: Mediafashion, 2008. p. 94.

145 - (UEG GO)

Destaca-se no fragmento a ideia de que

a) a expectativa de vida do sertanejo diminui quando ele se torna um retirante.

b) a vida é como o querosene de uma lamparina: ilumina, mas sempre acaba.

c) a expectativa de vida no Agreste é maior do que a na Zona da Mata.

d) a vida do retirante, por onde quer que vá, é essencialmente a mesma.

TEXTO: 21 - Comum às questões: 146, 147

Olímpico de Jesus trabalhava de operário numa metalúrgica e ela nem notou que ele não se chamava de "operário" e sim de "metalúrgico". Macabéa ficava contente com a posição social dele porque também tinha orgulho de ser datilógrafa, embora ganhasse menos que o salário mínimo. Mas ela e Olímpico eram alguém no mundo. "Metalúrgico e datilógrafa" formavam um casal de classe. A tarefa de Olímpico tinha o gosto que se sente quando se fuma um cigarro acendendo-o do lado errado, na ponta da cortiça. O trabalho consistia em pegar barras de metal que vinham deslizando de cima da máquina para colocá-las embaixo, sobre uma placa deslizante. Nunca se perguntara por que colocava a barra embaixo. A vida não lhe era má e ele até economizava um pouco de dinheiro: dormia de graça numa guarita em obras de demolição por camaradagem do vigia.

146 - (UFTM MG)

A partir da leitura do texto, pode-se concluir que Olímpico, ao apresentar-se como *metalúrgico* em vez de *operário*,

a) revela ser um homem culto e com bom nível de instrução.

b) pretende conferir melhor *status* ao trabalho que exerce.

c) mostra ser um homem humilde e despretensioso.

d) atribui destaque ao fato de realizar um serviço braçal.

e) demonstra ter vergonha de trabalhar no ramo dos metais.

147 - (UFTM MG)

Uma característica que *A hora da estrela* compartilha com outros textos produzidos pelo Neomodernismo brasileiro (ou Geração Modernista pós 1945) é

a) o enfoque histórico, retratando o passado brasileiro.

b) o propósito nacionalista, com heróis idealizados.

c) o uso de uma linguagem distante do cotidiano.

d) a criação de personagens burlescos e pouco complexos.

e) o tom intimista, de investigação psicológica.

TEXTO: 22 - Comum à questão: 148

Tapera de arraial. Ali, na beira do rio Pará, deixaram largado um povoado inteiro: casas, sobradinho, capela; três vendinhas, o chalé e o cemitério; e a rua, sozinha e comprida, que agora nem mais é uma estrada, de tanto que o mato a entupiu.

Ao redor, bons pastos, boa gente, terra boa para o arroz.

E o lugar já esteve nos mapas, muito antes da malária chegar.

(...)

É de-tardinha, quando as mutucas convidam as muriçocas de volta para casa, e quando o carapanã rajado mais o mossorongo cinzento se recolhem, que ele aparece, o pernilongo pampa, de pés de prata e asas de xadrez.

Guimarães Rosa.

148 - (FGV)

Dos recursos expressivos frequentes no estilo de Guimarães Rosa, o único que **NÃO** ocorre no fragmento acima é:

a) onomatopeias raras.

b) frases nominais com finalidade descritiva.

c) léxico de origem popular.

d) linguagem conotativa.

e) associações de som e sentido.

TEXTO: 23 - Comum à questão: 149

A TERCEIRA MARGEM DO RIO

Nosso pai era homem cumpridor, ordeiro, positivo; e sido assim desde mocinho e menino, pelo que testemunharam as diversas sensatas pessoas, quando indaguei a informação. Do que eu mesmo me alembro, ele não figurava mais estúrdio nem mais triste do que os outros, conhecidos nossos. Só quieto. Nossa mãe era quem regia, e que ralhava no diário com a gente - minha irmã, meu irmão e eu. Mas se deu que, certo dia, nosso pai mandou fazer para si uma canoa.

Era a sério. Encomendou a canoa especial, de pau de vinhático, pequena, mal com a tabuinha da popa, como para caber justo o remador. Mas teve de ser toda fabricada, escolhida forte e arqueada em rijo, própria para dever durar na água por uns 20 ou 30 anos. Nossa mãe jurou muito contra a ideia. Seria que, ele, que nessas artes não vadiava, se ia propor agora para pescarias e caçadas? Nosso pai nada não dizia. Nossa casa, no tempo, ainda era mais próxima do rio, obra de nem quarto de légua: o rio por aí se estendendo grande, fundo, calado que sempre. Largo, de não se poder ver a forma da outra beira. E esquecer não posso, do dia em que a canoa ficou pronta.

Sem alegria nem cuidado, nosso pai encalcou o chapéu e decidiu um adeus para a gente. Nem falou outras palavras, não pegou matula e trouxa, não fez a alguma recomendação. Nossa mãe, a gente achou que ela ia esbravejar, mas persistiu somente alva de pálida, mascou o beiço e bramou: – "Cê vai, ocê fique, você nunca volte!" Nosso pai suspendeu a resposta. Espiou manso para mim, me acenando de vir também, por uns passos. Temi a ira de nossa mãe, mas obedeci, de vez de jeito. O rumo daquilo me animava, chega que um propósito perguntei: – "Pai, o senhor me leva junto, nessa sua canoa?" Ele só retornou a olhar em mim e me botou a bênção, com gesto me mandando para trás. Fiz que vim, mas ainda virei, na grota do mato, para saber. Nosso pai entrou na canoa e desamarrou, pelo remar. E a canoa saiu se indo – a sombra dela por igual, feito um jacaré, comprida longa.

Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não

saltar, nunca mais. A estranheza dessa verdade deu para estarrecer de todo a gente. Aquilo que não havia, acontecia. Os parentes, vizinhos e conhecidos nossos se reuniram, tomaram juntamente conselho.

[...]

A gente teve de se acostumar com aquilo. Às penas, que, com aquilo, a gente mesmo nunca se acostumou, em si, na verdade. Tiro por mim, que, no que queria, e no que não queria, só com nosso pai me achava: assunto que jogava para trás meus pensamentos. O severo que era, de não se entender, de maneira nenhuma, como ele aguentava. De dia e de noite, com sol ou aguaceiros, calor, sereno, e nas friagens terríveis de meio-do-ano, sem arrumo, só com o chapéu velho na cabeça, por todas as semanas, e meses, e os anos – sem fazer conta do se-ir do viver. Não pojava em nenhuma das duas beiras, nem nas ilhas e croas do rio, não pisou mais em chão nem capim.

[...]

Sou homem de tristes palavras. De que era que eu tinha tanta, tanta culpa? Se o meu pai, sempre fazendo ausência: e o rio-rio-rio, o rio – pondo perpétuo. Eu sofria já o começo de velhice – esta vida era só o demoramento. Eu mesmo tinha achaques, ânsias, cá de baixo, cansaços, perrenguice de reumatismo. E ele? Por quê? Devia de padecer demais. De tão idoso, não ia, mais dia menos dia, fraquejar do vigor, deixar que a canoa emborcasse, ou que bubuiasse sem pulso, na levada do rio, para se despenhar horas abaixo, em tororoma e no tombo da cachoeira, brava, com o fervimento e morte. Apertava o coração. Ele estava lá, sem a minha tranquilidade. Sou o culpado do que nem sei, de dor em aberto, no meu foro. Soubesse – se as coisas fossem outras. E fui tomando ideia.

Sem fazer véspera. Sou doido? Não. Na nossa casa, a palavra doido não se falava, nunca mais se falou, os anos todos, não se condenava ninguém de doido. Ninguém é doido. Ou, então, todos. Só fiz, que fui lá. Com um lenço, para o aceno ser mais.

Eu estava muito no meu sentido. Esperei. Ao por fim, ele apareceu, aí e lá, o vulto. Estava ali, sentado à popa. Estava ali, de grito. Chamei, umas quantas vezes. E falei, o que me urgia, jurado e declarado, tive que reforçar a voz: – "Pai, o senhor está velho, já fez o seu tanto... Agora, o senhor vem, não carece mais... O senhor vem, e eu, agora mesmo, quando que seja, a ambas vontades, eu tomo o seu lugar, do senhor, na canoa! . . ." E, assim dizendo, meu coração bateu no compasso do mais certo.

Ele me escutou. Ficou em pé. Manejou remo n'água, proava para cá, concordado. E eu tremi, profundo, de repente: porque, antes, ele tinha levantado o braço e feito um saudar de gesto – o primeiro, depois de tamanhos anos decorridos! E eu não podia... Por pavor, arrepiados os cabelos, corri, fugi, me tirei de lá, num procedimento desatinado. Porquanto que ele me pareceu vir: da parte de além. E estou pedindo, pedindo, pedindo um perdão.

Sofri o grave frio dos medos, adoeci. Sei que ninguém soube mais dele. Sou homem, depois desse falimento? Sou o que não foi, o que vai ficar calado. Sei que agora é tarde, e temo abreviar com a vida, nos rasos do mundo. Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água que não para, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro - o rio.

(ROSA, João Guimarães. **Primeiras Estórias**. Rio de Janeiro:

José Olympio, Civilização Brasileira, Três, 1974, p. 51-56).

149 - (IBMEC SP)

A respeito da reação da mãe, diante da decisão do marido, é correto afirmar que ela

a) revela indignação, uma vez que não compreende o motivo da atitude do marido.

b) demonstra apatia, visto que tal atitude não mudou radicalmente a rotina familiar.

c) manifesta desespero, pois a canoa construída parecia muito frágil para um rio tão perigoso.

d) demonstra desgosto, pois aquilo comprovava a suspeita de que ele enlouquecera.

e) mostra-se revoltada, porque o marido usou dos recursos financeiros da família para construir o barco.

TEXTO: 24 - Comum à questão: 150

Texto I

[1]Uma transformação, lenta e profunda, operava-se nele, dia a [2]dia, hora a hora, reviscerando-lhe o corpo e alando-lhe os sentidos [3][...]. *A vida americana e a natureza do Brasil patenteavam-lhe agora [4]aspectos imprevistos e sedutores que o comoviam* [...].

[5]E assim, pouco a pouco, se foram reformando todos os seus [6]hábitos singelos de aldeão português: e Jerônimo abrasileirou-se.

Aluísio Azevedo, *O cortiço*

Texto II

[1]Atravessa a vida entre ciladas, surpresas repentinas de uma [2]natureza incompreensível, e não perde um minuto de tréguas. É o [3]batalhador perenemente combalido e exausto, perenemente audacioso [4]e forte [...]. *Reflete, nestas aparências que se contrabatem, a própria [5]natureza que o rodeia.*

Euclides da Cunha, *Os sertões*

Texto III

[1]Vivia longe dos homens, só se dava bem com os animais. Os [2]seus pés duros quebravam espinhos e não sentiam a quentura da [3]terra. Montado, confundia-se com o cavalo, grudava-se a ele. E falava [4]uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro [5]entendia.

Graciliano Ramos, *Vidas secas*

150 - (Mackenzie SP)

No **texto III**, a descrição do personagem *Fabiano* aponta para as seguintes características, **EXCETO**:

a) adaptação do personagem ao meio natural.

b) identificação com o animal.

c) caráter antissocial.

d) comportamento primitivo e espontâneo.

e) revolta devido a sua condição familiar.

TEXTO: 25 - Comum à questão: 151

Madama Carlota havia acertado tudo. (...) Até para atravessar a rua ela era outra pessoa. [1]Uma pessoa grávida de futuro. Sentia em si uma esperança tão violenta como jamais sentira tamanho desespero. Se ela não era mais ela mesma, isso significava uma perda que valia por um ganho. Assim como havia sentença de morte, a cartomante lhe decretara sentença de vida. Tudo de repente era muito e muito e tão amplo que ela sentiu vontade de chorar. Mas não chorou: seus olhos faiscavam como o sol que morria. Então ao dar o passo de descida da calçada para atravessar a rua, o Destino (explosão) sussurrou veloz e guloso: é agora, é já, chegou minha vez! E enorme como um transatlântico o Mercedes amarelo pegou-a (...).

LISPECTOR, Clarice. A Hora da Estrela. São Paulo: Rocco, 1977.

151 - (UNIFOR CE)

Assinale o item que NÃO corresponde ao trecho da obra A Hora da Estrela de Clarice Lispector.

a) A livre associação de imagens caracteriza o fluxo de consciência do narrador.

b) Como no famoso conto de José de Alencar, A Cartomante, Clarice o intertextualiza em A Hora da Estrela.

c) O título da obra evoca o sonho de Macabéa de se tornar estrela, o que, de forma cruel, ela acaba conseguindo, pois o veículo que a atropelou é importado e tem uma estrela como símbolo.

d) Embora a história de Macabéa seja profundamente dramática, a narrativa é toda permeada de muito humor e ironia.

e) A linguagem narrativa de Clarice é, às vezes, intensamente lírica, apresentando muitas figuras de estilo.

TEXTO: 26 - Comum à questão: 152

Você lerá no texto abaixo um trecho do poema “Morte e vida severina”, de João Cabral de Melo Neto, importante poeta pernambucano da Geração de 45 do Modernismo brasileiro. No excerto, um retirante chamado Severino, protagonista da obra, encontra dois homens que estão carregando um defunto numa rede.

Texto

“— A quem estais carregando, irmãos das almas, embrulhado nessa rede? Dizei que eu saiba.

— A um defunto de nada, irmão das almas, que há muitas horas viaja à sua morada.

— E sabeis quem era ele, irmãos das almas, sabeis como ele se chama ou se chamava?

— Severino Lavrador, irmão das almas, Severino Lavrador, mas já não lavra.

— E de onde que o estais trazendo, irmãos das almas, onde foi que começou vossa jornada?

— Onde a Caatinga é mais seca, irmão das almas, onde uma terra que não dá nem planta brava.

— E foi morrida essa morte, irmãos das almas, essa foi morte morrida ou foi matada?

(...)

— E quem foi que o emboscou, irmãos das almas, quem contra ele soltou essa ave-bala?

— Ali é difícil dizer, irmão das almas, sempre há uma bala voando desocupada.

— E o que havia ele feito irmãos das almas, e o que havia ele feito contra a tal pássara?

— Ter um hectare de terra, irmão das almas, de pedra e areia lavada que cultivava.

— Mas que roças que ele tinha, irmãos das almas que podia ele plantar na pedra avara?

— Nos magros lábios de areia, irmão das almas, os intervalos das pedras, plantava palha.”

152 - (IFPE)

A única alternativa verdadeira a respeito dos elementos retirados do texto é:

a) A expressão “irmãos das almas”, no primeiro verso, aparece entre vírgulas e desempenha a função de sujeito da forma verbal “estais”, que aparece no mesmo verso.

b) Em “Dizei que eu saiba”, ainda no primeiro verso, há uma forma verbal no imperativo que poderia ter como sujeito o pronome pessoal “tu”.

c) No quarto verso, com a expressão “mas já não lavra”, o autor quis estabelecer uma relação de oposição entre a profissão e a situação em que “Severino Lavrador” se encontrava.

d) O adjunto adverbial “Ali”, em “Ali é difícil dizer...”, foi utilizado referindo-se ao tipo de morte que teve o defunto.

e) Com “sabeis como ele se chama ou se chamava?”, no terceiro verso, o retirante demonstra não ter certeza de que o homem na rede estava morto.

TEXTO: 27 - Comum à questão: 153

Leia o texto a seguir, extraído do conto *A hora e vez de Augusto Matraga*.

Já Nhô Augusto, incansável, sem querer esperdiçar detalhe, apalpava os braços do Epifânio, mulato enorme, de musculatura embatumada, de bicipitalidade maciça. E se voltava para o Juruminho, caboclo franzino, vivo no menor movimento, ágil até no manejo do garfo, que em sua mão ia e vinha como agulha de coser:

– Você, compadre, está-se vendo que deve de ser um corisco de chegador!...

E o Juruminho, gostando.

– Chego até em porco-espinho e em tatarana-rata, e em homem de vinte braços, com vinte foices para sarilhar!... Deito em ponta de chifre, durmo em ponta de faca, e amanheço em riba do meu colchão!... Está aí nosso chefe, que diga... E mais isto aqui...

E mostrou a palma da mão direita, lanhada de cicatrizes, de pegar punhais pelo pico, para desarmar gente em agressão.

Nhô Augusto se levantara, excitado:

– Opa! Oi-ai!... A gente botar você, mais você, de longe, com as clavinas... E você outro, aí, mais este compadre de cara séria, p’ra voltearem... E este companheirinho chegador, para chegar na

frente, e não dizer até-logo!... E depois chover sem chuva, com o pau escrevendo e lendo, e arma-de-fogo debulhando, e homem mudo gritando, e os do-lado-de-lá correndo e pedindo perdão!...

Mas, aí, Nhô Augusto calou, com o peito cheio; tomou um ar de acanhamento; suspirou e perguntou:

– Mais galinha, um pedaço, amigo?

– 'Tou feito.

– E você, seu barra?

– Agradecido... 'Tou encalcado... 'Tou cheio até à tampa!

Enquanto isso, seu Joãozinho Bem-Bem, de cabeça entornada, não tirava os olhos de cima de Nhô Augusto.

E Nhô Augusto, depois de servir a cachaça, bebeu também, dois goles, e pediu uma das *papo-amarelo*, para ver:

– Não faz conta de balas, amigo? Isto é arma que cursa longe...

– Pode gastar as óito. Experimenta naquele pássaro ali, na pitangueira...

– Deixa a criaçãozinha de Deus. Vou ver só se corto o galho... Se errar, vocês não reparem, porque faz tempo que eu não puxo dedo em gatilho...

Fez fogo.

– Mão mandona, mano velho. Errou o primeiro, mas acertou um em dois... Ferrugem em bom ferro!

(ROSA, J. G. *Sagarana.* 71.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p.394-395.)

153 - (UEL PR)

A partir da leitura do texto, considere as afirmativas a seguir.

I. A passagem registra o momento que antecede a entrada de Nhô Augusto no bando de Joãozinho Bem-Bem, a convite do próprio chefe jagunço.

II. Apegado ao lema "P'ra o céu eu vou, nem que seja a porrete!", Nhô Augusto tem, ao lado de Joãozinho Bem-Bem e seu bando, a oportunidade de ver seu lema concretizado.

III. Os comentários de Nhô Augusto bem como sua familiaridade com “uma das *papo-amarelo*” caracterizam -no como um homem “bom de briga” aos olhos de Joãozinho Bem-Bem.

IV. Por um dado momento, a presença de Joãozinho Bem-Bem e seu bando reacende, em Nhô Augusto, o antigo lado jagunço, duramente combatido através da penitência.

Assinale a alternativa correta.

a) Somente as afirmativas I e II são corretas.

b) Somente as afirmativas I e IV são corretas.

c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.

d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.

e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

TEXTO: 28 - Comum à questão: 154

É mineral o papel

onde escrever

o verso; o verso

que é possível não fazer.

São minerais

as flores e as plantas,

as frutas, os bichos

quando em estado de palavra.

É mineral

a linha do horizonte,

nossos nomes essas coisas

feitas de palavras.

É mineral, por fim,

qualquer livro:

que é mineral a palavra

escrita, a fria natureza

da palavra escrita.

João Cabral de Melo Neto. **Obra completa**.

Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998.

154 - (ESCS DF)

No poema acima, verificam-se algumas das características da poesia de João Cabral de Melo Neto que o tornaram reconhecido na literatura brasileira. Na obra poética desse autor,

a) o fazer poético é tratado, metaforicamente, por meio da metalinguagem.

b) o lirismo é de inspiração religiosa.

c) estão presentes características precursoras da chamada poesia de 45.

d) evidenciam-se racionalidade e engenho, aspectos típicos da poesia brasileira até o movimento modernista.

e) há forte crítica social, em detrimento de aspectos líricos.

TEXTO: 29 - Comum à questão: 155

Sei que estou contando errado, pelos altos. Desemendo. Mas não é por disfarçar, não pense. De grave, na lei do comum, disse ao senhor quase tudo. Não crio receio. O senhor é homem de pensar o dos outros como sendo o seu, não é criatura de pôr denúncia. E meus feitos já revogaram, prescrição dita. Tenho meu respeito firmado. Agora, sou anta empoçada, ninguém me caça. Da vida pouco me resta – só o *deogratias;* e o troco. [...] Eu estou contando assim, porque é o meu jeito de contar. Guerras e batalhas? [.] Isso é como jogo de baralho, verte, reverte. Os revoltosos depois passaram por aqui, soldados de Prestes, vinham de Goiás, reclamavam posse de todos os animais de sela. Sei que deram fogo, na barra do Urucuia, em São Romão, aonde aportou um vapor do Governo, cheio de tropas da Bahia. Muitos anos adiante, um roceiro vai lavrar um pau, encontra balas cravadas. O que vale, são outras coisas. A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância. De cada vivimento que eu real tive, de alegria forte ou pesar, cada vez daquela hoje vejo que eu era como se fosse diferente pessoa. Sucedido desgovernado. Assim eu acho, assim é que eu conto. O senhor é bondoso de me ouvir. Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras, de recente data. O senhor mesmo sabe.

Mire veja: aquela moça, meretriz, por lindo nome Nhorinhá, filha de Ana Duzuza: um dia eu recebi dela uma carta: carta simples, pedindo notícias e dando lembranças, escrita, acho que, por outra alheia mão. [...] Ela tinha botado por fora só: *Riobaldo que está com Medeiro Vaz.* E veio trazida por tropeiros e viajores, recruzou tudo. [...]

Sendo isto. Ao doido, doideiras digo. Mas o senhor é homem sobrevindo, sensato, fiel como papel, o senhor me ouve, pensa e repensa, e rediz, então me ajuda. Assim, é como conto. Antes conto as coisas que formaram passado para mim com mais pertença. Vou lhe falar. Lhe falo do sertão. Do que não sei. Um grande sertão! Não sei. Ninguém ainda não sabe. Só umas raríssimas pessoas — e só essas poucas veredas, veredazinhas. O que muito lhe agradeço é a sua fineza de atenção.

João Guimarães Rosa. **Grande sertão: veredas**. Rio

de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 82-4.

155 - (ESCS DF)

O fragmento de texto apresentado acima foi extraído de uma das mais conhecidas obras de Guimarães Rosa, escritor que renovou a ficção regionalista brasileira. A narrativa desse autor caracteriza-se por

a) reproduzir a evasão dos sentimentos do herói, que não se reconhece em seu meio.

b) apresentar crítica política severa aos acontecimentos sertanejos nordestinos.

c) criar uma tensão crítica em que o herói luta contra o meio e as suas mazelas.

d) transfigurar metafisicamente o espaço do sertão.

e) retratar fielmente a linguagem e os costumes sertanejos.

TEXTO: 30 - Comum à questão: 156

Fragmento I

"Reinaldo, Diadorim, me dizendo que este era real o nome dele – foi como dissesse notícia do que em terras longes se passava. Era um nome, ver o que. Que é que é um nome? Nome não se dá: nome recebe. Da razão desse encoberto, nem resumi curiosidades. Caso de algum crime arrependido, fosse, fuga de alguma outra parte; ou devoção a um santo-forte. Mas havendo o ele querer que só eu soubesse, e que só eu esse nome verdadeiro pronunciasse. Entendi aquele valor. Amizade nossa ele não queria acontecida simples, no comum, sem encalço. Amizade dele, ele me dava."

Grande Sertão: veredas

Fragmento II

"Daí a pouco, em volta das bicas era um zum-zum crescente; uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas. Uns, após outros, lavavam a cara, incomodamente, debaixo do fio d'água que escorria da altura de uns cinco palmos. O chão inundava-se; as mulheres precisavam já prender as

saias entre as coxas para não as molhar; via-se-lhes a tostada nudez do braço e do pescoço, que elas despiam, suspendendo o cabelo todo para o alto do casco."

O cortiço

Fragmento III

"Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a história, resistiu até ao esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados.

Forremo-nos à tarefa de descrever os seus últimos momentos. Nem poderíamos fazê-lo. Esta página, imaginamo-la sempre profundamente emocionante e trágica; mas cerramo-la vacilante e sem brilhos."

Os sertões

156 - (FM Petrópolis RJ)

A leitura dos fragmentos I, II e III permite afirmar que o fragmento

a) I é de um texto modernista e foi escrito por Graciliano Ramos.

b) I é de um texto modernista e foi escrito por Guimarães Rosa.

c) II é de um texto pré-modernista e foi escrito por José Lins do Rego.

d) III é de um texto realista e foi escrito por Machado de Assis.

e) III é de um texto pré-modernista e foi escrito por Aluísio Azevedo.

TEXTO: 31 - Comum às questões: 157, 158

Falo somente com o que falo:

com as mesmas vinte palavras

girando ao redor do sol

que as limpa do que não é faca:

de toda uma crosta viscosa,

resto de janta abaianada,

que fica na lâmina e cega

seu gosto da cicatriz clara.

*****

Falo somente do que falo:

do seco e de suas paisagens,

Nordestes, debaixo de um sol

ali do mais quente vinagre:

que reduz tudo ao espinhaço,

cresta o simplesmente folhagem,

folha prolixa, folharada,

onde possa esconder-se a fraude.

*****

João Cabral de Melo Neto

157 - (FGV)

Além de referir-se, já desde o título, a um outro escritor, o poema de João Cabral de Melo Neto contém, igualmente, elementos muito representativos da obra e, em particular, das preferências do próprio autor, dos quais são exemplos bastante marcados predominantemente as expressões

a) “faca” e “lâmina”.

b) “crosta viscosa” e “janta abaianada”.

c) “janta abaianada” e “vinagre”.

d) “sol” e “folhagem”.

e) “folha prolixa” e “fraude”.

158 - (FGV)

O poema (aqui reproduzido sem o título e apenas parcialmente) elenca aspectos marcantes da obra de um escritor brasileiro, cujo nome corresponde ao próprio título do texto. Deduz-se corretamente, da leitura do excerto, que se trata de

a) Euclides da Cunha.

b) Graciliano Ramos.

c) José Lins do Rego.

d) Jorge Amado.

e) João Guimarães Rosa.

TEXTO: 32 - Comum à questão: 159

A violência é um recurso opressor. Há vários modos de exercê-la. O modo físico é sempre mais evidente, motivo pelo qual ganha muito mais destaque nos meios de comunicação. A violência

simbólica, expressa em leis, hábitos, preceitos, preconceitos, ideias, etc., é entretanto muito mais nociva, até porque atinge um número bem maior de pessoas e é mais difícil de combater por ser executada em um plano abstrato, de onde deriva sua extrema sutileza.

159 - (UEPA)

Fundamentado no texto, analise os comentários das opções abaixo, assinalando a alternativa correta.

a) O modo como o narrador conduz a trama em Vidas Secas, alternando a perspectiva da abordagem da realidade que ora é a de Baleia, ora a de Fabiano, ora a de Sinhá Vitória, etc, ou, ainda, utilizando o discurso indireto livre, são formas de democratizar a condução da narrativa evitando que ela seja veículo da violência simbólica que tudo reduz à perspectiva do narrador.

b) Os conflitos entre as personagens de Vestido de Noiva se resolvem comumente pela violência física, exemplo disso é o assassinato de Alaíde, tramado por Pedro e Lúcia, devidamente apurado por jornalistas e policiais.

c) O sonho de Alaíde, melhor configurado no plano da alucinação, expressa seu desejo de adequar-se às exigências do modelo de violência simbólica exercida na esfera da sexualidade.

d) O modo de Sinhá Vitória encerrar seu diálogo com o menino mais velho prova que a violência simbólica pode também ser exercida nas relações entre pais e filhos.

e) As relações amorosas entre Madame Clessi e o colegial se encerram com um ato de violência simbólica.

TEXTO: 33 - Comum à questão: 160

O que é preservar?

De acordo com Michel Parent (1984, p. 112), a exigência relacionada à preservação não se restringe apenas a uma questão de antiguidade, como se definia em outros tempos. Essa necessidade, dentro dos conceitos atuais, tende a englobar tudo o que se relaciona a testemunhos

culturais, aos estudos das mentalidades, aos modos de vida em todas as épocas, assim como aos vínculos do homem com a natureza, vistos de um modo amplo e global.

Assim, todo edifício ou conjunto arquitetônico de interesse histórico deve ser preservado, mesmo que sua ligação com a história não seja por meio de personalidades ou acontecimentos históricos relevantes. O fato de um determinado edifício apresentar características marcantes de um período de nosso desenvolvimento já é suficiente para que nos preocupemos com sua defesa. A apresentação de elementos decorativos ou de técnicas construtivas específicas, de caráter regional, é também motivo que justifica seu estudo e sua preservação.

Em 1933, o IV Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (IV CIAM) apresentou como resultado de sua reunião, realizada na Grécia, um documento que entrou para a história do século XX com o nome de "Carta de Atenas", dedicando interesse objetivo sobre questões relacionadas ao patrimônio histórico e à conservação e preservação, tanto de monumentos quanto no que se relaciona à cidade como um todo. Segundo esse documento,

> "A vida de uma cidade é um acontecimento contínuo que se manifesta ao longo dos séculos por obras materiais, traçados ou construções que dotaram-na de sua personalidade própria e dos quais emana pouco a pouco a sua alma. São testemunhos preciosos do passado que serão respeitados, a princípio por seu valor histórico ou sentimental, depois, porque alguns trazem em si uma virtude plástica na qual se incorporou o mais alto grau de intensidade do gênio humano. Eles fazem parte do patrimônio humano, e aqueles que o detêm ou são encarregados de sua proteção, têm a responsabilidade e a obrigação de fazer tudo o que é lícito para transmitir intacta, para os séculos futuros, essa nobre herança" (Le Corbusier, 1993, p. 118).

E não há como transmitir para gerações futuras o conhecimento construído sobre o fazer urbano e arquitetônico, a não ser com base na preservação dos monumentos e de considerável extensão da malha urbana, não interessando aí o período que tal monumento venha representar.

Sendo assim, os edifícios públicos de nossas cidades coloniais guardam características próprias que os diferenciam tanto das construções civis e religiosas de sua época como de seus congêneres de períodos posteriores. Também aqueles representativos do neoclássico e do ecletismo trazem, em suas estruturas, seus elementos decorativos e organização interna, importantes informações, tanto para o estudo do desenvolvimento da arquitetura como da forma como a sociedade se organizava em cada um desses períodos.

COELHO, Gustavo Neiva; VALVA, Milena D´Ayala. *Patrimônio cultural edificado.* Goiânia: UCG, 2001. p. 73-74.

160 - (UNIRG TO)

Em *O beijo no asfalto*, as rubricas trazem indicações cênicas que, além de apresentarem informações sobre a composição das personagens, antecipam elementos que relacionam seus atributos às ações por elas realizadas na peça. A relação entre rubrica, personagem e ação que está de acordo com o enredo da peça é:

a) "aparência de um cafajeste dionisíaco" G diz respeito a Aprígio, que acusa o genro de infidelidade conjugal e homossexualismo.

b) "imagem fina e frágil de uma moça de intensa feminilidade" G refere-se à Selminha, que se traumatiza após o interrogatório policial.

c) "jovem [...] de uma sofrida simpatia que faz pensar em um coração atormentado e puro" G diz respeito à Dália, que é apaixonada pelo próprio cunhado.

d) "em mangas de camisa [...] com um escandaloso revólver na cintura" G refere-se ao detetive Aruba, que cumpre as ordens violentas do delegado.

TEXTO: 34 - Comum à questão: 161

[1] ARANDIR – Você me nega um beijo?

[2] SELMINHA – Na boca, não!

[3] ARANDIR (sem se aproximar e estendendo as duas mãos crispadas) – Coração, [4] olha. No emprego e aqui na rua. Eu sei que aqui na rua. Ninguém acredita em mim. E, [5] hoje, quando eu saí do emprego. Meu bem, escuta. Fiquei andando pela cidade. Tive a [6] impressão de que todo mundo me olhava. No lotação, em todo lugar, eu acho que me [7] reconheciam pelo retrato. Eu saltava de um lotação e apanhava outro. A mesma coisa. [8] Eu então pensei: - "Bem: Mas eu tenho Selminha!" Escuta, Selminha, escuta! Eu quero [9] sentir, saber, entende! Saber que você está comigo, a meu lado! Você é tudo que eu [10] tenho! (Selminha está chorando com o rosto coberto por uma das mãos)

[11] SELMINHA (soluçando) – Oh, cala a boca!

[12] ARANDIR (com súbito pânico) – Barulho. Está ouvindo?

[13] SELMINHA – Nada.

[14] ARANDIR (recuando) – Abriram o portão. Alguém entrou.

[15] SELMINHA (com surda irritação) – Não é ninguém. (Dália aparece)

[16] ARANDIR – Oh, Dália.

[17] DÁLIA (surpresa para a irmã) Chorando por quê?

[18] ARANDIR – Nervosa.

[19] DÁLIA (para Arandir) – Eu não vou mais, Arandir. (para a irmã) Sua boba! Parece [20] até nem sei! Faz como eu. Olha! Agora mesmo, eu disse à d. Matilde. Ouviu, Arandir? [21] Quando eu vinha voltando da igreja, encontrei a d. Matilde. D. Matilde, essa de. Disse a [22] ela o que não se diz a um cachorro. Quase que. Disse: – Olha! Limpe a boca, limpe a [23] boca. E fique sabendo que meu cunhado é muito mais, mas muito mais homem que seu [24] marido! (toca a campainha)

RODRIGUES, Nelson. *O beijo no asfalto*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004, pp. 51 e 52.

161 - (UDESC SC)

Assinale a alternativa **incorreta** em relação à obra *O beijo no asfalto*, Nelson Rodrigues, e ao texto.

a) Para impedir que d. Matilde continuasse a falar mal de Arandir, Dália faz uso da linguagem metafórica: “Limpe a boca, limpe a boca” (Refs. 22 e 23).

b) A obra apresenta linguagem coloquial, com diálogos curtos e frases interrompidas.

c) Infere-se da leitura da obra que Dália defendia Arandir por estar apaixonada por ele.

d) Em “– Olha! Limpe a boca, limpe a boca” (Refs. 22 e 23) os verbos estão conjugados na 3ª pessoa singular do imperativo afirmativo.

e) Substituindo-se a expressão “à d. Matilde” (Ref. 20) pela *à senhora Matilde,* o acento indicativo de crase permanece.

TEXTO: 35 - Comum à questão: 162

João Grilo O senhor não repare não, mas de besta eu só tenho a cara. Meu trunfo é maior do que qualquer santo.

Manuel Quem é?

João Gril A mãe da justiça.

Encourado *rindo* Ah, a mãe da justiça! Quem é essa?

Manuel Não ria, porque ela existe.

Bispo E quem é?

Manuel A misericórdia.

Severino Foi coisa que nunca conheci.

Onde mora? E como chamá-la?

João Grilo Ah isso é comigo. Vou fazer um chamado especial, em verso. Garanto que ela vem, querem ver? (*Recitando*.)

Valha-me Nossa Senhora,

Mãe de Deus de Nazaré!

A vaca mansa dá leite,

A braba dá quando quer.

A mansa dá sossegada,

A braba levanta o pé.

Já fui barco, fui navio,

Mas hoje sou escaler.

Já fui menino, fui homem,

Só me falta ser mulher.

(SUASSUNA, Ariano. **Auto da Compadecida**.
Rio de Janeiro: Agir. 34. ed. 1999. p. 169-170.)

162 - (PUC GO)

Ariano Suassuna escreveu, em 1955, a peça **Auto da Compadecida**, em três atos, compondo a história João Grilo e Chicó, dois sertanejos que vivem em condição de extrema pobreza e se utilizam de malandragem, mentiras, trapaças, covardias, inteligência e aventuras para sobreviverem. A respeito dessa peça teatral, analise as afirmativas a seguir:

I. O autor criou o texto teatral em forma de auto, traçando um perfil da sociedade brasileira, especialmente a nordestina, num retrato caricato do lado miserável da figura humana, com defeitos, contradições e, ao mesmo tempo, engraçada.

II. No texto está explicitado, no discurso de algumas das personagens, a grandeza de sua fé em Nossa Senhora e a crença na vitória da justiça divina.

III. **Auto da Compadecida** possui um tom mais profano que religioso.

IV. Apesar do tom satírico, o auto de Suassuna não destaca problemas políticos e a desigualdade social é apresentada apenas de maneira sutil, pois a intenção do autor é brincar com o lado ridículo da condição do ser humano.

Assinale a alternativa que apresenta todos os itens corretos:

a) I e II

b) I e IV

c) II e III

d) II e IV

TEXTO: 36 - Comum à questão: 163

Leia o trecho de *Os jornais*, de Rubem Braga.

Meu amigo lança fora, alegremente, o jornal que está lendo e diz:

– Chega! Houve um desastre de trem na França, um acidente de mina na Inglaterra, um surto de peste na Índia. Você acredita nisso que os jornais dizem? Será o mundo assim, uma bola confusa, onde acontecem unicamente desastres e desgraças? Não! Os jornais é que normalmente falsificam a imagem do mundo e nunca publicam uma nota assim:

"Anteontem, cerca de 21 horas, na rua Arlinda, no Méier, o sapateiro Augusto Ramos, de 28 anos, casado com a senhora Deolinda Brito Ramos, 23 anos de idade, aproveitou-se de um momento em que sua consorte erguia os braços para segurar uma lâmpada para abraçá-la alegremente, dando-lhe beijos na garganta e na face, culminando em um beijo na orelha esquerda. Em vista disso, a senhora em questão voltou-se para o seu marido, beijando-o longamente na boca e murmurando as seguintes palavras: 'Meu amor', ao que ele retorquiu: 'Deolinda'.

Na manhã seguinte Augusto Ramos foi visto saindo apressadamente de sua residência às 7:45 da manhã, isto é, dez minutos mais tarde do que o habitual, pois se demorou, a pedido de sua esposa, para consertar a gaiola de um canário-da-terra de propriedade do casal".

E meu amigo:

– Se um repórter redigir essa notícia e a levar a um secretário de redação, será chamado de louco. Porque os jornais noticiam tudo, tudo, menos, uma coisa tão banal de que ninguém se lembra: a vida...

(*A borboleta amarela,* 1980. Adaptado.)

163 - (Fac. de Ciências da Saúde de Barretos SP)

Uma característica comum aos textos de Fernando Sabino e Rubem Braga é

a) a abordagem de fatos miúdos do cotidiano por meio de uma linguagem aparentemente despreocupada.

b) a adoção de um gênero literário desgastado e, portanto, já afastado do cotidiano.

c) o emprego de vocabulário precioso e de construções sintáticas mais raras, condizentes à magnitude dos assuntos.

d) o emprego de uma linguagem rebuscada para disfarçar a pobreza dos assuntos relatados.

e) a abordagem de temas despretensiosos do cotidiano por meio de uma linguagem estritamente argumentativa.

TEXTO: 37 - Comum à questão: 164

A Hora da Estrela *é a próxima obra da coleção*

Clarice Lispector não era de entrevistas. Na única televisionada, dada à TV Cultura no começo de 1977, a autora falou da novela que acabara de escrever: "A história de uma moça tão pobre que só comia cachorro-quente. A história não é isso só, é de uma inocência pisada, de uma miséria anônima".

A Hora da Estrela*, lançado em outubro daquele ano, pouco antes da morte da autora, ainda não tinha nome. "Tem 13 títulos diferentes", disse ela, sobre a história da migrante que levava uma vida difícil no Rio de Janeiro.*

A novela virou o filme de 1985, dirigido por Suzana Amaral e incluído no quarto volume da Coleção Folha Grandes Livros no Cinema*, que vai às bancas no próximo domingo (1º de setembro).*

Marcélia Cartaxo – melhor atriz nos festivais de Berlim e Brasília por esse papel – faz Macabéa, datilógrafa alagoana que sonha em ser estrela de cinema. O filme também ganhou um prêmio da crítica do festival alemão, dado à diretora Suzana Amaral.

José Dumont faz o papel de Olímpico, namorado que troca Macabéa pela amiga e rival Glória (Tamara Taxman), que, à certa altura, diz: "Você é muito desbotada, Macabéa!". Fernanda Montenegro é Madame Carlota, cartomante que prevê um futuro brilhante para a protagonista, apesar do seu presente de invisibilidade.

"Eu senti na pele o que é ser Macabéa em um ambiente urbano estranho", disse a diretora sobre o tempo em que estudou cinema em Nova York. Pelo longa, seu primeiro, venceu como melhor diretora em Brasília e Havana.

(*Folha de S.Paulo*, 25.08.2013. Adaptado.)

164 - (FAMECA SP)

Considerando a caracterização de Macabéa, protagonista de *A Hora da Estrela*, é correto afirmar que um dos temas principais do livro é

a) a ascensão da mulher pelo casamento por interesse e o superficialismo das relações sociais na elite carioca.

b) o sucesso da mulher no mercado profissional e a conquista de melhores condições de trabalho.

c) a luta dos sertanejos para sobreviver em meio às agruras da geografia seca do nordeste brasileiro.

d) os preconceitos sofridos pela mulher ao conquistar seu espaço no universo do teatro.

e) a condição de abandono do migrante nordestino em uma metrópole do sudeste brasileiro.

TEXTO: 38 - Comum à questão: 165

O nada que é

Um canavial tem a extensão

ante a qual todo metro é vão.

Tem o escancarado do mar

que existe para desafiar

que números e seus afins

possam prendê-lo nos seus sins.

Ante um canavial a medida

métrica é de todo esquecida,

porque embora todo povoado

povoa-o o pleno anonimato

que dá esse efeito singular:

de um nada prenhe como o mar.

(João Cabral de Melo Neto. *Museu de tudo e depois*, 1988.)

165 - (UNIFESP SP)

Ao comparar o canavial ao mar, a imagem construída pelo eu lírico formaliza-se em

a) uma assimetria entre a ideia de nada e a de anonimato.

b) uma descontinuidade entre a ideia de mar e a de canavial.

c) uma contradição entre a ideia de extensão e a de canavial.

d) um paradoxo entre a ideia de nada e a de imensidão.

e) um eufemismo entre a ideia de metro e a de medida.

TEXTO: 39 - Comum à questão: 166

[1] – Macabéa! Tenho grandes notícias para lhe dar! Preste atenção, minha flor, [2] porque é da maior importância o que vou lhe dizer. É coisa muito séria e muito alegre: [3] sua vida vai mudar completamente! E digo mais: vai mudar a partir do momento em que [4] você sair da minha casa! Você vai se sentir outra. Fique sabendo, minha florzinha, que [5] até o seu namorado vai voltar e propor casamento, ele está arrependido! E seu chefe [6] vai lhe avisar que pensou melhor e não vai mais lhe despedir!

[7] Macabéa nunca tinha tido coragem de ter esperança.

[8] Mas agora ouvia a madama como se ouvisse uma trombeta vinda dos céus – [9] enquanto suportava uma forte taquicardia. Madama tinha razão: Jesus enfim prestava [10] atenção nela. Seus olhos estavam arregalados por uma súbita voracidade pelo futuro [11] (explosão). E eu também estou com esperança enfim.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*.
Rio de Janeiro: Rocco, 1998, 1ª ed., pp. 76 e 77.

166 - (UDESC SC)

Assinale a alternativa **correta** em relação à obra *A hora da estrela,* Clarice Lispector, e ao texto.

a) No período "E digo mais: vai mudar a partir do momento em que você sair da minha casa" (Refs. 3 e 4) os dois pontos justificam-se para separar a oração principal da intercalada.

b) Em "Seus olhos estavam arregalados por uma súbita voracidade pelo futuro (explosão)" (Refs. 10 e 11) há o reforço da preocupação de Macabéa com o futuro, pois ela acreditava que ter futuro era vital e se preocupava muito com o dia de amanhã.

c) Em "– Macabéa! Tenho grandes notícias para lhe dar" (Ref. 1) o termo destacado é, na morfossintaxe, substantivo e sujeito.

d) Da leitura da narrativa, infere-se que para a personagem Macabéa a compreensão e o sentido da vida são quase nulos. Suas atitudes são obtusas, a tudo ela agradece, até mesmo quando o médico a diagnostica com tuberculose.

e) Em "seus olhos estavam arregalados" (Ref. 10) substituindo-se o termo destacado por *arrefecidos,* ainda assim, mantém-se o sentido original do texto.

TEXTO: 40 - Comum à questão: 167

Sou homem de tristes palavras. De que era que eu tinha tanta, tanta culpa? Se o meu pai, sempre fazendo ausência: e o rio-rio-rio — o rio — pondo perpétuo. Eu sofria já o começo da velhice — esta vida era só o demoramento. Eu mesmo tinha achaques, ânsias, cá de baixo, cansaços, perrenguice de reumatismo. E ele? Por quê? Devia de padecer demais. De tão idoso, não ia, mais dia menos dia, fraquejar do vigor, deixar que a canoa emborcasse, ou que bubuiasse sem pulso, na levada do rio, para se despenhar horas abaixo, em tororoma e no tombo da cachoeira, brava, com o fervimento e morte. Apertava o coração. Ele estava lá, sem a minha tranquilidade. Sou o culpado do que nem sei, de dor em aberto, no meu foro. Soubesse — se as coisas fossem outras. E fui tomando idéia.

(ROSA, João Guimarães. "A Terceira Margem do Rio",
Primeiras estórias, Nova Fronteira, 2005)

167 - (ESPM SP)

No trecho acima, só NÃO pode ser constatado(a)(s):

a) narrador-personagem em primeira pessoa.

b) tom de oralidade com longas orações subordinadas.

c) linguagem elíptica.

d) neologismos.

e) repetição enfática das palavras.

TEXTO: 41 - Comum à questão: 168

Texto I

O futebol brasileiro evocado da Europa

A bola não é inimiga
como o touro, numa corrida;
e embora seja um utensílio
caseiro e que não se usa sem risco,
não é o utensílio impessoal,
sempre manso, de gesto usual:
é um utensílio semivivo,
de reação própria como bicho,
e que, como bicho, é mister
(mais que bicho, como mulher)
usar com malícia e atenção
dando aos pés astúcia de mão.

MELO NETO, João Cabral de. *Obra completa*.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992, p. 407.

Texto II

Foi-se a Copa?

Foi-se a Copa? Não faz mal.
Adeus chutes e sistemas.
A gente pode, afinal,
cuidar de nossos problemas.
Faltou inflação de pontos?

Perdura a inflação de fato.

Deixaremos de ser tontos

se chutarmos no alvo exato.

O povo, noutro torneio,

havendo tenacidade,

ganhará, rijo, e de cheio,

a Copa da Liberdade.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia completa*.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008, p. 1345.

168 - (UFJF MG)

O poema de João Cabral de Melo Neto (Texto I) estabelece uma comparação que se fundamenta:

a) na personificação da bola para aproximá-la da imagem de um ser vivo.

b) na relação entre o uso do touro em esportes na Europa e a bola como utensílio doméstico.

c) na representação da figura feminina, que é igualada a um objeto ou um bicho.

d) na diferença entre o estilo do futebol europeu e o do brasileiro.

e) na ideia de que o futebol é um esporte sedutor através da referência à malícia e à mulher.

TEXTO: 42 - Comum à questão: 169

*O termo **vanguarda** designava originalmente a posição dos guerreiros que iam à frente, nas batalhas. Mais tarde, já no campo da arte, passou a identificar a posição de criadores que, preocupados com uma completa inovação estética, buscavam adiantar-se ao seu tempo e propunham, quando não impunham, novos paradigmas para a linguagem artística. No Brasil do século XX há que se destacar o papel de vanguarda cultural e artística domovimento modernista de*

22, por sua vez inspirado por vanguardas europeias, e a radical atuação vanguardista dos poetas concretos, cujos manifestos datam da década de 50 – década em que a economia e a política nacional também buscaram modernizar-se.

(Alcebíades Valongo, inédito)

169 - (PUCCamp SP)

A prosa de Guimarães Rosa, não obstante esteja profundamente marcada pelo universo rústico do sertão e de suas personagens, apresenta um forte componente de vanguarda quando

a) introduz no discurso prosaico versos e cantigas de extração popular.

b) remonta a mitos, lendas e sagas do universo clássico.

c) se apoia em diálogos caracterizados pelo realismo das falas cotidianas.

d) se vale de uma linguagem que surpreende o leitor com inéditos e criativos recursos.

e) traduz para a norma culta a linguagem simples e espontânea do povo.

TEXTO: 43 - Comum à questão: 170

"Nascera inteiramente raquítica, herança do sertão – os maus antecedentes de que falei. Com dois anos de idade lhe haviam morrido os pais de febres ruins no sertão de Alagoas, lá onde o diabo perdera as botas. Muito depois fora para Maceió com a tia beata, única parenta sua no mundo. Uma outra vez se lembrava de coisa esquecida. Por exemplo a tia lhe dando cascudos no alto da cabeça porque o cocuruto de uma cabeça devia ser, imaginava a tia, um ponto vital. Dava-lhe sempre com os nós dos dedos na cabeça de ossos fracos por falta de cálcio. Batia mas não era somente porque ao bater gozava de grande prazer sensual – a tia que não se casara por nojo – é que também considerava de dever seu evitar que a menina viesse um dia a ser uma dessas moças que em Maceió ficavam nas ruas de cigarro aceso esperando homem".

Clarice Lispector*, A hora da estrela*, 1977.

170 - (UNITAU SP)

O fragmento de texto em questão caracteriza-se

a) pelo estudo psicológico da personagem.

b) pela preocupação moral que toda obra de arte tem de ter.

c) pelo tratamento da realidade material e social da personagem.

d) pela preocupação existencialista do narrador.

e) pelo teor romântico e de linha espiritualista do narrador.

TEXTO: 44 - Comum às questões: 171, 172

O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem. O que Deus quer é ver a gente aprendendo a ser capaz de ficar alegre a mais, no meio da alegria, e inda mais alegre ainda no meio da tristeza! Só assim de repente, na horinha em que se quer, de propósito — por coragem. Será? Era o que eu às vezes achava.

ROSA, João Guimarães. Grande Sertão: Veredas.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 449.

171 - (UEFS BA)

Analisando-se a linguagem utilizada no texto de Guimarães Rosa, é correto afirmar que

a) valoriza a oralidade em detrimento da variação escrita, caracterizando a personagem que fala como um indivíduo com dificuldades para filosofar sobre as coisas da vida.

b) se reproduz uma forma de expressão própria dos escritores nordestinos da modernidade, valorizando o sotaque de uma classe social.

c) retoma variantes dialetais e diastráticas desconectadas das personagens, de forma que desconstrói o linguajar do homem sertanejo.

d) apresenta uma estrutura linguística própria de variações diacrônicas da norma culta, resgatando expressões tidas como em desuso.

e) referenda, por meio de neologismos lexicais e morfossintáticos, a maneira e o ritmo do falar sertanejo.

172 - (UEFS BA)

O texto em destaque é um fragmento da obra *Grande Sertão: veredas*, do escritor modernista Guimarães Rosa. Segundo as reflexões do sujeito narrador Riobaldo, a vida pode ser vista como

a) o trânsito da existência, marcada pela mistura instável de experiências ambivalentes, que exigem a coragem do ser humano.

b) a ambiguidade de vivências que, em vez de gerar a alegria, reforçam a tristeza e a insegurança nas tomadas de decisões.

c) uma grande dúvida sobre o que realmente é importante e essencial para a felicidade e satisfação do homem.

d) uma prova única capaz de transformar o viver das pessoas na concretização do desejo de felicidade.

e) um repertório existencial de reflexões que garantem todas as sensações positivas para o indivíduo.

TEXTO: 45 - Comum à questão: 173

A imitação da rosa

Antes que Armando voltasse do trabalho a casa deveria estar arrumada e ela própria já no vestido marrom para que pudesse atender o marido enquanto ele se vestia, e então sairiam com calma, de braço dado como antigamente. Há quanto tempo não faziam isso?

Mas agora que ela estava de novo "bem", tomariam o ônibus, ela olhando como uma esposa pela janela, o braço no dele, e depois jantariam com Carlota e João, recostados na cadeira com intimidade. Há quanto tempo não via Armando enfim se recostar com intimidade e conversar com um homem? A paz de um homem era, esquecido de sua mulher, conversar com outro homem sobre o que saía nos jornais. Enquanto isso ela falaria com Carlota sobre coisas de mulheres, submissa à bondade autoritária e prática de Carlota, recebendo enfim de novo a desatenção e o vago desprezo da amiga, a sua rudeza natural, e não mais aquele carinho perplexo e cheio de curiosidade — e vendo enfim Armando esquecido da própria mulher. E ela mesma, enfim, voltando à insignificância com reconhecimento. Como um gato que passou a noite fora e, como se nada tivesse acontecido, encontrasse sem uma palavra um pires de leite esperando. As pessoas felizmente ajudavam a fazê-la sentir que agora estava "bem". Sem a fitarem, ajudavam-na ativamente a esquecer, fingindo elas próprias o esquecimento como se tivessem lido a mesma bula do mesmo vidro de remédio. Ou tinham esquecido realmente, quem sabe. Há quanto tempo não via Armando enfim se recostar com abandono, esquecido dela? E ela mesma?

LISPECTOR, Clarice. **Laços de família: contos.**
Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990, p. 47.

173 - (IBMEC SP)

Na obra de Clarice Lispector, é comum a explicitação do cotidiano opressor da sociedade patriarcal. No fragmento, essa representação pode ser ilustrada por meio

a) da referência a clichês que denunciam um estereótipo de gêneros, enquanto a inadaptação é vinculada a um comportamento selvagem.

b) da exploração de paradoxos, como “olhando como uma esposa”, que evidenciam a falta de sentido das atribuições dadas às mulheres na época.

c) da insinuação de que a sociedade prefere ignorar indivíduos que não estão “bem”, isto é, não conseguem se adaptar às regras sociais.

d) da denúncia de que mulheres que tentavam ficar “bem”, isto é, que tomavam suas próprias decisões, incomodavam seus maridos, tirando-lhes a paz.

e) do emprego de termos como “felizmente” que revelam a aprovação do marido para a mudança de comportamento da esposa, em oposição à desaprovação das outras pessoas.

TEXTO: 46 - Comum às questões: 174, 175

Catar Feijão

1

Catar feijão se limita com escrever:

joga-se os grãos na água do alguidar

e as palavras na folha de papel;

e depois, joga-se fora o que boiar.

Certo, toda palavra boiará no papel,

água congelada, por chumbo seu verbo:

pois para catar esse feijão, soprar nele,

e jogar fora o leve e oco, palha e eco.

2

Ora, nesse catar feijão entra um risco:

o de que entre os grãos pesados entre

um grão qualquer, pedra ou indigesto,

um grão imastigável, de quebrar dente.

Certo não, quando ao catar palavras:

a pedra dá à frase seu grão mais vivo:

obstrui a leitura fluviante, flutual,

açula a atenção, isca-a como o risco.

João Cabral de Melo Neto, A educação pela pedra.

174 - (FGV)

Considere as seguintes afirmações relativas ao poema de Cabral de Melo:

I. O ideal de economia verbal, preconizado no poema, assemelha-se ao ideal estilístico do Graciliano Ramos de Vidas secas, também este sequioso de restringir-se ao essencial.

II. O recurso ao "grão imastigável, de quebrar dente" e à "pedra [que] dá à frase seu grão mais vivo", com o sentido que lhe dá Cabral de Melo, encontra-se presente no próprio poema que a reivindica.

III. A ideia de se produzir uma obstrução da leitura como algo positivo participa do objetivo de se romper com os autoritarismos da percepção – desígnio frequente na literatura moderna, inclusive em autores estilisticamente muito diferentes de Cabral, como é o caso de Guimarães Rosa.

Está correto o que se afirma em

a) I, apenas.

b) II, apenas.

c) II e III, apenas.

d) I e III, apenas.

e) I, II e III.

175 - (FGV)

A comparação escolhida por João Cabral de Melo Neto para caracterizar o ato de escrever

a) recupera para a literatura as concepções de poesia que orientavam a literatura de folhetos do Nordeste, ou "cordel".

b) inverte certa concepção erudita da poesia, que a vê como atividade elevada, sublime, separada do cotidiano banal.

c) inscreve a poética do autor no Regionalismo literário, por vincular a representação literária a práticas locais bem determinadas.

d) reata com a tradição parnasiana, que concebia a arte poética como ofício de artesão ou artífice.

e) contrapõe-se ao elitismo do Modernismo paulista, que repudiava o primitivismo e as culturas rústicas.

TEXTO: 47 - Comum à questão: 176

Parabéns

[1] Eu havia me mudado para aquele apartamento [2] de dois quartos, fazia uma semana, quando de manhã [3] muito cedo, não que fosse cedo apenas para minha [4] hora de acordar, era o cedo cronológico dos relógios [5] que ainda não marcavam seis horas da manhã. [6] O som altíssimo anunciava o aniversário de alguém [7] que, por força do destino ou de algum inarredável [8] horário de trabalho, não poderia sair sem ouvir a saltitante [9] mensagem da universal canção.

[10] As vozes eram as vozes do disco e mais vozes [11] crianças, adultas e de muitos bichos e periquitos, [12] num estampido de alegria, porque alguém fazia aniversário, [13] um aniversário único na imensidão do universo [14] e urgia que o prédio, a rua, a cidade inteira [15] soubesse da celebração.

[16] Quem são essas felizes criaturas? Não gosto de [17] intimidade com vizinhos, tenho meu jeito engavetado [18] de palavras exíguas e sorriso curto, não me interesso [19] pela vida alheia, mas no momento em que meu sono [20] é invadido de maneira tão abrupta, tive vontade de [21] saber alguns porquês que me forçaram a tão insólito [22] despertar. Não pude continuar a dormir com aquela [23] festa que se arremetia contra as paredes de meu [24] apartamento e do meu corpo deitado sobre a cabeça [25] explodida, aquela festa que só terminaria muito além [26] da hora em que eu pudesse novamente encolher na [27] cama, depois de todo um dia entupido com vozerios [28] e alvorocios. Não sobrava uma brecha por onde eu [29] pudesse escapar para me concentrar e escrever, afinal [30] havia um prazo a cumprir com minha editora.

[31] Na manhã seguinte, a campainha, bom-dia, [32] desculpe, eu vim acordar a senhora? A vozinha vinha [33] acima de um pratinho de papelão coberto por [34] um guardanapo de papel desenhado com dóceis [35] florzinhas, mamãe mandou para a senhora, foi meu [36] aniversário, sabia? esses docinhos foi mamãe que [37] fez, desculpe eu ter acordado a senhora, não tem [38] importância, entre, meu bem,

eu sentia que diante [39] da inesperada gentileza, eu deveria desengavetar [40] pelo menos algum fio de amenidade comunitária, a [41] senhora mora sozinha? olhe aqui, meu bem, você [42] gosta de chocolate? muito obrigada, mas a senhora [43] é casada? até logo meu bem, diga a sua mãezinha [44] que eu agradeço os docinhos, viu? Invasões, mas eu [45] teria que suportar invasões do meu sono e da minha [46] bolha? [...]

[47] Os dias se passaram, meu texto progredia, eu [48] respondia ao sorriseiro bom-dia dos meus vizinhos [49] do apartamento comemorativo. [...]

[50] Eu me fechava na porta, na gaveta, na bolha [51] e me deitava outra vez, em busca do sono perdido. [52] Quando sou obrigada a me aproximar da área, invariavelmente [53] os olhos estão de sentinela, chamam [54] outros olhos para prosseguirem na inclemente investigação, [55] mas o que será que eu tenho de tão inusitado? [56] bom-dia, bom-dia, a senhora está precisando de [57] alguma coisa? não, muito obrigada, se precisar, etc., [58] os vizinhos, a senhora sabe, devem se ajudar, etc. [59] a senhora ontem recebeu aquela visitinha especial, [60] hein? bonitão, hein? a senhora é solteira ou desquitada? [61] pergunto, mas não é para me intrometer na sua [62] vida, nem por curiosidade, Deus me livre, é porque a [63] senhora mora sozinha, afinal, a senhora é datilógrafa [64] ou escritor? nós escutamos a sua máquina o dia inteiro, [65] até tarde da noite, não é que eu esteja reclamando, [66] mas às vezes nós não conseguimos dormir com o [67] barulho de sua máquina. [...]

[68] Meu trabalho se arrastava, eu tinha que recuperar [69] o tempo escrevendo até altas horas, bom dia, [70] senhora, ah, o senhor é o novo síndico, não é? Isso [71] mesmo, eu estou aqui para um assunto desagradável, [72] me desculpe, a senhora é uma moradora tão [73] educada, mora sozinha mas acontece que seus vizinhos [74] do lado me fizeram uma reclamação, a senhora [75] escreve na sua máquina fora do horário de silêncio [76] obrigatório e o casal e as crianças e mais os [77] recém-nascidos não conseguem dormir, compreenda, não [78] leve a mal, porém eu sou obrigado a notificar a senhora [79] e, de acordo com a convenção do condomínio, [80] vou lhe cobrar uma multa por desrespeito às normas [81] do prédio.

CUNHA, Helena Parente. **Vento, ventania, vendaval**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. Salvador: Fundação João Fernandes da Cunha. 1998. p. 36-41. Fragmentos.

176 - (UNIFICADO RJ)

O texto é um fragmento de um conto da escritora brasileira contemporânea Helena Parente Cunha, professora universitária e ficcionista.

Um traço que caracteriza essa contemporaneidade literária é

a) a temática marcadamente feminina, que procura reproduzir preocupações relacionadas ao papel desempenhado pela mulher na estrutura familiar.

b) o diálogo com outros textos da tradição literária brasileira, construindo um olhar intertextual sobre o universo feminino.

c) a linguagem metafórica utilizada para descrever as características das personagens e o relacionamento que se estabelece entre elas.

d) a influência da cultura de massa, tornando a literatura uma arte mais popularizada e dependente das regras do mercado editorial.

e) a estruturação textual, marcada pela justaposição das falas do narrador e das personagens, que delega ao leitor a tarefa de identificar cada voz presente no conto.

TEXTO: 48 - Comum à questão: 177

Leia o trecho do conto “As caridades odiosas”, de Clarice Lispector.

Foi uma tarde de sensibilidade ou de suscetibilidade? Eu passava pela rua depressa, emaranhada nos meus pensamentos, como às vezes acontece. Foi quando meu vestido me reteve: alguma coisa se enganchara na minha saia. Voltei-me e vi que se tratava de uma mão pequena e escura. Pertencia a um menino a que a sujeira e o sangue interno davam um tom quente de pele. O menino estava de pé no degrau da grande confeitaria. Seus olhos, mais do que suas palavras meio engolidas, informavam-me de sua paciente aflição. Paciente demais. Percebi vagamente um pedido, antes de compreender o seu sentido concreto. Um pouco aturdida eu o olhava, ainda em dúvida se fora a mão da criança o que me ceifara os pensamentos.

– Um doce, moça, compre um doce para mim.

Acordei finalmente. O que estivera eu pensando antes de encontrar o menino? O fato é que o pedido deste pareceu cumular uma lacuna, dar uma resposta que podia servir para qualquer pergunta, assim como uma grande chuva pode matar a sede de quem queria uns goles de água.

Sem olhar para os lados, por pudor talvez, sem querer espiar as mesas da confeitaria onde possivelmente algum conhecido tomava sorvete, entrei, fui ao balcão e disse com uma dureza que só Deus sabe explicar: um doce para o menino.

(*A descoberta do mundo*, 1999.)

177 - (FAMERP SP)

"Foi quando meu vestido me reteve: alguma coisa se enganchara na minha saia. Voltei-me e vi que se tratava de uma mão pequena e escura. Pertencia a um menino a que a sujeira e o sangue interno davam um tom quente de pele." (1° parágrafo)

A passagem narra o momento inicial do encontro da narradora com seu interlocutor. Tal momento é caracterizado

a) pela aparição e humanização gradativa do menino, referido sucessivamente como "coisa", "mão" e "menino".

b) pela reação violenta da mulher ao ser incomodada em seus pensamentos.

c) pela revelação de uma grande verdade como consequência de um fato trivial.

d) por um desgosto da mulher em relação à sujeira do menino que a abordara.

e) por uma reflexão da mulher, uma crítica social em relação às condições dos menos favorecidos.

TEXTO: 49 - Comum às questões: 178, 179

[1] EURICÃO - Caroba! Olhe a caranguejeira!

[2] CAROBA - Ai! Esta casa está cheia de bichos, Seu Euricão!

[3] PINHÃO - Sabe por que é isso, Seu Euricão? São essas velharias que o senhor guarda [4] aqui. Só essa porca já tem mais de duzentos anos.

[5] CAROBA - Por que o senhor não joga isso fora? Outro dia eu e Dona Margarida [6] quisemos fazer uma surpresa ao senhor. A gente ia jogar fora essa porca velha e [7] comprar uma nova para lhe dar.

[8] EURICÃO - (*Arriando numa cadeira*.) Ai, ai! Miseráveis, miseráveis, assassinas, [9] bandidas! Logo minha porquinha que herdei de meu avô! Toque nela e quem vai [10] embora é você, está ouvindo, assassina? Sou louco por essa porca! Ai Santo Antônio, [11] querem me roubar, me assassinar, e ainda por cima comprar uma porca nova que deve [12] custar uma fortuna! Ladrões, ladrões! Ai a crise, ai a carestia! Santo Antônio, Santo [13] Antônio!

[14] CAROBA - Está certo, Seu Euricão, está certo! Diabo duma agonia danada! Deixe a [15] porca de lado, ninguém toca mais nela! Que é que vale uma porca? O negócio agora é [16] evitar a facada que o tal do Eudoro vem lhe dar.

[17] EURICÃO – A facada?

[18] CAROBA – E então? O senhor vai ver se não é! Pinhão me contou como ele faz. Chega [19] cheio de delicadezas. A essa hora, já se informou de sua devoção por Santo Antônio. [20] Ele chega e faz que é devoto do mesmo santo. Elogia o senhor, elogia sua filha, [21] pergunta como vão os negócios, todo amável, e vai amolando a faca. (*À medida que [22] fala, vai evocando a cena imaginária com gestos significativos e cortantes*.)

SUASSUNA, Ariano. *O santo e a porca*. 30ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015. pp. 50 e 51.

178 - (UDESC SC)

Assinale a alternativa **correta** em relação à obra *O santo e a porca*, Ariano Suassuna, e ao texto.

a) Da leitura de "Sou louco por essa porca" (Ref. 10), infere-se que Euricão gostava da porca unicamente porque ele prezava as relíquias da família, as quais cultivava com esmero.

b) Em "Pinhão me contou <u>como</u> ele faz" (Ref. 18) a palavra destacada indica circunstância de tempo.

c) Em relação à oração "<u>Por que</u> o senhor não joga isso fora?" (Ref. 5), passando-se a expressão destacada para o final da oração tem-se *O senhor não joga isso fora por quê?*

d) Da leitura da obra, infere-se que Margarida, filha de Euricão, também amava Eudoro.

e) No período "<u>Toque</u> nela e quem vai embora é você" (Refs. 9 e 10), flexionando-se o verbo destacado na segunda pessoa do singular tem-se *Tocai nela e quem vai embora sois vós*.

179 - (UDESC SC)

Analise as proposições em relação à obra *O santo e a porca*, Ariano Suassuna, e ao texto.

I. Em "Caroba! Olhe a caranguejeira" (Ref. 1) o termo destacado é, na morfossintaxe, substantivo e vocativo.

II. Nos períodos "Olhe a caranguejeira" (Ref. 1) e "Deixe a porca de lado, ninguém toca mais nela" (Refs. 14 e 15) tem-se a função apelativa da linguagem.

III. A locução verbal "vai amolando" (Ref. 21), constituída por um verbo auxiliar e uma forma nominal, no texto, expressa ação progressiva.

IV. Infere-se da leitura da obra, na fala das personagens, alguns temas implícitos, tais como: desejar melhorar de vida, a solidão e o vazio existencial.

V. Na oração "Que é que vale uma porca" (Ref. 15), a expressão destacada pode ser retirada, por ser uma partícula expletiva e, ainda assim, mantém-se o sentido e a coerência textual.

Assinale a alternativa **correta**.

a) Somente as afirmativas II, III, IV e V são verdadeiras.

b) Somente as afirmativas III e IV são verdadeiras.

c) Somente as afirmativas I, II e IV são verdadeiras.

d) Somente as afirmativas III, IV e V são verdadeiras.

e) Todas as afirmativas são verdadeiras.

TEXTO: 50 - Comum à questão: 180

Leia o excerto da crônica "Mineirinho" de Clarice Lispector (1925-1977), publicada na revista *Senhor* em 1962.

É, suponho que é em mim, como um dos representantes de nós, que devo procurar por que está doendo a morte de um facínora1. E por que é que mais me adianta contar os treze tiros que mataram Mineirinho2 do que os seus crimes. Perguntei a minha cozinheira o que pensava sobre o assunto. Vi no seu rosto a pequena convulsão de um conflito, o mal-estar de não entender o que se sente, o de precisar trair sensações contraditórias por não saber como harmonizá-las. Fatos irredutíveis, mas revolta irredutível também, a violenta compaixão da revolta. Sentir-se dividido na própria perplexidade diante de não poder esquecer que Mineirinho era perigoso e já matara demais; e no entanto nós o queríamos vivo. A cozinheira se fechou um pouco, vendo-me talvez como a justiça que se vinga. Com alguma raiva de mim, que estava mexendo na sua alma, respondeu fria: “O que eu sinto não serve para se dizer. Quem não sabe que Mineirinho era criminoso? Mas tenho certeza de que ele se salvou e já entrou no céu”. Respondi-lhe que “mais do que muita gente que não matou”.

Por quê? No entanto a primeira lei, a que protege corpo e vida insubstituíveis, é a de que não matarás. Ela é a minha maior garantia: assim não me matam, porque eu não quero morrer, e assim não me deixam matar, porque ter matado será a escuridão para mim.

Esta é a lei. Mas há alguma coisa que, se me faz ouvir o primeiro e o segundo tiro com um alívio de segurança, no terceiro me deixa alerta, no quarto desassossegada, o quinto e o sexto me cobrem de vergonha, o sétimo e o oitavo eu ouço com o coração batendo de horror, no nono e no décimo minha boca está trêmula, no décimo primeiro digo em espanto o nome de Deus, no décimo segundo chamo meu irmão. O décimo terceiro tiro me assassina — porque eu sou o outro. Porque eu quero ser o outro.

Essa justiça que vela meu sono, eu a repudio, humilhada por precisar dela. Enquanto isso durmo e falsamente me salvo. Nós, os sonsos essenciais. Para que minha casa funcione, exijo de mim como primeiro dever que eu seja sonsa, que eu não exerça a minha revolta e o meu amor, guardados. Se eu não for sonsa, minha casa estremece. Eu devo ter esquecido que embaixo da casa está o terreno, o chão onde nova casa poderia ser erguida. Enquanto isso dormimos e falsamente nos salvamos. Até que treze tiros nos acordam, e com horror digo tarde demais – vinte e oito anos depois que Mineirinho nasceu – que ao homem acuado, que a esse não nos matem. Porque sei que ele é o meu erro. E de uma vida inteira, por Deus, o que se salva às vezes é apenas o erro, e eu sei que não nos salvaremos enquanto nosso erro não nos for precioso. Meu erro é o meu espelho, onde vejo o que em silêncio eu fiz de um homem. Meu erro é o modo como vi a vida se abrir na sua carne e me espantei, e vi a matéria de vida, placenta e sangue, a lama viva. Em Mineirinho se rebentou o meu modo de viver.

(Clarice Lispector. *Para não esquecer*, 1999.)

[1] facínora: diz-se de ou indivíduo que executa um crime com crueldade ou perversidade acentuada.

[2] Mineirinho: apelido pelo qual era conhecido o criminoso carioca José Miranda Rosa. Acuado pela polícia, acabou crivado de balas e seu corpo foi encontrado à margem da Estrada Grajaú-Jacarepaguá, no Rio de Janeiro.

180 - (UNIFESP SP)

O tom predominante no texto é de

a) resignação.

b) ironia.

c) melancolia.

d) indignação.

e) luto.

GABARITO:

1) Gab: E

2) Gab: C

3) Gab: C

4) Gab: B

5) Gab: E

6) Gab: D

7) Gab: E

8) Gab: B

9) Gab: D

10) Gab: A

11) Gab:A

12) Gab: B

13) Gab: B

14) Gab: B

15) Gab: E

16) Gab:E

17) Gab: D

18) Gab: C

19) Gab: B

20) Gab: C

21) Gab: E

22) Gab: A

23) Gab: A

24) Gab: D

25) Gab: A

26) Gab: D

27) Gab: A

28) Gab: E

29) Gab: D

30) Gab: B

31) Gab: B

32) Gab: E

33) Gab: D

34) Gab: E

35) Gab: C

36) Gab: E

37) Gab: A

38) Gab: C

39) Gab: C

Gab: E

Gab: D

Gab: C

Gab: B

Gab: E

40) Gab: A

41) Gab: B

42) Gab: D

43) Gab: D

44) Gab: B

57) Gab: A

45) Gab: B

58) Gab: A

46) Gab: B

59) Gab: C

47) Gab: E

60) Gab: C

48) Gab: D

61) Gab: C

49) Gab: D

62) Gab: A

50) Gab: B

63) Gab: A

51) Gab: C

64) Gab: A

52) Gab: C

65) Gab: B

53) Gab: A

66) Gab: A

54) Gab: D

67) Gab: C

55) Gab: D

68) Gab: B

56) Gab: D

69) Gab: C

70) Gab: D

71) Gab: B

72) Gab: B

73) Gab: B

74) Gab: A

75) Gab: A

76) Gab: 02

77) Gab: C

78) Gab: E

79) Gab: C

80) Gab: A

81) Gab: B

82) Gab: E

83) Gab: C

84) Gab: B

85) Gab: C

86) Gab: B

87) Gab: B

88) Gab: B

89) Gab: E

90) Gab: B

91) Gab: A

92) Gab: C

93) Gab: D

94) Gab: A

95) Gab: A

96) Gab: B

97) Gab: C

98) Gab: B

99) Gab: A

100) Gab: C

101) Gab: B

102) Gab: A

103) Gab: C

104) Gab: D

105) Gab: E

106) Gab: E

107) Gab: E

108) Gab: E

109) Gab: D

110) Gab: E

111) Gab: E

112) Gab: A

113) Gab: D

114) Gab: A

115) Gab: D

116) Gab: D

117) Gab: B

118) Gab: C

119) Gab: B

120) Gab: D

121) Gab: D

122) Gab: B

123) Gab: A

124) Gab: D

125) Gab: D

126) Gab: A

127) Gab: E

128) Gab: B

129) Gab: B

130) Gab: E

131) Gab: E

132) Gab: A

133) Gab: A

134) Gab: E

135) Gab: 01

136) Gab: C

137) Gab: A

138) Gab: B

139) Gab: C

140) Gab: A

141) Gab: A

142) Gab: C

143) Gab: B

144) Gab: D

145) Gab: D

146) Gab: B

147) Gab: E

148) Gab: A

149) Gab: A

150) Gab: E

151) Gab: B

152) Gab: C

153) Gab: C

154) Gab: A

155) Gab: D

156) Gab: B

157) Gab: A

158) Gab: B

159) Gab: A

160) Gab: B

161) Gab: D

162) Gab: A

163) Gab: A

164) Gab: E

165) Gab: D

166) Gab: D

167) Gab: B

168) Gab: A

169) Gab: D

170) Gab: C

171) Gab: E

172) Gab: A

173) Gab: A

174) Gab: E

175) Gab: B

176) Gab: E

177) Gab: A

178) Gab: C

179) Gab: E

180) Gab: D